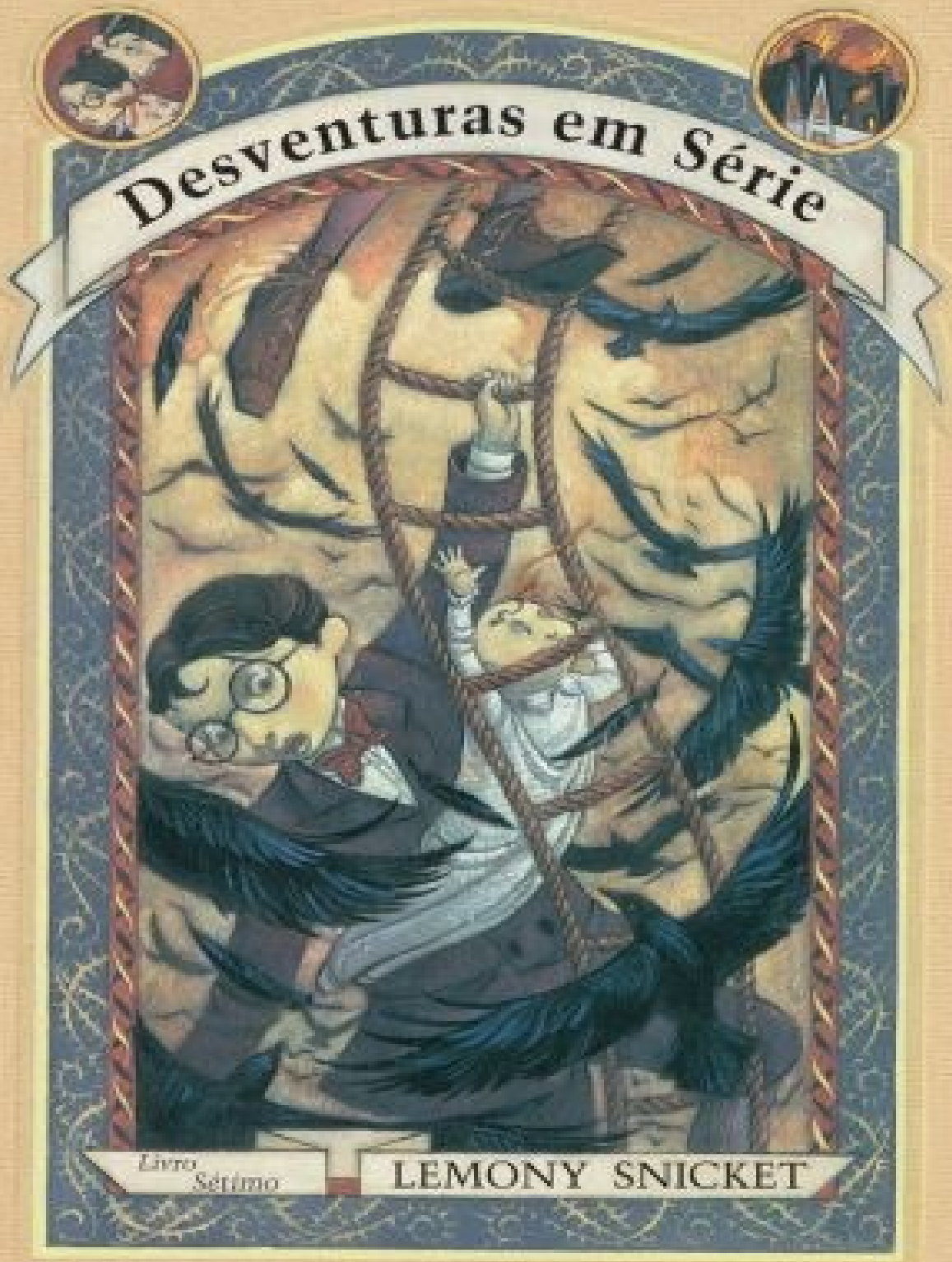
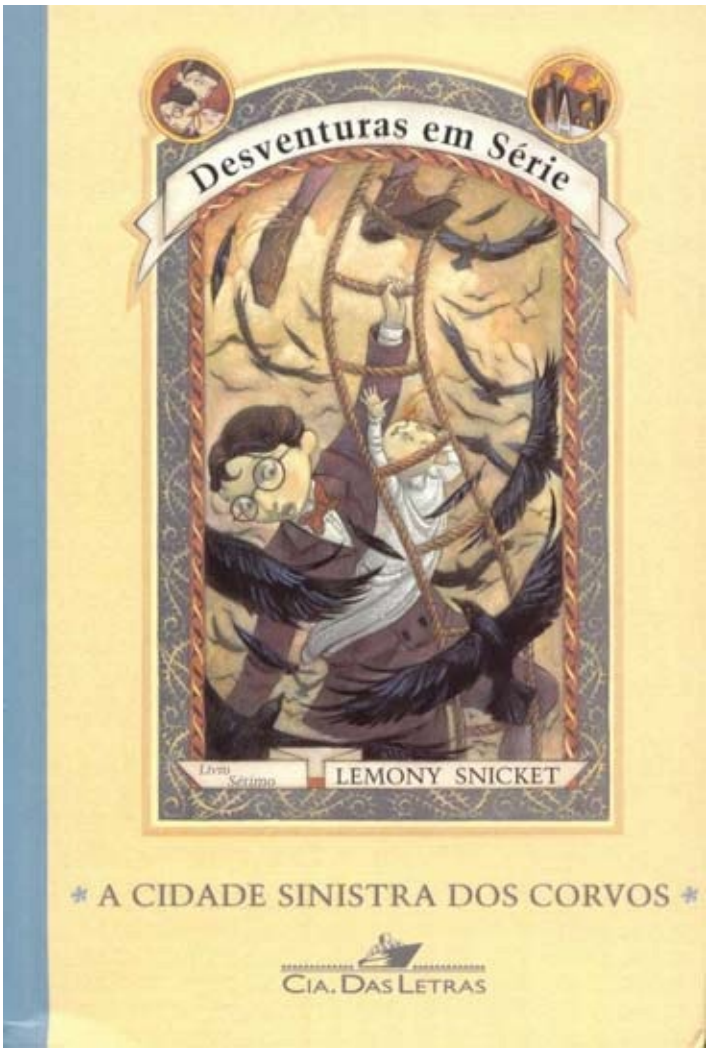


A CIDADE SINISTRA DOS CORVOS

CIA. DAS LETRAS



Lemony Snicket

Caro Leitor,

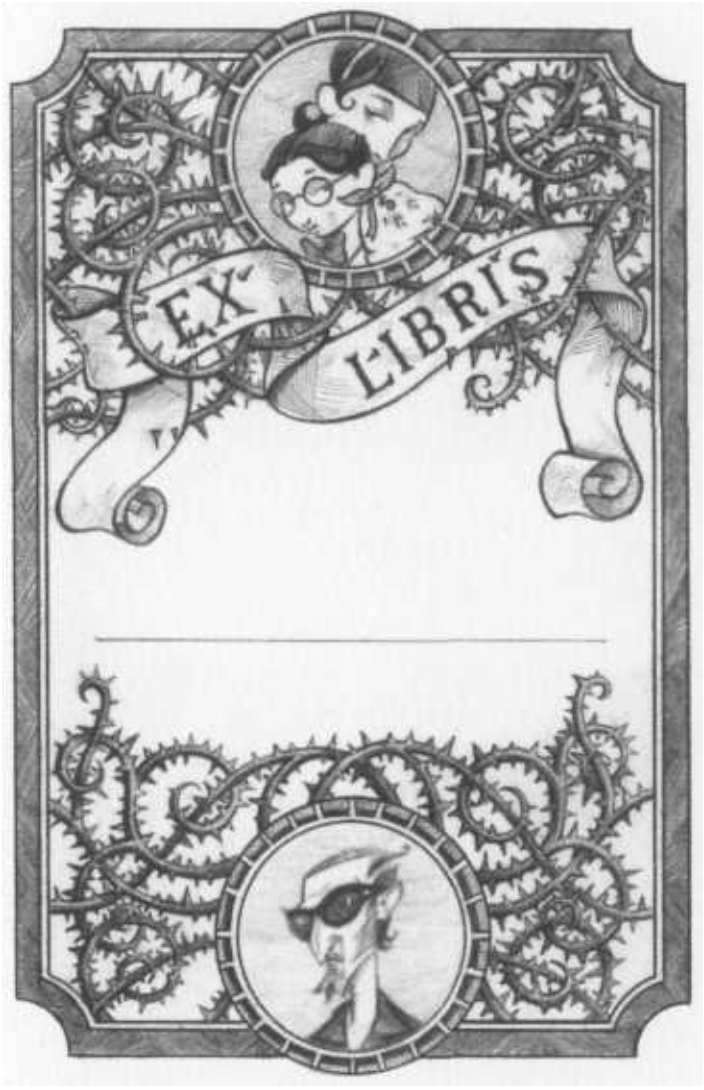
Com certeza você pegou este livro por engano, portanto por favor ponha-o de lado. Ninguém em juízo perfeito leria intencionalmente um livro sobre a vida de Violet, Klaus e Sunny Baudelaire, pois cada momento tenebroso de sua permanência na cidade de C.S.C. foi registrado nestas páginas de modo fiel e assustador. Não consigo pensar em uma única razão por que alguém abriria um livro que contém assuntos tão desagradáveis como corvos migrantes, uma turba irada, uma manchete de jornal, a prisão de pessoas inocentes, a Cela de Luxo e alguns chapéus muito esquisitos.

É minha solene e sagrada ocupação pesquisar cada detalhe da vida das crianças

Baudelaire e pôr no papel. Mas você pode preferir fazer alguma outra coisa solene e sagrada, como ler um outro livro no lugar deste.

Respeitosamente,

Lemony Snicket





Desventuras em Série

Livro sétimo

A CIDADE SINISTRA DOS CORVOS

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist

Tradução de Ricardo Gouveia

Para Beatrice —

Quando estávamos juntos, eu ficava sem fôlego.

Agora, foi você quem ficou.



CAPÍTULO

Um

Não importa quem você seja, não importa onde você more, e não importa

quantas pessoas o estejam perseguindo, o que você não lê é muitas vezes tão importante quanto o que você realmente lê. Por exemplo, se você está caminhando nas montanhas e não lê a placa que diz "Cuidado com o Despenhadeiro" porque está ocupado lendo, em vez disso, um livro de piadas, pode de repente se dar conta de que está caminhando no ar em vez de andar sobre uma sólida base rochosa. Se você está assando uma torta para os seus amigos e lê um artigo intitulado "Como construir uma cadeira" no lugar do livro de receitas, a sua torta provavelmente acabará ficando com gosto de madeira e pregos em vez de crosta crocante e recheio de frutas. E se você insistir em ler este livro em vez de ler alguma coisa mais alegre, muito certamente ficará gemendo de desespero em vez de se contorcer de prazer e, portanto, se tiver um pingo de juízo, porá de lado este livro e irá

pegar um outro. Por exemplo, eu sei de um livro chamado O menorzinho dos elfos, que conta a história de um homenzinho minúsculo que fica correndo de um lado para outro no País das Fadas, vivendo toda sorte de aventuras adoráveis, e você logo irá perceber que, provavelmente, faria melhor em ler O menorzinho dos elfos e se contorcer de prazer com as coisas adoráveis que aconteceram com essa criatura imaginária em um lugar de faz-de-conta, em vez de ler este livro e ficar gemendo com as coisas terríveis que aconteceram com os três órfãos Baudelaire na pequena cidade onde estou agora batendo à máquina estas mesmas palavras. Os tormentos, desgraças e perfídias contidos nas páginas deste livro são tão pavorosos que é importante que você não leia mais nada além do que já leu.

Os órfãos Baudelaire, na época em que começa esta história, certamente desejariam não estar lendo o jornal que tinham diante dos olhos. Um jornal, como estou certo de que vocês já sabem, é uma coleção de histórias supostamente verdadeiras, escritas por autores que, ou as viram acontecer, ou falaram com pessoas que viram. Esses autores são chamados jornalistas e, do mesmo modo que telefonistas, açougueiros, bailarinas e pessoas que ficam limpando a sujeira dos cavalos, os jornalistas podem às vezes cometer erros. Este foi certamente o caso com a primeira página da edição matutina d'O Pundonor Diário, que as crianças Baudelaire estavam lendo no escritório do sr. Poe. "GÊMEOS CAPTURADOS PELO CONDE OMAR", dizia a manchete, e os três irmãos se entreolharam, perplexos com os erros que os jornalistas d'O Pundonor Diário tinham cometido.

"'Duncan e Isadora Quagmire'", leu Violet em voz alta, "'os gêmeos que são os

únicos sobreviventes conhecidos da família Quagmire, foram raptados pelo notório conde Omar. Omar é procurado pela polícia por uma grande variedade de crimes escabrosos, e é facilmente reconhecível por sua única e longa sobrancelha e pelo olho tatuado no tornozelo esquerdo. Omar também raptou Esmé Squalor, a sexta consultora financeira mais importante da cidade, por razões desconhecidas. ' Eca!" A palavra "Eca!" não estava no jornal, é claro, mas foi algo que Violet pronunciou ela mesma, como um modo de dizer que estava enojada demais para prosseguir com a leitura. "Se eu inventasse alguma coisa de um jeito tão desleixado quanto este jornal escreve as suas matérias", disse ela,

"o invento se desmancharia sozinho imediatamente." Violet, que aos catorze anos era a mais velha das crianças Baudelaire, era também uma excelente inventora e passava um bocado de tempo com o cabelo amarrado com uma fita, para impedir que caísse nos olhos enquanto pensava em novos dispositivos mecânicos.

"E se eu lesse livros de um jeito tão desleixado", disse Klaus, "não conseguiria me lembrar de um só fato que fosse." Klaus, o Baudelaire do meio, tinha lido mais livros que qualquer pessoa da sua idade, que era quase treze anos. Em muitos momentos cruciais, suas irmãs já tinham contado com ele para se lembrar de algum fato útil de um livro que tinha lido anos antes.

"Krechin!", disse Sunny. Sunny, a mais jovem dos Baudelaire, era um bebê

pouco maior que uma melancia. Como muitas criancinhas, Sunny muitas vezes dizia palavras que eram difíceis de entender, como "Krechin!", que significava algo na linha de

"E se eu usasse os meus quatro dentões para morder alguma coisa de um jeito tão desleixado, não deixaria nem marca da mordida!".

Violet trouxe o jornal mais para perto de uma das luzes de leitura que o sr. Poe tinha no seu escritório, e começou a contar os erros que apareciam nas primeiras sentenças que tinha lido. "Para começar", disse ela, "os Quagmire não são gêmeos. Eles são trigêmeos. O fato de que o irmão deles pereceu no incêndio que matou os seus pais não muda a sua identidade de nascença."

"É claro que não", concordou Klaus. "E eles foram raptados pelo conde Olaf, não Ornar. Já dificulta bastante as coisas o fato de que Olaf está sempre disfarçado, mas agora o jornal disfarçou o nome dele também!"

"Esmé!", acrescentou Sunny, e seus irmãos concordaram, balançando a cabeça. A mais jovem dos Baudelaire estava falando da parte do artigo que mencionava Esmé

Squalor. Esmé e seu marido, Jerome, tinham sido recentemente os tutores dos Baudelaire, e as crianças viram com seus próprios olhos que Esmé não fora raptada pelo Conde Olaf. Esmé ajudara Olaf em segredo com o seu pérfido esquema, e fugira com ele no último minuto.

"E 'por razões desconhecidas' é o maior erro de todos", disse Violet, sombria. "As razões não são desconhecidas. Nós as conhecemos. Nós sabemos as razões por que Esmé, o conde Olaf e todos os seus cúmplices fizeram tantas coisas horríveis. É porque são pessoas horríveis." Violet pôs de lado O Pundonor Diário, correu os olhos pelo escritório do sr. Poe e uniu-se aos irmãos em um triste e profundo suspiro. Os órfãos Baudelaire estavam suspirando não só pelas coisas que tinham lido, como pelas coisas que não tinham lido. O artigo não mencionava que tanto os Quagmire como os Baudelaire tinham perdido os pais em incêndios terríveis, e que ambos os casais de pais tinham deixado enormes fortunas, e que o conde Olaf tinha maquinado todos os seus planos maléficos só para apropriar-se daquelas fortunas. O jornal deixara de observar que os trigêmeos Quagmire tinham sido raptados enquanto tentavam ajudar os Baudelaire a escapar das garras do conde Olaf, e que os Baudelaire quase conseguiram salvar os Quagmire, para em seguida vê-los arrebatados mais uma vez. Os jornalistas que escreveram a matéria não tinham incluído o fato de que Duncan Quagmire, que era ele mesmo um jornalista, e Isadora Quagmire, que era uma poeta, levavam sempre consigo um caderno cada um, aonde quer que fossem, e que em seus cadernos eles tinham anotado um segredo terrível que descobriram sobre o conde Olaf, porém tudo o que os Baudelaire sabiam a respeito desse segredo eram as iniciais C.S.C. , e que Violet, Klaus e Sunny estavam sempre pensando naquelas três letras e na coisa horripilante que poderiam significar. Chocante, mais que tudo, entretanto, era os órfãos Baudelaire não terem lido nem uma palavra sobre o fato de que os trigêmeos Quagmire eram bons amigos deles, e que os três irmãos estavam muito preocupados com os Quagmire, e que todas as noites, quando tentavam dormir, suas cabeças se enchiam de imagens horríveis do que poderia estar acontecendo com seus amigos, que eram praticamente a única coisa feliz ocorrida nas vidas dos Baudelaire desde que receberam a notícia do incêndio que matara seus pais e dera início à série de desventuras que parecia segui-los aonde quer que fossem. O artigo n'O Pundonor Diário provavelmente não mencionou esses detalhes

porque o jornalista que escrevera a matéria nada sabia a respeito deles, ou não pensou que fossem importantes, mas os Baudelaire sabiam tudo a respeito deles, e as três crianças ficaram sentadas juntas por alguns momentos e pensaram em silêncio sobre aqueles detalhes muito, muito importantes.

Um acesso de tosse vindo da porta do escritório tirou-os de seus pensamentos, e os Baudelaire se voltaram para ver o sr. Poe tossindo para dentro de um lenço branco. O

sr. Poe era um banqueiro que fora encarregado de cuidar dos órfãos depois do incêndio, e lamento dizer que ele era extremamente propenso a erros, uma expressão que aqui significa "estava sempre com tosse e pusera as três crianças Baudelaire em um grande número de situações perigosas". O primeiro tutor que o sr. Poe encontrou para os jovens foi o próprio conde Olaf, e a tutora mais recente que encontrou para eles foi Esmé Squalor e, entre os dois, pusera as crianças em uma variedade de circunstâncias que provaram ser igualmente desagradáveis. Nessa manhã eles deveriam ficar sabendo acerca do seu novo lar, mas até agora tudo o que o sr. Poe fizera fora ter diversos ataques de tosse e deixá-los às voltas com um jornal mal escrito.

"Bom dia, crianças", disse o sr. Poe. "Sinto por tê-las deixado esperando, mas desde que fui promovido a Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos tenho andado muito, muito ocupado. Além disso, encontrar um novo lar para vocês foi uma tarefa um tanto aborrecida." Ele foi até a sua escrivaninha, que estava coberta por pilhas de papéis, e sentou-se em uma grande cadeira. "Fiz telefonemas para uma porção de parentes distantes de vocês, mas todos eles ouviram falar das coisas terríveis que tendem a acontecer onde quer que vocês se encontrem. É compreensível, eles ficam desassossegados demais por causa do conde Olaf para concordar em tomar conta de vocês. 'Desassossegado', aliás, quer dizer 'nervoso'. Há mais uma..." Um dos três telefones em cima da mesa do sr. Poe interrompeu-o com um toque estridente e feio. "Com licença", disse o banqueiro às crianças, e começou a falar ao telefone. "Aqui é Poe. O. K. O. K. O. K. Foi o que eu pensei. O. K. O. K. Obrigado, sr. Fagin. " O sr. Poe desligou o telefone e fez uma marca em um dos papéis sobre a sua escrivaninha. "Era um primo de vocês em décimo nono grau", disse o sr. Poe, "e a minha última esperança. Achei que poderia persuadi-lo a ficar com vocês, só por uns poucos meses, mas ele recusou. Não posso culpá-lo. Receio que a reputação de vocês como encrenqueiros esteja arruinando até mesmo a reputação do meu banco. "

"Mas nós não somos encrenqueiros", disse Klaus. "O encrenqueiro é o conde Olaf."

O sr. Poe tirou o jornal das crianças e examinou-o atentamente. "Bem, tenho certeza de que a matéria n'O Pundonor Diário vai ajudar as autoridades a finalmente capturarem Olaf, e então os seus parentes vão ficar menos desassossegados. "

"Mas a matéria está cheia de erros", disse Violet.

"As autoridades não vão saber nem qual é o verdadeiro nome dele. O jornal o chama de Ornar."

"A matéria foi um desapontamento para mim também", disse o sr. Poe. "O

jornalista disse que o jornal publicaria uma fotografia minha com o artigo, e uma legenda sobre a minha promoção. Mandei cortar o cabelo especialmente para isso. Ver o meu nome nos jornais teria deixado minha mulher e meus filhos muito orgulhosos, por isso entendo por que vocês ficaram desapontados com o fato de o artigo ser sobre os gêmeos Quagmire, e não sobre vocês."

"Não ligamos para ver os nossos nomes saindo nos jornais", disse Klaus, "e além disso, os Quagmire são trigêmeos, e não gêmeos."

"A morte do irmão deles muda a sua identidade de nascença", explicou o sr. Poe severamente, "mas não tenho tempo para falar sobre isso. Precisamos descobrir..." Tocou outro telefone e o sr. Poe desculpou-se de novo. "Aqui é Poe", disse ele ao telefone. "Não. Não. Não. Sim. Sim. Não importa. Até logo." Ele desligou o telefone e tossiu no seu lenço branco antes de enxugar a boca e voltar-se de novo para as crianças.

"Bem, esse telefonema resolveu todos os seus problemas", disse ele simplesmente. Os Baudelaire se entreolharam. Teriam prendido o conde Olaf? Os Quagmire teriam sido salvos? Alguém teria inventado um jeito de voltar no tempo e salvar seus pais do terrível incêndio? Como poderiam todos os seus problemas ter sido resolvidos com um telefonema a um banqueiro?

"Plinn?", perguntou Sunny.

O sr. Poe sorriu. "Vocês já ouviram o aforismo", disse ele, "'É preciso uma

cidade para educar uma criança?”

As crianças se entreolharam de novo, desta vez um pouco menos esperançosas. A citação de um aforismo, como os latidos zangados de um cão ou o cheiro de brócolis cozido demais, raramente é sinal de que algo de proveitoso está para acontecer. Um aforismo é apenas um pequeno grupo de palavras dispostas em uma certa ordem porque soam bem assim, porém muitas vezes as pessoas tendem a dize-las como se estivessem dizendo algo muito misterioso e sábio.

"Sei que isto provavelmente soa misterioso para vocês", continuou o sr. Poe,

"mas na verdade o aforismo é muito sério. 'É preciso uma cidade para educar uma criança' significa que a responsabilidade por cuidar dos jovens cabe a todos na comunidade."

"Acho que li alguma coisa a respeito desse aforismo em um livro sobre os pigmeus Mbuti", disse Klaus. "O senhor está nos mandando para viver na África?"

"Não seja bobo", disse o sr. Poe, como se os milhões de pessoas que vivem na África fossem todos ridículos. "Era a Prefeitura ao telefone. Diversas cidadezinhas dos arredores se inscreveram em um novo programa de tutoria baseado no aforismo 'É

preciso uma cidade para educar uma criança. Órfãos são enviados a essas cidades e todas as pessoas que vivem lá os educam em conjunto. Normalmente, eu sou a favor de estruturas familiares mais tradicionais, mas isto é realmente muito conveniente, e o testamento dos seus pais determina que vocês sejam educados do modo mais conveniente possível."

"Quer dizer que a cidadezinha inteira vai tomar conta de nós?", perguntou Violet.

"É um bocado de gente."

"Bem, imagino que eles devem se revezar", disse o sr. Poe, coçando o queixo.

"Não é como se vocês fossem postos na cama por três mil pessoas ao mesmo tempo."

"Snoita!", gritou Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como "Prefiro ser posta

na cama pelos meus irmãos, e não por estranhos!", mas o sr. Poe estava ocupado examinando os papéis em cima da sua mesa e não respondeu.

"Tenho a impressão de que recebi um folheto sobre esse programa pelo correio algumas semanas atrás", disse ele, "mas acho que se perdeu em algum lugar nesta mesa. Ah, aqui está. Dêem uma olhada vocês mesmos."

O sr. Poe estendeu a mão por cima da mesa para entregar-lhes um folheto colorido, e os órfãos Baudelaire deram uma olhada eles mesmos. Na capa estava o aforismo "É preciso uma cidade para educar uma criança" escrito em letras floreadas, e dentro havia fotos de crianças com sorrisos tão enormes que os Baudelaire ficaram com dor na boca só de olhar para eles. Uns poucos parágrafos explicavam que noventa e nove por cento dos órfãos que participavam do programa estavam felicíssimos por ter cidades inteiras para cuidar deles, e que todas as cidades listadas na contracapa estavam ansiosas por servir de tutoras para quaisquer crianças interessadas que tivessem perdido os pais. Os três Baudelaire olharam para as sorridentes fotografias e leram o floreado aforismo, e sentiram um frio na barriga. Sentiram-se mais do que um pouco nervosos com a idéia de ter uma cidade inteira como tutora. Já tinha sido suficientemente estranho quando eles estiveram sob os cuidados de diversos parentes. Quão estranho pareceria se centenas de pessoas estivessem tentando agir como Baudelaire substitutos?

"O senhor acha que estaríamos a salvo do conde Olaf", perguntou Violet, hesitante, "se vivêssemos com uma cidade inteira?"

"Acho que sim", disse o sr. Poe, e tossiu no seu lenço branco. "Com uma cidade inteira cuidando de vocês, provavelmente estarão mais seguros do que jamais estiveram. Além disso, graças à matéria n'O Pundonor Diário, tenho certeza de que Ornar será

capturado em três tempos. "

"Olaf", corrigiu Klaus.

"Sim, sim", disse o sr. Poe. "Eu queria dizer 'Omar'. Vejamos agora, que cidades estão listadas no folheto? Vocês, crianças, podem escolher o lugar onde vão morar, se quiserem."

Klaus virou o folheto ao contrário e leu a lista de cidades. "Paltryville", disse ele.

"É onde ficava a Serraria Alto-Astral. Passamos maus pedaços lá."

"Calten!", gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Eu não voltaria para lá nem por todo o chá da China!".

"A próxima cidade na lista é Tédia", disse Klaus. "O nome me soa familiar.”

"É perto do lugar onde vivia o tio Monty", disse Violet. "Não vamos morar lá. Isso nos faria sentir ainda mais saudades do tio Monty do que já sentimos." Klaus assentiu com a cabeça. "Além disso", disse ele, "a cidade fica perto do Mau Caminho, portanto é provável que tenha cheiro de raiz-forte. Aqui está um lugar de que nunca ouvi falar: Ophelia."

"Não, não", disse o sr. Poe. "Não quero que vocês morem na cidade do Banco de Ophelia. É um dos meus bancos menos favoritos, e não quero ter de passar por ele quando for visitá-los."

"Zounce!", disse Sunny, o que significava "Isto é ridículo!", mas Klaus deu-lhe uma cutucada com o cotovelo e apontou para a cidade seguinte na lista do folheto. Sunny rapidamente mudou de tom, uma expressão que aqui quer dizer "Em vez disso, imediatamente disse 'Gounce!', o que queria dizer algo como 'Vamos morar lá!' ou coisa do gênero".

"Gounce, sem dúvida", concordou Klaus, e mostrou a Violet do que ele e Sunny estavam falando. Violet engoliu em seco, os três irmãos se entreolharam e, mais uma vez, sentiram um frio na barriga. Mas esse frio não era tanto de nervoso, e sim de esperança

— uma esperança de que o último telefonema do sr. Poe tivesse realmente resolvido todos os seus problemas, e de que, quem sabe, aquilo que tinham lido bem ali no folheto revelasse ser mais importante do que o que não tinham lido no jornal. Pois no fim da lista de cidades, abaixo de Paltryville, e Tédia, e Ophelia, estava a coisa mais importante que leram na manhã inteira. Impressas na contracapa do folheto que o sr. Poe lhes dera, na mesma escrita floreada, estavam as letras C.S.C.



CAPÍTULO

Dois

Quando você viaja de ônibus, é sempre difícil decidir se é melhor sentar no assento perto da janela, no assento da passagem ou no assento do meio. Se você

escolhe um assento da passagem, tem a vantagem de poder esticar as pernas sempre que tiver vontade, mas tem a desvantagem de ter pessoas passando ao seu lado, as quais podem acidentalmente pisar no seu pé ou derramar alguma coisa na sua roupa. Se você escolhe um assento na janela, tem a vantagem de ter uma visão clara do panorama, mas tem a desvantagem de ficar vendo insetos morrerem ao bater no vidro. Se você

escolhe um assento do meio, não tem nenhuma dessas vantagens e ainda tem a desvantagem adicional de ter pessoas se encostando em você de todos os lados quando adormecem. Você vê logo de cara por que deve sempre contratar os serviços de uma limusine, ou então alugar uma mula, em vez de pegar o ônibus para o seu destino. Os órfãos Baudelaire, no entanto, não tinham dinheiro para contratar os serviços de uma limusine, e levariam várias semanas para chegar a C.S.C. em lombo de mula, portanto eles estavam viajando para o seu novo lar de ônibus. As crianças tinham pensado que precisariam se esforçar muito para convencer o sr. Poe a escolher C.S.C. como a sua nova cidade-tutora, porém, bem no momento em que viram as três iniciais no folheto, tocou um dos telefones do sr. Poe, e quando ele terminou de falar estava ocupado demais para discutir. Ele só teve tempo de fazer os arranjos com a Prefeitura e levá-los para a estação rodoviária. No bota-fora deles — uma expressão que aqui significa "pôr os Baudelaire no ônibus em vez de fazer a coisa bem-educada que seria levá-los pessoalmente ao novo lar" — ele os instruiu a se apresentarem na Prefeitura de C.S.C., e os fez prometer que não fariam nada que pudesse arruinar a reputação

do seu banco. Antes que eles se dessem conta, Violet estava aboletada em um assento da passagem tirando o pó do casaco e massageando os pés doloridos, e Klaus estava sentado em um assento da janela olhando para o panorama através de uma camada de insetos mortos. Sunny sentou-se entre eles, mascando o descanso de braço.

"Noencosta!", disse ela severamente, e o irmão sorriu.

"Não se preocupe, Sunny", disse ele. "Vamos tomar cuidado para não encostar em você se adormecermos. De qualquer jeito, não temos muito tempo para cochilos. Devemos chegar a C.S.C. a qualquer minuto agora."

"O que você acha que significa?", perguntou Violet. "Nem o folheto, nem o mapa da rodoviária mostravam nada além das três iniciais."

"Não sei", disse Klaus. "Você acha que devíamos ter contado ao sr. Poe sobre o segredo de C.S.C.? Talvez ele pudesse ter nos ajudado."

"Duvido", disse Violet. "Ele não foi de grande ajuda antes. Gostaria que os Quagmire estivessem aqui. Aposto que poderiam nos ajudar."

"Eu gostaria que os Quagmire estivessem aqui mesmo se não pudessem nos ajudar", disse Klaus, e as suas irmãs balançaram a cabeça concordando. Nenhum Baudelaire tinha mais nada a dizer sobre o quão preocupados estavam com os trigêmeos, e eles ficaram sentados em silêncio durante o resto do percurso, esperando que a chegada a C.S.C. os trouxesse mais para perto da salvação dos seus amigos.

"C.S.C.!", gritou afinal o motorista do ônibus. "Próxima parada, C.S.C.! Se olharem pela janela, poderão ver a cidade se aproximando, pessoal!"

"Que cara tem?", perguntou Violet a Klaus.

Klaus olhou pela janela através da camada de insetos mortos. "Achatada", disse ele.

Violet e Sunny se debruçaram para olhar e viram que o seu irmão havia dito a verdade. A paisagem era como se alguém tivesse traçado a linha do horizonte — a palavra "horizonte" aqui significa "a fronteira onde o céu termina e o mundo começa" — e depois esquecido de desenhar qualquer outra coisa. A terra se

estendia até onde o olho podia alcançar, mas não havia nada para o olho ver além de terra plana e seca e uma ocasional folha de jornal estremecendo com a passagem do ônibus.

"Não estou vendo nenhuma cidade", disse Klaus. "Vocês acham que fica debaixo da terra?"

"Novedri!", disse Sunny, o que queria dizer "Viver debaixo da terra não deve ser nada divertido!".

"Talvez aquilo lá adiante seja a cidade", disse Violet, apertando os olhos para ver o mais longe possível. "Lá longe, perto da linha do horizonte, tem um borrão preto meio indistinto. Parece fumaça, mas talvez seja apenas alguns edifícios vistos de longe. "

"Não consigo ver", disse Klaus. "Acho que aquela mariposa esmagada está

bloqueando a visão. Mas um borrão indistinto poderia ser apenas fata-morgana. "

"Fata?", perguntou Sunny.

"Fata-morgana é quando os seus olhos pregam peças em você, especialmente quando faz muito calor", explicou Klaus. "É causada pela distorção da luz através de camadas alternadas de ar quente e frio. Normalmente o fenômeno é chamado de miragem, mas eu gosto mais do nome 'fata-morgana'. "

"Eu também", concordou Violet, "mas esperemos que não seja uma miragem ou fata-morgana. Esperemos que seja C.S.C."

"C.S.C.!", gritou o motorista, e o ônibus parou. "C.S.C.! Passageiros para C. S. C. queiram desembarcar!”

Os Baudelaire se levantaram, recolheram seus pertences e seguiram pela passagem, mas quando chegaram à porta aberta do ônibus eles pararam e perscrutaram, hesitantes, a paisagem achatada e vazia.

"Esta é realmente a parada de C.S.C.?", perguntou Violet ao motorista. "Eu pensei que C.S.C. fosse uma cidadezinha."

"E é", retrucou o motorista. "Apenas siga na direção daquele borrão preto

indistinto lá no horizonte. Sei que parece uma... bem, não me lembro da expressão para quando os seus olhos pregam peças em você. Mas é realmente a cidade."

"Não daria para nos deixar um pouco mais perto?", perguntou Violet timidamente.

"Temos um bebê conosco, e a distância parece ser muito grande para ir andando."

"Gostaria de poder ajudá-los", disse o motorista gentilmente, baixando os olhos para Sunny, "mas o Conselho dos Anciãos tem regras muito estritas. Tenho de desembarcar os passageiros bem aqui; caso contrário, poderia ser severamente punido. "

"O que é o Conselho dos Anciãos?", perguntou Klaus.

"Ei!", gritou uma voz do fundo do ônibus. "Diga a essas crianças para andarem logo e saírem do ônibus! A porta aberta está deixando os insetos entrarem!"

"É melhor saírem, crianças", disse o motorista do ônibus, e os Baudelaire desceram do ônibus para as terras achatadas de C.S.C. As portas se fecharam e, com um pequeno aceno, o motorista arrancou, deixando as crianças sozinhas na paisagem desolada. Os irmãos ficaram olhando enquanto o ônibus ia ficando cada vez menor na distância e então se voltaram na direção do borrão preto indistinto do seu novo lar.

"Bem, agora posso ver", disse Klaus, apertando os olhos atrás dos óculos, "mas não posso acreditar. Vai levar o resto da tarde para caminharmos toda essa distância. "

"Então é melhor ir andando", disse Violet, içando Sunny para cima da sua mala.

"Esta mala tem rodinhas", disse ela para a irmã, "portanto você pode ficar sentada em cima enquanto eu vou puxando."

"Bigada!", disse Sunny, o que queria dizer "É muito gentil da sua parte!", e os Baudelaire começaram a sua longa caminhada rumo ao borrão preto e indistinto no horizonte. Mal tinham dado os primeiros passos, as desvantagens da viagem de ônibus ficaram parecendo batatinhas. "Batatinhas" é uma expressão que não

tem nada a ver com tubérculos que são muito pequenos em tamanho. Em vez disso, refere-se à mudança dos sentimentos de uma pessoa em relação a alguma coisa, quando comparada com outra coisa. Há quem prefira dizer "café pequeno". Se você estivesse caminhando na chuva, por exemplo, poderia ficar preocupado com a possibilidade de se molhar, mas se dobrasse uma esquina e visse uma matilha de cães ferozes, a possibilidade de se molhar se transformaria repentinamente em batatinhas ou café pequeno, se comparada com a possibilidade de ser perseguido numa rua sem saída por cães ferozes que vão latir para você e, possivelmente, devorá-lo. Quando os Baudelaire começaram a sua longa jornada rumo a C.S.C., os insetos mortos, os pés pisados e a possibilidade de alguém se encostar neles para dormir se transformaram em batatinhas em comparação com as coisas muito mais desagradáveis que estavam encontrando. Sem ter mais nada naquela terra plana contra o que soprar, o vento concentrou seus esforços em Violet, uma expressão que aqui significa que em pouco tempo os cabelos dela ficaram tão desvairadamente emaranhados que até parecia que nunca tinham visto um pente na vida. Como Klaus estava atrás de Violet, o vento não soprou muito nele, mas sem ter mais nada naquela paisagem vazia a que se pegar, a poeira da terra concentrou seus esforços no Baudelaire do meio, e logo ele estava empoeirado dos pés à cabeça, como se anos se tivessem passado desde a última vez em que tomara uma ducha. Empoleirada em cima da bagagem de Violet, Sunny estava fora do caminho da poeira, mas sem ter mais nada naquelas terras desoladas sobre o que brilhar, o sol concentrou seus esforços nela, o que significava que logo ela ficou tão queimada de sol quanto um bebê que passara seis meses na praia, em vez de umas poucas horas em cima de uma mala.

Porém, até mesmo enquanto eles se aproximavam cada vez mais da cidade, C.S.C. continuava parecendo um borrão tão indistinto quando parecera de longe. À

medida que as crianças iam chegando cada vez mais perto do seu novo lar, começaram a ver alguns edifícios de diferentes alturas e larguras, separados por ruas estreitas e largas, e os Baudelaire puderam ver até as formas altas e magricelas dos postes de luz e mastros de bandeira se estendendo na direção do céu. Mas tudo o que eles viam — da ponta do edifício mais alto até a curva da rua mais estreita — era preto como azeviche, e parecia estar tremendo ligeiramente, como se a cidade inteira tivesse sido pintada em um pedaço de pano que tremulava ao vento. Os edifícios tremulavam, e os postes tremulavam, e até mesmo as ruas tremiam muito de leve; aquilo não se parecia com nenhuma

cidade que os Baudelaire já tivessem conhecido. Era um mistério, mas, diferentemente de todos os mistérios, depois que as crianças chegaram aos arredores de C.S.C. e ficaram sabendo o que causava o efeito tremulante, não se sentiram nem um pouco melhor por ver o mistério esclarecido.

A cidade estava coberta de corvos. Praticamente cada centímetro de praticamente cada objeto tinha um grande pássaro preto empoleirado, lançando olhares desconfiados para as crianças ali paradas bem no limite da cidade. Havia corvos encarapitados nos telhados de todos os edifícios, empoleirados nos peitoris das janelas, e pousados nos degraus e nas calçadas. Corvos cobriam todas as árvores, desde os galhos mais altos até as raízes que se sobressaíam na terra atapetada de corvos, reunidos nas ruas em grandes números, entretidos em conversas de corvo. Corvos recobriam os postes e mastros de bandeira, e havia corvos deitados nos bueiros e descansando entre mourões de cercas. Havia até seis corvos amontoados sobre a placa que dizia

"Prefeitura", com uma seta indicando uma rua forrada de corvos. Os corvos não estavam crocitando ou grasnando, que é o que os corvos costumam fazer com freqüência, ou tocando cometa, coisa que os corvos praticamente nunca fazem, mas a cidade estava longe de estar em silêncio. O ar estava repleto de sons que os corvos faziam ao se mover de um lado para outro. Às vezes um corvo voava de um poleiro para outro, como se de repente tivesse se entediado de ficar pousado na caixa de correio e achasse que seria mais divertido se empoleirar na maçaneta da porta de um edifício. De vez em quando, vários corvos começavam a agitar as asas, como se tivessem ficado enrijecidos de tanto permanecer parados em cima de um banco e quisessem se espreguiçar um pouco. E

quase constantemente os corvos mudavam de posição sem sair do lugar, tentando se acomodar o melhor possível em um espaço tão apertado. Todo esse movimento explicava por que a cidade parecera tão tremulante à distância, mas isto certamente não fez com que os Baudelaire se sentissem melhor, e eles ficaram parados em silêncio por um bom tempo, tentando encontrar coragem para avançar por entre todos aqueles pássaros negros e palpitantes.

"Já li três livros sobre corvos", disse Klaus. "Eles são totalmente inofensivos. "

"Sim, eu sei", disse Violet. "Não é comum ver tantos corvos em um só lugar, mas eles não são motivo de preocupação. São batatinhas. "

"Zimuster", concordou Sunny, mas as três crianças ainda assim não deram nenhum passo mais para perto da cidade coberta de corvos. A despeito do que haviam dito uns para os outros — que os corvos eram aves inofensivas, que não tinham nada com que se preocupar, e "Zimuster", que significava algo como "Seria tolice ter medo de um bando de pássaros", ou coisa do gênero —, os Baudelaire sentiram que estavam encontrando algumas batatas grandes para valer.

Se eu mesmo fosse um dos Baudelaire, teria ficado parado no limite da cidade pelo resto da minha vida, choramingando de medo, em vez de dar um passo que fosse para dentro das ruas cobertas de corvos, mas os Baudelaire só precisaram de uns poucos minutos para reunir coragem e avançar por entre todos aqueles pássaros crocitantes e semoventes até a Prefeitura.

"Isto não é tão difícil quanto eu imaginei que fosse", disse Violet em voz baixa para não perturbar os corvos mais próximos. "Não são exatamente batatinhas, mas há

espaço suficiente para andar entre os grupos de corvos."

"É verdade", disse Klaus, de olho na calçada para não pisar em nenhum rabo de corvo. "E eles tendem a se afastar para o lado, um pouquinho de nada, quando passamos."

"Racá", disse Sunny, engatinhando o mais cautelosamente que podia. Ela queria dizer alguma coisa na linha de "É quase como andar no meio de uma silenciosa, porém educada, multidão de pessoas muito baixinhas", e os irmãos dela sorriram concordando. Em pouco tempo, já tinham andado um quarteirão inteiro da rua forrada de corvos, e lá na outra esquina havia um edifício alto e imponente que parecia ser feito de mármore branco

— pelo menos, até onde os Baudelaire podiam ver, pois estava coberto de corvos como o resto das vizinhanças. Até na placa que dizia "Prefeitura" parecia estar escrito "ef tur", porque três corvos enormes estavam empoleirados ali, fitando os Baudelaire com os seus olhinhos de contas. Violet ergueu a mão como quem vai bater à porta, mas parou.

"O que foi?", disse Klaus.

"Nada", replicou Violet, ainda com a mão suspensa no ar. "Acho que estou só

um pouquinho de-sassossegada. Afinal, esta é a Prefeitura de C.S.C. Até onde sabemos, atrás desta porta pode estar o segredo que estamos procurando desvendar desde que os Quagmire foram raptados pela primeira vez."

"Talvez não devêssemos alimentar esperanças", disse Klaus. "Lembrem-se, quando moramos com os Squalor pensamos que tínhamos resolvido o mistério de C.S.C., mas estávamos errados. Podemos estar errados também desta vez."

"Mas também podemos estar certos", disse Violet, "e se estivermos certos, devemos estar preparados para qualquer coisa terrível que esteja atrás desta porta."

"A não ser que estejamos errados", ressaltou Klaus.

"Neste caso, não temos de estar preparados para nada."

"Gacsú!", disse Sunny. Ela queria dizer algo na linha de "Não vejo por que discutir, porque nunca saberemos se estamos certos ou errados a não ser que batamos à

porta", e antes que seus irmãos pudessem reagir ela engatinhou em volta das pernas de Klaus e meteu a cara, uma expressão que aqui quer dizer "bateu decididamente à porta com os pequeninos nós dos seus dedos".

"Entre!", bradou uma voz imponente, e os Baudelaire abriram a porta e se viram em uma grande sala com teto muito alto, chão muito lustroso e um banco muito grande, com retratos muito detalhados de corvos pendurados nas paredes. Na frente do banco havia uma pequena plataforma onde estava uma mulher, em pé, usando um capacete de motociclista, e atrás da plataforma havia talvez uma centena de cadeiras de dobrar, a maioria das quais tinha uma pessoa sentada em cima, olhando fixamente para os órfãos Baudelaire. Mas os órfãos Baudelaire não tinham os olhos fixos nessas pessoas. As três crianças estavam olhando para as pessoas sentadas no banco, tão fixamente que mal chegaram a relancear o olhar para as cadeiras de dobrar.

No banco, rigidamente sentadas lado a lado, estavam vinte e cinco pessoas que tinham duas coisas em comum. A primeira coisa era que eram todas bastante velhas — a pessoa mais jovem no banco, uma mulher sentada na ponta mais distante, parecia ter por volta de oitenta e um anos de idade, e todas as outras pareciam ser bem mais velhas. Mas a segunda coisa que elas tinham em comum

era muito mais interessante. A primeira vista, parecia que alguns corvos tinham voado das ruas lá para dentro e se empoleirado nas cabeças das pessoas sentadas no banco, mas quando os Baudelaire olharam mais atentamente, viram que os corvos não piscavam os olhos, nem agitavam as asas, nem faziam movimento de nenhum tipo, e as crianças se deram conta de que aqueles nada mais eram senão chapéus pretos, feitos de modo a parecer corvos de verdade. Era um tipo de chapéu tão esquisito para usar que as crianças ficaram olhando fixamente durante um considerável número de minutos sem se dar conta de mais coisa nenhuma.

"Vocês são os órfãos Baudelaire?", perguntou em voz áspera um dos velhos que estavam sentados no banco. Enquanto ele falava, a cabeça do seu corvo bamboleava de leve, o que só servia para fazer o chapéu parecer ainda mais ridículo. "Estávamos esperando por vocês, embora ninguém tenha me contado que teriam uma aparência tão horrível. Vocês três são as crianças mais descabeladas pelo vento, empoeiradas e queimadas de sol que já vi. Vocês têm certeza de que são as crianças que estávamos esperando?"

"Sim", respondeu Violet. "Eu sou Violet Baudelaire, e estes são meu irmão Klaus, e minha irmã, Sunny, e a razão por que nós... "

"Psiu", fez um dos outros velhos. "Neste momento, não estamos discutindo vocês. A Regra nº 492 reza claramente que o Conselho dos Anciãos só discutirá coisas que estão em cima da plataforma. Neste momento estamos discutindo a nossa nova chefe de polícia. Alguma pergunta dos cidadãos com respeito à oficial Luciana?"

"Sim, eu tenho uma pergunta", falou um homem de calças axadrezadas. "Quero saber o que aconteceu com o nosso antigo chefe de polícia. Eu gostava daquele sujeito." A mulher na plataforma ergueu a mão enluvada de branco e os Baudelaire se voltaram para olhar para ela pela primeira vez. A oficial Luciana era uma mulher muito alta, usando grandes botas pretas, um casaco azul com uma insígnia reluzente e um capacete de motociclista com o visor puxado para baixo, cobrindo os olhos. Os Baudelaire podiam ver a sua boca debaixo do visor, coberta de batom vermelho-brilhante. "O antigo chefe de polícia está com a garganta inflamada", disse ela, voltando o capacete para o homem que tinha feito a pergunta. "Ele engoliu acidentalmente uma caixa de percevejos. Mas não vamos perder tempo falando dele. Sou a sua nova chefe de polícia e vou garantir que todos os violadores de regras da cidade sejam adequadamente punidos. Não

vejo o que mais pode haver para discutir."

"Concordo plenamente", disse o Ancião que tinha sido o primeiro a falar, e as pessoas sentadas nas cadeiras de dobrar concordaram. "O Conselho dos Anciãos encerra aqui a discussão da oficial Luciana. Hector, por favor traga os órfãos para a plataforma, para que sejam discutidos."

Um homem alto e muito magro, de macacão amarrotado, ergueu-se de uma das cadeiras de dobrar assim que a chefe de polícia desceu da plataforma com um sorriso de batom. Olhos no chão, o homem foi até os Baudelaire e apontou primeiro para o Conselho dos Anciãos sentado no banco, e depois para a plataforma vazia. Embora tivessem preferido um método mais polido de comunicação, as crianças entenderam imediatamente; Violet e Klaus subiram à plataforma e depois ergueram Sunny para juntar-se a eles.

Uma das mulheres no Conselho dos Anciãos falou. "Estamos agora discutindo a tutela dos órfãos Baudelaire. Sob o novo programa governamental, toda a cidade de C.S.C. atuará como tutora destas três crianças porque é preciso uma cidade para educar uma criança. Alguma pergunta?"

"Estes são os mesmos Baudelaire", veio uma voz do fundo da sala, "que estiveram envolvidos no rapto dos gêmeos Quagmire pelo conde Omar?" Os Baudelaire se voltaram para ver uma mulher usando um robe

cor-de-rosa-claro e segurando um exemplar d'O Pundonor Diário. "Diz aqui no jornal que um conde malfazejo está atrás dessas crianças. Não quero uma coisa assim na nossa cidade!"

"Nós já cuidamos desse assunto, sra. Morrow", retrucou um outro membro do Conselho em tom tranqüilizador. "Explicaremos em um momento. Agora, quando crianças têm um tutor, o tutor as obriga a fazer tarefas domésticas, portanto segue-se que vocês, crianças Baudelaire, farão todas as tarefas domésticas para a cidade inteira. A começar de amanhã, vocês três serão responsáveis por qualquer coisa que qualquer pessoa lhes peça para fazer. "

As crianças se entreolharam incrédulas. "A senhora me perdoe", disse Klaus timidamente, "mas só há vinte e quatro horas em um dia, e parece que há várias centenas de cidadãos. Como vamos encontrar o tempo necessário para fazer as tarefas domésticas de todo mundo?"

"Silêncio!", disseram em uníssono vários membros do Conselho, e então a mulher que parecia ser a mais jovem falou. "A Regra nº 920 reza claramente que ninguém pode falar enquanto está na plataforma a não ser que seja um oficial de polícia. Vocês são órfãos e não oficiais de polícia, portanto calem-se. Agora, devido aos corvos de C.S.C., vocês terão de programar as suas tarefas domésticas como se segue: na parte da manhã, os corvos pousam na cidade alta, portanto é nesse período que vocês farão as suas tarefas na cidade baixa, para que os corvos não fiquem no seu caminho. Na parte da tarde, como podem ver, os corvos pousam na cidade baixa, portanto vocês farão as suas tarefas na cidade alta. Por favor, dêem uma atenção especial ao nosso novo chafariz, que acabou de ser instalado esta manhã. É um chafariz muito bonito e precisa ser mantido o mais limpo possível. À noite, os corvos se empoleiram na Arvore do Nunca Mais, que fica nos arredores da cidade, portanto não há problemas aqui. Alguma pergunta?"

"Eu tenho uma pergunta", disse o homem de calças axadrezadas. Ele ergueu-se da sua cadeira de dobrar e apontou para os Baudelaire. "Onde eles vão morar? Pode ser que seja preciso uma cidade para educar uma criança, mas isto não significa que os nossos lares precisam ser perturbados por crianças barulhentas, ou será que sim?"

"Isso mesmo", concordou a sra. Morrow. "Sou totalmente a favor de os órfãos fazerem as nossas tarefas domésticas, mas não quero que eles fiquem fazendo algazarra na minha casa."

Diversos outros cidadãos se manifestaram. "Ouçam, ouçam!", disseram eles, usando uma expressão que aqui significa "Também não quero Violet, Klaus e Sunny Baudelaire morando comigo!".

Um dos Anciãos, que parecia estar entre os mais velhos, ergueu as duas mãos no ar. "Por favor", disse ele. "Não há razão para todo esse tumulto. As crianças vão morar com Hector, o nosso factótum. Ele lhes dará de comer, as vestirá e cuidará para que façam todas as tarefas, e é responsável por ensinar-lhes todas as regras de C.S.C., para que não façam mais coisas horríveis tais como falar enquanto estão sobre a plataforma."

"Graças a Deus", murmurou o homem de calças axadrezadas.

"Escutem uma coisa, Baudelaires", disse uma outra mulher do Conselho. Ela

estava sentada tão longe da plataforma que teve de esticar o pescoço para olhar para as crianças, e parecia que o seu chapéu ia cair da cabeça. "Antes que Hector os leve para a casa dele, estou certa de que vocês têm as suas próprias preocupações. É uma pena que não possam falar nada neste momento, do contrário poderiam nos contar quais são elas. Mas o sr. Poe nos mandou algum material com relação a esse tal de conde Olaf. "

"Omar", corrigiu a sra. Morrow, apontando para a manchete no jornal.

"Silêncio!", disse a Anciã, ao ser interrompida. "Escutem uma coisa, Baudelaires, estou certa de que vocês estão preocupados com esse tal de Olaf, mas, como sua tutora, a cidade os protegerá. É por isso que criamos recentemente uma nova regra, a Regra nº

19833. Ela reza claramente que nenhum vilão será permitido dentro dos limites da cidade."

"Ouçam, ouçam!", gritaram os cidadãos, e o Conselho dos Anciãos balançou a cabeça em aprovação, com os chapéus de corvo bamboleando.

"Agora, se não há mais perguntas", concluiu um Ancião, "Hector, por favor, leve-os para a sua casa."

Ainda de olhos fixos no chão, o homem de macacão marchou em silêncio até a plataforma e levou-os para fora da sala. As crianças se apressaram para acompanhar o passo do factótum, que não pronunciara uma só palavra esse tempo todo. Estaria infeliz por ter de cuidar das três crianças? Estaria zangado com o Conselho dos Anciãos? Seria totalmente incapaz de falar? Aquilo fez os Baudelaire lembrar de um dos associados do conde Olaf, aquele que não parecia nem homem nem mulher e que dava a impressão de nunca falar. As crianças se mantiveram alguns passos atrás de Hector enquanto ele caminhava para sair do edifício, quase com medo de chegar mais perto de um homem tão esquisito e calado.

Quando Hector abriu a porta da Prefeitura e saiu com as crianças para a calçada coberta de corvos, deixou escapar um grande suspiro — o primeiro som que as crianças ouviram partindo dele. Olhou, então, para cada um dos Baudelaire e ofereceu-lhes um sorriso gentil. "Eu nunca fico verdadeiramente relaxado", disse ele em uma voz agradável,

"enquanto não saio da Prefeitura. O Conselho dos Anciãos faz com que eu me sinta muito desassossegado. Todas aquelas regras estritas! Me deixam tão desassossegado que jamais falo durante as reuniões deles. Mas sempre me sinto muito melhor depois que saio do edifício. Agora, parece que vamos passar um bocado de tempo juntos, portanto vamos deixar algumas coisas claras. Número um, me chamem de Hector. Número dois, espero que vocês gostem de comida mexicana, porque essa é a minha especialidade. E número três, quero que vocês vejam uma coisa maravilhosa, e está bem na hora. O sol está

começando a se pôr."

Era verdade. Os Baudelaire não tinham notado, quando saíram da Prefeitura, que a luz da tarde já tinha ido embora e que o sol estava começando a desaparecer no horizonte. "É lindo", disse Violet educadamente, muito embora jamais tivesse entendido o porquê de todo aquele alvoroço em volta de ficar em pé por aí admirando pores-do-sol.

"Psiu", fez Hector. "Quem se importa com o pôr-do-sol? Apenas fiquem em silêncio por um minuto e observem os corvos. Deve acontecer a qualquer segundo."

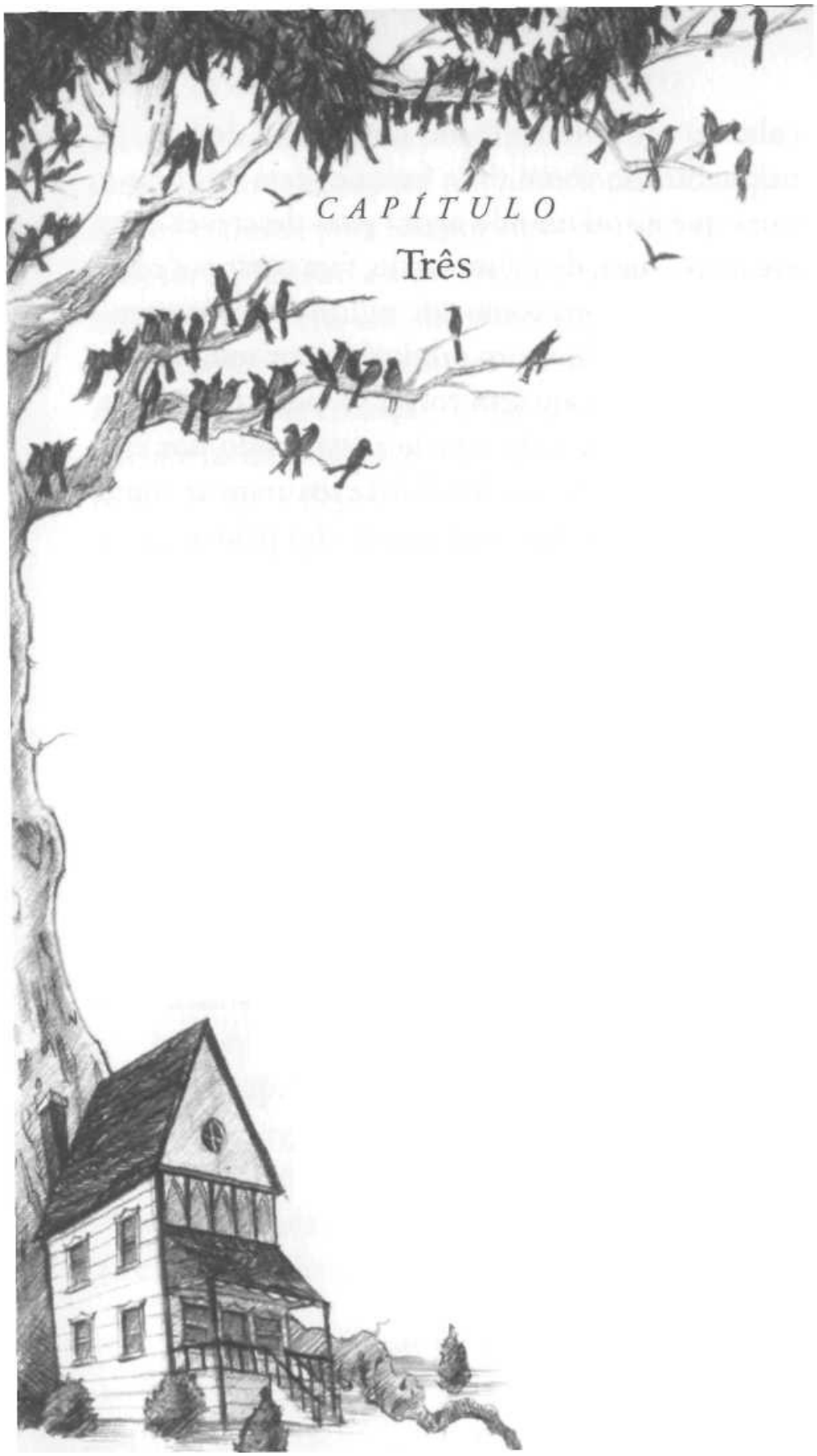
"O que deve acontecer?", disse Klaus.

"Psiu", fez Hector de novo, e então começou a acontecer. O Conselho dos Anciãos já tinha contado aos Baudelaire sobre os hábitos de pouso dos corvos, mas as três crianças não tinham realmente pensado duas vezes no assunto, uma expressão que aqui significa "refletido por um segundo que fosse sobre como seria quando milhares de corvos saíssem voando juntos para um novo local". Um dos corvos maiores, pousado em cima da caixa de correio, foi o primeiro a alçar vôo e, com um ruflar de asas, ele — ou ela; era difícil distinguir de tão longe — começou a voar em um grande círculo acima das cabeças das crianças. Então um corvo de uma das janelas da Prefeitura subiu para juntar-se ao primeiro corvo, e depois um de um arbusto ali perto, depois três da rua, depois centenas de corvos começaram a subir ao mesmo tempo e a circular no ar, e foi como se uma enorme sombra se erguesse da cidade. Os Baudelaire podiam finalmente ver como eram todas as ruas da cidade, e podiam olhar atentamente para cada detalhe dos edifícios à medida que mais e mais corvos abandonavam os seus poleiros vespertinos. Mas as crianças mal olharam para a cidade. Em vez disso, olharam diretamente para cima, para a bela e misteriosa visão de todos aqueles

pássaros formando um enorme círculo no céu.

"Não é maravilhoso?", exclamou Hector. Seus braços compridos e magrelos estavam esticados, e ele teve de erguer a voz acima do som das asas farfalhantes. "Não é maravilhoso?"

Violet, Klaus e Sunny concordaram com a cabeça e ficaram olhando para os milhares de corvos circulando acima deles como uma massa de fumaça palpitante, ou como tinta fresca e preta — como a tinta que estou usando agora para descrever esses eventos — que, de algum modo, fora parar nos céus. O som das asas era como um milhão de páginas sendo folheadas, e o vento produzido por toda aquela agitação soprou em seus rostos sorridentes. Por um momento, com todo aquele ar passando por eles velozmente, os órfãos Baudelaire sentiram-se como se também eles pudessem alçar vôo pelo ar, para longe do conde Olaf e de todos os seus problemas, e juntar-se ao círculo de corvos no céu do anoitecer.



CAPÍTULO

Três

"Aquilo não foi maravilhoso?", disse Hector, quando os corvos pararam de circular e começaram a voar para longe, como uma enorme nuvem negra por cima dos edifícios, afastando-se dos órfãos Baudelaire. "Aquilo não foi maravilhoso? Aquilo não foi absolutamente superlativo? Aliás, isto quer dizer a mesma coisa que 'maravilhoso'."

"Com certeza foi", Klaus concordou, sem acrescentar que já conhecia a palavra

"superlativo" desde que tinha onze anos.

"Eu vejo isso praticamente todas as manhãs", disse Hector, "e sempre me impressiona. E também sempre me deixa com fome. O que vamos comer esta noite? Que tal enchiladas de galinha? É um prato mexicano que consiste em tortilhas de milho enroladas em um recheio de galinha e cobertas de queijo derretido e um molho especial que aprendi a fazer com a minha professora do segundo grau. Que tal?"

"Parece delicioso", disse Violet.

"Que bom", disse Hector. "Eu desprezo pessoas cheias de nove-horas com comida. Bem, é uma boa caminhada até a minha casa, portanto vamos conversar enquanto andamos. Me dêem as suas malas, vou carregá-las e vocês dois podem carregar a sua irmã. Sei que vocês tiveram de caminhar desde a parada do ônibus e ela já fez exercício mais que suficiente para um bebê. "

Hector agarrou a bagagem dos Baudelaire e seguiu na frente pela rua, que agora estava vazia a não ser por algumas penas de corvo esparsas. Bem acima das suas cabeças, os corvos estavam fazendo uma curva fechada para a esquerda, e Hector ergueu a mala de Klaus para apontá-los. "Não sei se vocês estão familiarizados com a expressão 'em vôo de corvo'", disse Hector, "mas significa que é o caminho mais curto para chegar lá. Usualmente não tem nada a ver com corvos de verdade, mas neste caso tem tudo a ver. Estamos a cerca de um quilômetro e meio de distância da minha casa em vôo de corvo — de fato, do modo como voam todos aqueles corvos. À noite, eles se empoleiram na Árvore do Nunca Mais, que fica no meu quintal. Mas, para nós, leva mais tempo para chegar lá, pois temos de atravessar C.S.C. a pé em vez de voar pelo ar."

"Hector", disse Violet timidamente, "nós estávamos nos perguntando o que exatamente quer dizer C.S.C."

"Ah, sim", disse Klaus. "Por favor, conte-nos."

"É claro que vou contar a vocês", disse Hector, "mas não sei por que ficar tão alvoroçados com isso. É apenas mais um contra-senso do Conselho dos Anciãos." Os Baudelaire se entreolharam, hesitantes. "O que quer dizer?", perguntou Klaus.

"Bem, cerca de trezentos anos atrás", disse Hector, "um grupo de exploradores descobriu o bando de corvos que acabamos de ver. Os exploradores ficaram impressionados com os padrões migratórios deles — vocês sabem, de manhã eles sempre voam para a cidade alta, à tarde voam para a cidade baixa, e para a Arvore do Nunca Mais ao anoitecer. Não muito tempo depois, surgiu uma cidade e eles a chamaram de C.S.C."

"Mas o que quer dizer C.S.C.?", perguntou Violet.

"Cultores Solidários de Corvídeos", disse Hector. "'Cultores' é uma palavra que se aplica às pessoas que cultuam ou estudam alguma coisa, e 'corvídeos'..."

"... quer dizer 'corvos'", completou Klaus. "É este o segredo de C. S. C? Cultores Solidários de Corvídeos?"

"O que você quer dizer com segredo?", perguntou Hector. "Não é um segredo. Todo mundo sabe o que querem dizer essas letras."

Os Baudelaire suspiraram de confusão e desânimo, o que não é uma combinação agradável. "O que o meu irmão quer dizer", explicou Violet, "é que escolhemos C.S.C. para ser nossa nova tutora porque um terrível segredo nos foi contado

— um segredo com as iniciais C.S.C."

"Quem contou esse segredo para vocês?", perguntou Hector.

"Uns amigos nossos, muito queridos", respondeu Violet. "Duncan e Isadora Quagmire. Eles descobriram alguma coisa sobre o conde Olaf, mas antes que pudessem nos contar mais alguma..."

"Espere um minuto", disse Hector. "Quem é conde Olaf? A sra. Morrow estava falando sobre um conde Omar. Esse Olaf é irmão dele?"

"Não", disse Klaus, estremecendo só de pensar que Olaf podia ter um irmão.

"Receio que muitos dos fatos publicados n'O Pundonor Diário estejam errados."

"Bem, por que não esclarecemos esses fatos?", disse Hector dobrando uma esquina. "Que tal vocês me contarem exatamente o que aconteceu?"

"É uma história meio longa", disse Violet.

"Bem", disse Hector com um sorrisinho, "temos uma caminhada meio longa pela frente. Por que vocês não começam do começo?"

Os Baudelaire ergueram os olhos para Hector, suspiraram e começaram do começo, que parecia estar tão distante que eles ficaram surpresos por conseguir se lembrar tão claramente. Violet contou a Hector sobre o dia fatídico na praia quando ela e seus irmãos ficaram sabendo pelo sr. Poe que seus pais tinham morrido no incêndio que destruíra seu lar, e Klaus contou a Hector sobre os dias que passaram sob a tutela do conde Olaf. Sunny — com alguma ajuda de Klaus e Violet, que foram traduzindo para ela

— contou sobre o pobre tio Monty e sobre as coisas terríveis que aconteceram com a tia Josephine. Violet contou a Hector sobre o trabalho na Serraria Alto-Astral, Klaus contou-lhe sobre a Escola Preparatória Prufrock e Sunny relatou a horrível época em que moraram com Jerome e Esmé Squalor na Avenida Sombria 667. Violet contou a Hector tudo sobre os diversos disfarces do conde Olaf e sobre cada um dos seus nefandos parceiros, incluindo o homem de mão de gancho, as duas mulheres de cara empoada, o homem careca de nariz comprido e o que não parecia nem homem nem mulher, de quem os Baudelaire tinham se lembrado ao ver Hector tão calado. Klaus contou a Hector tudo sobre os trigêmeos Quagmire, e sobre a misteriosa passagem subterrânea que os levara de volta à sua antiga casa, e sobre a sombra de infortúnio que parecia pairar sobre eles praticamente em todos os momentos desde aquele dia na praia. E enquanto os Baudelaire contavam a Hector a sua longa história, eles começaram a se sentir como se o factótum estivesse carregando mais do que as suas malas. Eles se sentiram como se ele estivesse carregando cada palavra que diziam, como se cada desventura fosse um fardo que Hector estava ajudando a suportar. A história das vidas deles era tão desditosa que não posso dizer que eles se sentiram felizes quando acabaram de contá-la, mas quando Sunny concluiu toda a longa narrativa, os Baudelaire se sentiram como se estivessem suportando

muito menos.

"Quiun", concluiu Sunny, o que foi rapidamente traduzido por Violet como "E foi por isso que escolhemos esta cidade, na esperança de descobrir o segredo de C.S.C., salvar os trigêmeos Quagmire e derrotar o conde Olaf de uma vez por todas". Hector suspirou. "Vocês certamente passaram por uma provação", disse ele, usando uma palavra que aqui significa "um montão de problemas, a maior parte dos quais por culpa do conde Olaf". Ele parou por um instante e olhou para cada um dos Baudelaire.

"Vocês foram muito valentes, todos os três, e vou fazer o melhor que puder para assegurar que tenham um lar apropriado comigo. Mas devo dizer que acho que vocês chegaram a um beco sem saída."

"O que quer dizer?", perguntou Klaus.

"Bem, detesto ter de acrescentar más notícias à terrível história que vocês acabam de me contar", disse Hector, "mas acho que as iniciais a que se referiram os Quagmire e as iniciais desta cidade são mera coincidência. Como eu disse, esta cidade se chama C.S.C. há bem mais de trezentos anos. Quase nada mudou desde então. Os corvos sempre se empoleiraram nos mesmos lugares. As reuniões do Conselho dos Anciãos sempre foram à mesma hora todos os dias. Meu pai foi o factótum antes de mim, e o pai dele foi o factótum antes dele, e assim por diante, e coisa e tal. As únicas coisas novas nesta cidade são vocês três, crianças, e o Chafariz Corvídeo na cidade baixa, que vamos limpar amanhã. Não vejo como esta cidade poderia ter algo a ver com o segredo que os Quagmire descobriram. "

As crianças Baudelaire se entreolharam em grande frustração. "Pojic?", perguntou Sunny, exasperada. Ela queria dizer alguma coisa na linha de "Quer dizer que viemos para cá por nada?", mas Violet traduziu um pouco diferente.

"O que a minha irmã quer dizer", disse Violet, "é que é muito frustrante descobrir que estamos no lugar errado."

"Estamos preocupados com os nossos amigos", acrescentou Klaus, "e não queremos desistir de encontrá-los."

"Desistir?", disse Hector. "Quem falou em desistir? Só porque o nome desta cidade não ajuda muito, isto não quer dizer que vocês estejam no lugar errado.

Obviamente nós temos uma porção de tarefas domésticas a fazer, mas nas horas vagas podemos tentar descobrir o paradeiro de Duncan e Isadora. Sou um factótum, não um detetive, mas tentarei ajudá-los o melhor possível. Contudo, teremos de ser muito cautelosos. O Conselho dos Anciãos tem tantas regras que mal se pode fazer alguma coisa sem quebrar uma delas. "

"Por que o Conselho tem tantas regras?", perguntou Violet.

"Por que qualquer um tem uma porção de regras?", disse Hector com um encolher de ombros. "Para poder ficar mandando nas pessoas, eu acho. Graças a todas as regras de C.S.C., o Conselho dos Anciãos pode dizer às pessoas o que vestir, como falar, o que comer e até o que construir. A Regra nº 67, por exemplo, reza claramente que nenhum cidadão está autorizado a construir ou utilizar qualquer tipo de dispositivo mecânico."

"Isso significa que eu não posso construir nem usar nenhum dispositivo mecânico?", Violet perguntou a Hector. "Eu e meus irmãos somos cidadãos de C.S.C., agora que a cidade é a nossa tutora?"

"Receio que sim", disse Hector. "Vocês têm de seguir a Regra nº 67, junto com todas as outras regras."

"Mas Violet é uma inventora!", exclamou Klaus. "Os dispositivos mecânicos são muito importantes para ela!"

"É mesmo?", disse Hector, e sorriu. "Então você pode ser de grande ajuda para mim, Violet." Ele parou de andar e olhou em volta, como se a rua estivesse cheia de espiões e não completamente vazia. "Você é capaz de guardar um segredo?", perguntou ele.

"Sim", respondeu Violet.

Hector olhou em volta mais uma vez, depois inclinou-se para a frente e começou a falar em voz muito baixa. "Quando o Conselho dos Anciãos inventou a Regra nº 67", ele disse, "eles me ordenaram que removesse tudo o que fosse material de invenção da cidade."

"E o que você disse?", perguntou Klaus.

"Eu não disse nada", admitiu Hector, dobrando mais uma esquina na frente das

crianças. "O Conselho me deixa desassossegado demais para falar, vocês sabem disso. Mas vou contar o que eu fiz. Peguei todos os materiais e escondi no meu celeiro, que venho usando como uma espécie de ateliê de invenções."

"Eu sempre quis ter um ateliê de invenções", disse Violet. Mesmo sem perceber, ela já estava enfiando a mão no bolso e procurando uma fita para amarrar o cabelo para que não caísse nos olhos, como se já estivesse inventando alguma coisa e não só

falando sobre isso. "O que você já inventou até agora, Hector?"

"Ah, só algumas coisinhas", disse Hector, "mas tenho um projeto enorme que já

está quase ficando pronto. Estive construindo uma casa móvel auto-sustentável a ar quente."

"Nibdes?", disse Sunny. Ela queria dizer algo como "Pode explicar um pouquinho melhor?", mas Hector não precisava de encorajamento para continuar falando sobre a sua invenção.

"Não sei se vocês já subiram em um balão de ar quente", disse ele, "mas é muito estimulante. Você fica em pé dentro de uma grande cesta, com o balão enorme acima da sua cabeça, e fica olhando para baixo e vendo todos os campos debaixo de você, estendidos como um cobertor. É simplesmente superlativo. Bem, a minha invenção nada mais é senão um balão de ar quente — só que muito maior. Em vez de uma grande cesta, há doze cestas, todas amarradas umas nas outras debaixo de uma porção de balões de ar quente. Cada cesta funciona como uma sala diferente, portanto é como ter toda uma casa voadora. É completamente auto-sustentável — depois que você sobe dentro dela, nunca mais precisa descer de novo. Na verdade, se o meu novo motor funcionar direito, será impossível descer. O motor deverá durar muito mais de cem anos, e há uma enorme cesta de armazenagem que estou enchendo de comida, bebidas, roupas e livros. Quando estiver tudo pronto, serei capaz de voar para longe de C.S.C. e do Conselho dos Anciãos, e de tudo o mais que me deixa desassossegado, e viver flutuando no ar para sempre!"

"Parece mesmo uma invenção maravilhosa", disse Violet. "Mas, pelo amor de Deus, diga-me como foi que você conseguiu fazer um motor que também seja auto-sustentável?"

"Isso está me causando um certo problema", admitiu Hector, "mas quem sabe, se vocês três derem uma olhada, possamos dar um jeito no motor juntos. "

"Estou certo de que Violet pode ajudar", disse Klaus, "mas eu não sou lá essas coisas como inventor. Estou mais interessado em leitura. C.S.C. tem uma boa biblioteca?"

"Infelizmente não", disse Hector. A Regra nº 108 reza claramente que a biblioteca de C.S.C. não pode conter nenhum livro que descumpra qualquer uma das outras regras. Por exemplo, se alguém em um livro usa um dispositivo mecânico, esse livro não é

permitido na biblioteca. "

"Mas existem tantas regras", disse Klaus. "Que tipo de livro poderia possivelmente ser permitido?"

"Não muitos", disse Hector, "e quase todos são chatos. Há um que se chama O

menorzinho dos elfos, que é provavelmente o livro mais maçante que já foi escrito. É

sobre esse homenzinho irritante que tem toda sorte de aventuras enfadonhas."

"É uma pena", disse Klaus, desanimado. "Eu tinha esperanças de poder fazer uma pequena pesquisa sobre C.S.C. — quero dizer o segredo, não a cidade — nas minhas horas de folga."

Novamente Hector parou de andar e correu os olhos mais uma vez pelas ruas desertas. "Vocês são capazes de guardar mais um segredo?", perguntou ele, e os Baudelaire assentiram. "O Conselho dos Anciãos me mandou queimar todos os livros que violavam a Regra nº 108", disse ele em voz baixa, "mas em vez disso eu os trouxe para o meu celeiro. Tenho uma espécie de biblioteca secreta lá, além do ateliê secreto de invenções."

"Uau!", disse Klaus. "Já vi bibliotecas públicas, bibliotecas particulares, bibliotecas jurídicas, bibliotecas de répteis e bibliotecas gramaticais, mas nunca uma biblioteca secreta. Que emocionante!"

"É um pouco emocionante", concordou Hector, "mas também me deixa muito

desassossegado. O Conselho dos Anciãos fica muito, muito zangado quando as pessoas quebram as regras. Detesto pensar no que eles fariam comigo se descobrissem que eu estava usando dispositivos mecânicos e lendo livros interessantes em segredo."

"Azator!", disse Sunny, o que queria dizer "Não se preocupe — o seu segredo estará seguro conosco!".

Hector olhou para ela com um ar intrigado. "Não sei o que quer dizer 'azator', Sunny", disse ele, "mas posso imaginar que significa 'Não se esqueça de mim!'. Violet usará o ateliê, e Klaus usará a biblioteca, mas o que podemos fazer por você? Qual é a coisa que você mais gosta de fazer?"

"Morder!", respondeu Sunny imediatamente, mas Hector franziu a testa e deu mais uma olhada em volta.

"Não fale tão alto, Sunny!", sussurrou ele. "A Regra nº 4561 reza claramente que não é permitido aos cidadãos usar a boca para fins recreacionais. Se o Conselho dos Anciãos souber que você gosta de morder coisas para a sua própria diversão, não quero nem imaginar o que eles podem fazer. Tenho certeza de que poderemos encontrar algumas coisas para você morder, mas terá de fazer isso em segredo. Bem, aqui estamos."

Hector dobrou uma última esquina à frente dos Baudelaire, e as crianças tiveram o primeiro vislumbre do lugar onde iam morar. A rua pela qual vinham andando simplesmente terminava ao virar a esquina, levando-os a um lugar tão amplo e plano quanto os campos que tinham atravessado naquela tarde, com apenas três formas se destacando no horizonte achatado. A primeira era uma casa grande, de aparência robusta, com telhado pontudo e uma varanda na frente, grande o bastante para conter uma mesa de piquenique e quatro cadeiras de madeira. A segunda era um enorme celeiro, bem ao lado da casa, que escondia o ateliê e a biblioteca de que Hector estivera falando. Mas foi a terceira forma que atraiu os olhares dos Baudelaire.

A terceira forma no horizonte era a Árvore do Nunca Mais; mas dizer que aquilo era uma árvore era o mesmo que dizer que o Oceano Pacífico era uma massa de água, ou que o conde Olaf era uma pessoa rabugenta, ou que a história acontecida com Beatrice e eu foi só um pouquinho triste. A Árvore do Nunca Mais era gargantuesca, uma palavra que aqui significa "atingira uma corpulência

de volume botânico desmesurado", expressão que aqui significa "era a maior árvore que os Baudelaire já tinham visto". Seu tronco era tão grosso que os Baudelaire poderiam ter ficado atrás dele, junto com um elefante, três cavalos e uma cantora de ópera, sem que pudessem ser vistos do outro lado. Seus galhos se espalhavam em todas as direções, como um leque mais alto do que a casa e mais largo do que o celeiro, e a árvore se tornava ainda mais alta e mais larga com o que estava em cima dela. Todos os corvos de C.S.C., até o último, estavam empoleirados em seus galhos, somando uma espessa camada de formas negras crocitantes à imensa silhueta da árvore. Como os corvos tinham ido até a casa de Hector em vôo de corvo e não andando, os pássaros tinham chegado muito antes dos Baudelaire, e o ar estava tomado pelos sons abafados e farfalhantes dos pássaros se acomodando para passar a noite. Alguns deles já tinham caído no sono, e quando as crianças se aproximaram mais da sua nova casa puderam ouvir um ou outro ronco de corvo.

"O que vocês acham?", perguntou Hector.

"É maravilhoso", disse Violet.

"É superlativo", disse Klaus.

"Ogufol!", disse Sunny, o que queria dizer "Que montão de corvos!".

"Os ruídos que os corvos fazem podem parecer estranhos no começo", disse Hector, subindo os degraus da casa na frente das crianças, "mas vocês se acostumarão com eles em breve. Eu sempre deixo as janelas abertas quando vou para a cama. Os sons dos corvos me lembram o oceano, e eu acho muito repousante ouvi-los enquanto estou pegando no sono. E por falar em cama, tenho certeza de que vocês estão muito cansados. Preparei três quartos no andar de cima, mas se não gostarem poderão escolher outros. Há espaço à vontade na casa. Há espaço até para os Quagmire morarem aqui, quando os encontrarmos. Tenho a impressão de que vocês cinco ficarão felizes morando juntos, mesmo tendo de fazer as tarefas domésticas de uma cidade inteira."

"Parece uma delícia", disse Violet sorrindo para Hector. As três crianças ficaram felizes só de pensar nos dois trigêmeos sãos e salvos, em vez de estarem nas garras do conde Olaf. "Duncan é um jornalista, e talvez ele possa publicar um jornal — assim C.S.C. não terá de ler todos os erros d'O Pundonor Diário. "

"E Isadora é uma poeta", disse Klaus. "Ela poderia escrever um livro de poesia

para a biblioteca — desde que não escrevesse poesias sobre assuntos que fossem vetados pelas regras."

Hector começou a abrir a porta da casa, mas então parou e lançou um olhar esquisito aos Baudelaire. "Poeta?", perguntou ele. "Que tipo de poesia ela escreve?"

"Dísticos", respondeu Violet.

Hector lançou um olhar ainda mais esquisito às crianças. Ele pôs as malas dos Baudelaire no chão e enfiou a mão no bolso do macacão. "Dísticos?", perguntou ele.

"Sim", disse Klaus. "Ela gosta de escrever poemas rimados de dois versos." Hector lançou aos jovens um olhar que foi o mais esquisito que eles já tinham visto, e tirou a mão do bolso para mostrar-lhes uma tirinha de papel toda enroladinha em um minúsculo cilindro. "Como este aqui?", perguntou ele, e desenrolou o papel. Os órfãos Baudelaire tiveram de apertar os olhos para ler à pálida luz do pôr-do-sol, e depois de ler uma vez tiveram de ler outra vez, para ter certeza de que a luz não estava lhes pregando



peças e de que o que tinham lido estava realmente escrito naquela tirinha de papel, em uma caligrafia trêmula porém familiar:

Cá, por safiras, cativos estamos.

Hora após hora, em terror aguardamos.

CAPÍTULO

Quatro

Os órfãos Baudelaire olharam para a tirinha de papel, depois para Hector, e depois de novo para a tirinha de papel. Eles então olharam de novo para Hector,

depois para a tirinha de papel mais uma vez, e depois para Hector mais uma vez, e depois para a tirinha de papel uma vez mais, e depois para Hector uma vez mais, e depois para a tirinha de papel mais uma vez. As bocas deles estavam abertas como se estivessem prestes a falar, mas as três crianças não conseguiam encontrar as palavras que expressassem o que queriam dizer.

A expressão "um raio em dia de céu claro" descreve alguma coisa tão surpreendente que faz a sua cabeça girar, as suas pernas bambearem, e o seu corpo zunir de perplexidade — como se um raio tivesse caído de um céu totalmente azul em um dia de sol, atingindo você com toda a força. A não ser que você seja uma lâmpada, um eletrodoméstico ou uma árvore que se cansou de ficar em pé, ser atingido por um raio em dia de céu claro não é uma experiência agradável, e durante alguns minutos os Baudelaire ficaram parados nos degraus da casa de Hector e sentiram as desagradáveis sensações de cabeças girando, pernas bambeando e corpos zunindo.

"Meu Deus, Baudelaires", disse Hector. "Nunca vi ninguém ficar tão surpreso. Venham, entrem na casa e sentem-se. Até parece que vocês foram atingidos com toda a força por um raio."

Os Baudelaire seguiram Hector para dentro da casa e por um corredor até a sala de estar, onde sentaram-se em um sofá sem dizer palavra. "Vocês podem ficar aqui sentados por alguns minutos", disse ele, "enquanto preparo um pouco de chá quente. Quem sabe quando estiver pronto vocês consigam falar." Ele se inclinou para baixo, entregou a tirinha de papel a Violet e deu uma palmadinha na cabeça de Sunny antes de sair da sala deixando as crianças sozinhas. Sem falar, Violet desenrolou o papel para que os irmãos pudessem ler o dístico mais uma vez.

Cá, por safiras, cativos estamos.

Hora após hora, em terror aguardamos.

"É ela", disse Klaus, falando baixinho para Hector não ouvir. "Tenho certeza. Isadora Quagmire escreveu este poema."

"Eu também acho", disse Violet. "Estou segura de que é a letra dela."

"Blake!", disse Sunny, o que queria dizer "E o poema foi escrito no inconfundível estilo literário de Isadora!".

"O poema fala de safiras", disse Violet, "e os pais dos trigêmeos, ao morrer, deixaram para eles as famosas safiras Quagmire."

"Olaf os raptou para pôr as mãos naquelas safiras", disse Klaus. "Deve ser a isto que o poema se refere quando diz 'Cá, por safiras, cativos estamos'."

"Peng?", perguntou Sunny.

"Não sei como isto foi parar nas mãos de Hector", respondeu Violet. "Vamos perguntar a ele."

"Não tão depressa", disse Klaus. Ele tirou o papel da mão de Violet e olhou para ele de novo. "Talvez Hector esteja envolvido no rapto, de algum modo."

"Eu não tinha pensado nisso", disse Violet. "Você acha mesmo?"

"Não sei", disse Klaus. "Ele não se parece com um dos parceiros do conde Olaf, mas às vezes não conseguimos reconhecê-los."

"Urib", disse Sunny pensativa, o que queria dizer "E verdade".

"Ele parece ser uma pessoa em quem podemos confiar", disse Violet. "Ficou entusiasmado em nos mostrar a migração dos corvos, e queria ouvir tudo sobre tudo o que nos aconteceu. Isso não parece coisa de seqüestrador, mas imagino que não dá para saber com certeza."

"Exatamente", disse Klaus. "Não dá para saber com certeza."

"O chá está pronto", Hector gritou da cozinha. "Venham até aqui, se estiverem com vontade. Vocês podem sentar-se à mesa enquanto faço as enchiladas." Os Baudelaire se entreolharam e balançaram a cabeça. "Quei!", gritou Sunny e, seguida pelos irmãos, entrou em uma grande e confortável cozinha. As crianças sentaram-se em volta de uma mesa redonda de madeira, onde Hector colocara três canecas fumegantes de chá, e ficaram em silêncio enquanto Hector começava a preparar o jantar. É verdade, sem dúvida, que não dá para saber com certeza se é possível ou não confiar em alguém, pela simples razão de que as circunstâncias mudam o tempo todo. Você pode conhecer alguém há vários anos, por exemplo, e confiar totalmente nele como amigo, mas as circunstâncias podem mudar e ele pode ficar com muita fome, e antes que você perceba poderá estar sendo cozido em um caldeirão de sopa, porque não dá para saber com

certeza. Eu mesmo me apaixonei por uma mulher maravilhosa, que era tão encantadora e inteligente que eu me sentia confiante de que ela seria minha noiva, mas não tinha como saber com certeza e, cedo demais, as circunstâncias mudaram e ela acabou se casando com outra pessoa, tudo por causa de alguma coisa que ela leu n'O

Pundonor Diário. E ninguém precisava dizer aos órfãos Baudelaire que não havia como saber com certeza porque, antes de se tornar órfãos, eles viveram por muitos anos sob os cuidados dos pais, e confiavam nos pais para continuar cuidando deles, mas as circunstâncias mudaram, e agora seus pais haviam morrido e as crianças estavam vivendo com um factótum em uma cidade cheia de corvos. Embora não haja como saber com certeza, muitas vezes há maneiras de saber com bastante certeza, e, enquanto os três irmãos observavam Hector trabalhando na cozinha, eles reconheceram algumas dessas maneiras. A melodia que ele cantarolava enquanto picava os ingredientes, por exemplo, era reconfortante, e os Baudelaire não podiam nem imaginar como alguém poderia cantarolar daquele jeito se fosse um seqüestrador. Quando viu que o chá dos Baudelaire ainda estava quente demais para beber, ele atravessou a cozinha e foi soprar nas canecas deles, uma por uma, e era difícil acreditar que alguém pudesse estar escondendo dois trigêmeos e esfriando o chá de três crianças ao mesmo tempo. E o mais reconfortante de tudo era que Hector não os importunava com montes de perguntas sobre por que eles estavam tão surpresos e calados. Ele simplesmente ficou quieto e deixou que os Baudelaire esperassem até estar prontos para falar sobre a tirinha de papel que lhes dera, e as crianças não podiam nem imaginar que uma pessoa tão gentil e atenciosa estivesse envolvida com o conde Olaf de qualquer modo que fosse. Não havia como saber com certeza, é claro, mas enquanto os Baudelaire observavam o factótum pôr as enchiladas no forno para assar, eles sentiram como se soubessem com uma certeza considerável, e quando ele sentou-se à mesa com eles, os Baudelaire estavam prontos para contar-lhe sobre o dístico que tinham lido.

"Este poema foi escrito por Isadora Quagmire", disse Klaus sem preâmbulos, uma expressão que aqui significa "quase imediatamente assim que Hector sentou-se".

"Uau", disse Hector. "Não admira que vocês tenham ficado tão surpresos. Mas como podem ter certeza? Uma porção de poetas escrevem dísticos. Ogden Nash, por exemplo."

"Ogden Nash não escreve sobre safiras", disse Klaus, que ganhara uma biografia de Ogden Nash quando fez sete anos. "Isadora, sim. Quando os Quagmire pais morreram, deixaram uma fortuna em safiras. É a isto que ela se refere quando diz 'Cá, por safiras, cativos estamos'."

"Além disso", disse Violet, "é a letra de Isadora, e o seu inconfundível estilo literário."

"Bem", disse Hector, "se vocês dizem que este poema é de Isadora Quagmire, eu acredito."

"Devíamos ligar para o sr. Poe e contar para ele", disse Klaus.

"Não podemos ligar para ele", disse Hector. "Não há telefones em C.S.C., porque os telefones são dispositivos mecânicos. O Conselho dos Anciãos pode mandar uma mensagem para ele. Eu fico desassossegado demais para pedir a eles, mas vocês podem fazer isso, se quiserem."

"Antes de falarmos com o Conselho, devíamos procurar saber um pouco mais sobre o dístico", disse Violet. "Onde você apanhou este pedacinho de papel?"

"Eu o encontrei hoje", disse Hector, "sob os galhos da Árvore do Nunca Mais. Acordei esta manhã e estava de saída para ir andando até a cidade baixa fazer as tarefas matinais, quando notei alguma coisa branca entre as penas pretas que os corvos tinham deixado para trás. Era esta tirinha de papel, toda enroladinha. Não entendi o que estava escrito, então pus no bolso do macacão e não pensei nela de novo até agora há pouco, quando estávamos falando sobre dísticos. Com certeza é muito misterioso. Como se explica que um dos poemas de Isa-dora tenha ido parar no meu quintal?"

"Bem, poemas não costumam levantar e sair andando por aí sozinhos", disse Violet. "Isadora deve ter posto este poema aqui. Ela deve estar em algum lugar aqui por perto."

Hector sacudiu a cabeça. "Eu acho que não", disse ele. "Você mesma viu como é

tudo descampado e plano por aqui. Dá para enxergar tudo em volta por quilômetros, e as únicas coisas aqui nos arredores da cidade são a casa, o celeiro e a Árvore do Nunca Mais. Sintam-se à vontade para vasculhar a casa, mas não vão encontrar Isadora Quagmire ou qualquer outra pessoa, e eu sempre

mantenho o celeiro trancado, pois não quero que o Conselho dos Anciãos descubra que estou quebrando as regras."

"Talvez ela esteja na árvore", disse Klaus. "Certamente é grande o bastante para Olaf escondê-la no meio dos galhos."

"É verdade", disse Violet. "Na última vez, Olaf os escondeu muito abaixo de nós. Talvez desta vez eles estejam muito acima de nós." Ela estremeceu só de pensar em como seria desagradável estar presa nos galhos enormes da Árvore do Nunca Mais, empurrou a cadeira para trás e levantou-se. "Só há uma coisa a fazer", disse ela.

"Teremos de trepar na árvore e procurá-los."

"Você tem razão", disse Klaus, e pôs-se em pé ao lado dela. "Vamos."

"Guerit!", concordou Sunny.

"Esperem um minuto", disse Hector. "Não podemos simplesmente ir trepando na Árvore do Nunca Mais."

"Por que não?", disse Violet. "Já subimos em uma torre e já descemos por um poço de elevador. Trepar em uma árvore não deve ser problema."

"Tenho certeza de que vocês três são excelentes para trepar em árvores", disse Hector, "mas não foi isso o que eu quis dizer." Ele levantou-se e foi até a janela da cozinha. "Dêem uma olhada lá fora", disse ele. "O sol já se pôs completamente. Não há

luz suficiente para enxergar os seus amigos em cima da Árvore do Nunca Mais. Além disso, a árvore está coberta de corvos empoleirados. Vocês nunca conseguirão encontrá-los no meio de todos esses corvos — será como procurar agulha em palheiro." Os Baudelaire olharam pela janela e viram que Hector estava certo. A árvore não passava de uma sombra enorme, indistinta nas beiradas onde os corvos estavam pousados. As crianças sabiam que se subissem naquela escuridão atrás dos amigos seria, sem dúvida, como procurar agulha em palheiro, uma expressão que aqui significa "seria improvável que isto revelasse a localização dos trigêmeos Quagmire". Klaus e Sunny olharam para a irmã esperando que ela pudesse inventar uma solução, e ficaram aliviados ao ouvir que ela pensara em alguma coisa antes até que pudesse prender o cabelo com

uma fita. "Podíamos subir com lanternas", disse Violet. "Se você tiver um pouco de folha de alumínio, um velho cabo de vassoura e três elásticos, eu mesma posso fazer uma lanterna em dez minutos."

Hector sacudiu a cabeça. "Lanternas só iriam perturbar os corvos", disse ele. "Se alguém a acordasse no meio da noite e acendesse uma luz na sua cara, você ficaria muito irritada, e ninguém gostaria de ficar cercado por milhares de corvos irritados. É

melhor esperar até de manhã, depois que os corvos migrarem para a cidade alta."

"Não podemos esperar até de manhã", disse Klaus. "Não podemos esperar nem mais um segundo. Na última vez em que encontramos os Quagmire, bastou deixá-los sozinhos por alguns minutos e, quando voltamos, já tinham desaparecido de novo."

"Olawmuda!", gritou Sunny, o que queria dizer "Olaf pode mudá-los de lugar a qualquer minuto!".

"Bem, ele não pode mudá-los agora", observou Hector. "Seria igualmente difícil para ele trepar na árvore."

"Temos de fazer alguma coisa", insistiu Violet. "Este poema não é só um dístico

— é um pedido de socorro. A própria Isadora diz 'Hora após hora, em terror aguardamos'. Nossos amigos estão apavorados, e cabe a nós salvá-los."

Hector tirou um par de luvas térmicas do bolso do macacão e usou-as para tirar as enchiladas do forno. "Vou lhes dizer uma coisa", disse ele. "Está uma noite linda e a nossas enchiladas de galinha estão prontas. Podemos nos sentar na varanda e comer o nosso jantar, enquanto ficamos de olho na Árvore do Nunca Mais. Esta área é tão descampada que mesmo à noite dá para enxergar muito longe, e se o conde Olaf se aproximar — ou qualquer outra pessoa, aliás — nós o veremos chegando."

"Mas o conde Olaf poderia levar a cabo a sua traição depois do jantar", disse Klaus. O único jeito de ter certeza de que ninguém vai chegar perto da árvore é ficar guardando a árvore a noite inteira."

"Podemos nos revezar para dormir", disse Violet, "assim um de nós estará

sempre acordado para ficar guardando a árvore."

Hector começou a sacudir a cabeça, mas então parou e olhou para as crianças.

"Normalmente eu não aprovo que crianças fiquem acordadas até tarde", disse ele afinal,

"a não ser que estejam lendo um bom livro, assistindo a um filme maravilhoso, ou participando de um jantar com convivas fascinantes. Mas, desta vez, suponho que podemos abrir uma exceção. Eu provavelmente vou cair no sono, mas vocês três podem ficar de guarda a noite inteira se quiserem. Apenas, por favor, não tentem trepar na Árvore do Nunca Mais no escuro. Entendo o quanto vocês estão frustrados, e sei que a única coisa que podemos fazer é esperar até de manhã."

Os Baudelaire se entreolharam e suspiraram. Estavam tão ansiosos por causa dos Quagmire que tinham vontade de sair correndo imediatamente e trepar na Árvore do Nunca Mais, porém sabiam no fundo do coração que Hector tinha razão.

"Acho que você tem razão, Hector", disse Violet. "Podemos esperar até de manhã."

"E a única coisa que podemos fazer", concordou Klaus.

"Contráiro!", disse Sunny, e ergueu os braços para que Klaus pudesse pegá-la. Ela queria dizer algo na linha de "Posso pensar em uma outra coisa que podemos fazer

— erga-me até o ferrolho da janela!" e o irmão obedeceu. Os minúsculos dedinhos de Sunny soltaram o ferrolho da janela e abriram-na com um empurrão, deixando entrar o ar fresco da noite e os sons crocitantes dos corvos. Ela então se inclinou para a frente o mais que pôde e enfiou a cabeça para dentro da noite. "Late!", gritou ela o mais alto que pôde. "Late!"

Há muitas expressões para descrever alguém que está fazendo alguma coisa do jeito errado. "Cometendo um erro" é um dos jeitos de descrever essa situação. "Ferrando com tudo" é outra, embora um pouco rude, e "Tentando salvar Lemony Snicket por meio de cartas escritas a um congressista em vez de escavar um túnel para a fuga" é um terceiro jeito, embora um pouco específico demais. Porém o "Late!" que Sunny gritou traz à lembrança uma expressão que,

lamentavelmente, descreve de modo perfeito a situação.

Com "Late!" Sunny queria dizer "Se estão aí em cima, Quagmires, fiquem firmes que, primeira coisa logo de manhã, vamos até vocês" e lamento dizer que a expressão que melhor descreve as suas circunstâncias é "Latindo para a árvore errada". Foi um gesto bondoso da parte de Sunny tentar tranqüilizar Isadora e Duncan dizendo que os Baudelaire iriam ajudá-los a escapar das garras do conde Olaf, mas a Baudelaire mais jovem estava fazendo as coisas do jeito errado. Ela gritou "Late!" mais uma vez enquanto Hector punha as enchiladas de galinha nos pratos e levava os Baudelaire à varanda da frente para que pudessem comer sentados à mesa de piquenique enquanto ficavam de olho na Árvore do Nunca Mais, mas Sunny estava cometendo um erro. Os Baudelaire não se deram conta do erro quando terminaram o jantar e ficaram de olho na árvore imensa e murmurante. Eles não se deram conta do erro quando se sentaram na varanda para passar o resto da noite se revezando em apertar os olhos para o horizonte árido, à

procura de qualquer sinal de que alguém se aproximava, e cochilando ao lado de Hector com a mesa de piquenique como travesseiro. Mas quando o sol começou a subir, e um corvo de C.S.C. deixou a Árvore do Nunca Mais e começou a voar em círculos, e mais três corvos se seguiram, e depois mais sete, e depois mais doze, e o céu da manhã se encheu de sons de asas batendo enquanto os milhares de corvos davam voltas e mais voltas acima das cabeças das crianças, que se levantaram das cadeiras de madeira e foram em passo rápido até a árvore para procurar algum sinal dos Quagmire, os Baudelaire viram de repente o quanto estavam enganados.

Sem o bando de corvos empoleirados nos seus galhos, a Árvore do Nunca Mais parecia nua como um esqueleto. Não havia uma só folha entre as centenas e centenas de galhos da árvore. Em pé sobre as suas raízes descarnadas e olhando para os galhos vazios lá em cima, os Baudelaire podiam enxergar até o último detalhe da Árvore do Nunca Mais, e puderam ver imediatamente que não iriam encontrar Duncan e Isadora Quagmire, não importa o quão alto trepassem. Era uma árvore enorme, e uma árvore robusta, e parecia ser muito confortável para se empoleirar, mas era a árvore errada. Klaus estivera latindo para a árvore errada ao dizer que os seus amigos raptados provavelmente estavam lá em cima, e Violet estivera latindo para a árvore errada ao dizer que eles tinham de subir para procurá-los, e Sunny estivera latindo para a árvore errada ao dizer "Late!". Os órfãos Baudelaire estiveram latindo para a árvore errada a noite toda, porque

a única coisa que as crianças descobriram naquela manhã foi mais uma tirinha de papel toda enroladinha no meio das penas pretas que os corvos deixaram para trás.





CAPÍTULO

Cinco

Até de manhã, não vai dar pra falar;

Fechado e tristonho há de o bico ficar.

"A minha cabeça está girando de novo", disse Violet segurando a tirinha de papel de modo que Klaus e Sunny pudessem ver o que estava escrito. "E as minhas pernas estão bambeando, e o meu corpo está zunindo, como se eu tivesse sido atingida por um raio. Como, meu Deus do céu, Isadora conseguiu trazer mais um poema para cá?

Tomamos o máximo cuidado para ter certeza de que um de nós estaria vigiando a árvore em todos os momentos!"

"Quem sabe ele já estava aqui ontem, mas Hector não viu", disse Klaus. Violet sacudiu a cabeça. "Uma tirinha de papel branco é muito fácil de enxergar no meio de todas essas penas pretas. Ela deve ter chegado aqui em algum momento durante a noite. Mas como?"

"Como essa tirinha chegou aqui é a menos importante das perguntas", disse Klaus. "Onde estão os Quagmire? Esta é a pergunta que eu quero ver respondida."

"Mas por que Isadora simplesmente não nos conta", disse Violet, relendo o dístico e franzindo as sobrancelhas, "em vez de deixar poemas misteriosos para nós no chão, onde qualquer um poderia encontrá-los?"

"Talvez a razão seja esta", disse Klaus pausadamente. "Qualquer um poderia encontrá-los aqui no chão. Se Isadora simplesmente escrevesse onde eles estão, e

o conde Olaf encontrasse a tirinha de papel, ele os mudaria de esconderijo — ou coisa pior. Não tenho muita experiência com leitura de poemas, mas aposto que Isadora está

contando onde ela e seu irmão estão. Deve estar oculto em algum lugar no poema."

"Vai ser difícil de achar", disse Violet relendo o dístico. "Tem muitas coisas confusas neste poema. Por que ela fala em 'bico'? Isadora tem um nariz, e uma boca, mas não um bico."

"Cra!", disse Sunny, o que queria dizer "Ela provavelmente está se referindo ao bico de um corvo de C.S.C."

"Você pode estar certa", concordou Violet. "Mas por que ela diz que ele não pode falar? É claro que um bico não pode falar. Pássaros não falam."

"Na verdade, alguns pássaros são capazes de falar", disse Klaus. "Li uma enciclopédia ornitológica que falava do papagaio e do pássaro mainá, que são ambos capazes de imitar a voz humana."

"Mas não existem papagaios nem pássaros mainá por aqui", disse Violet.

"Somente corvos, e corvos certamente não sabem falar."

"Mas por falar em falar", disse Klaus, "por que o poema diz até de manhã não vai dar pra falar'? Por que só de manhã?"

"Bem, ambos os poemas chegaram de manhã", disse Violet. "Talvez Isadora esteja querendo dizer que só pode nos mandar poemas de manhã."

"Nada disso faz sentido", disse Klaus. "Talvez Hector possa nos ajudar a descobrir o que está dando errado."

"Laper!", disse Sunny, concordando, e as crianças foram acordar o factótum, que ainda estava adormecido na varanda. Violet tocou em seu ombro e, quando ele bocejou e endireitou-se na cadeira, as crianças puderam ver que o seu rosto estava marcado de dormir sobre a mesa de piquenique.

"Bom dia, Baudelaires", disse ele espreguiçando-se e dando um sorriso

sonolento para eles. "Pelo menos, espero que seja um bom dia. Vocês encontraram algum sinal dos Quagmire?"

"Mais parece um estranho dia", respondeu Violet. "Encontramos, sim, um sinal deles. Dê uma olhada."

Violet entregou a Hector o segundo poema. Ele leu e franziu as sobrancelhas.

"'Curioso, cada vez mais curioso'", disse ele citando um dos livros favoritos dos Baudelaire.

"Isto está realmente virando um quebra-cabeça."

"Mas um quebra-cabeça é apenas alguma coisa que você faz para se divertir", disse Klaus. "Duncan e Isadora estão em grave perigo. Se não descobrirmos o que estes poemas estão tentando nos dizer, o conde Olaf vai..."

"Nem fale", disse Violet estremecendo. "Nós precisamos, absolutamente precisamos resolver este quebra-cabeça, e ponto final."

Hector levantou-se para esticar as pernas e olhou para o horizonte achatado e vazio que cercava a sua casa. "A julgar pelo ângulo do sol", disse ele, "já está bem na hora de sair. Não temos tempo nem para o café-da-manhã."

"Sair?", perguntou Violet.

"É claro", disse Hector. "Está se esquecendo de quantas tarefas domésticas temos hoje pela frente?" Ele enfiou a mão no bolso do macacão e tirou de lá uma lista.

"Começamos na cidade baixa, é claro, para que os corvos não fiquem no nosso caminho. Temos de aparar a cerca viva da sra. Morrow, lavar as janelas do sr. Lesko e polir todas as maçanetas das portas na mansão da família Verhoogen. Temos ainda de varrer todas as penas das ruas e recolher o lixo e os recicláveis de todo mundo."

"Mas o rapto dos Quagmire é muito mais importante que qualquer uma dessas coisas", disse Violet.

Hector suspirou. "Concordo com você", disse ele, "mas não vou discutir com o Conselho dos Anciãos. Eles me deixam muito desassossegado."

"Terei prazer em explicar a situação a eles", disse Klaus.

"Não", decidiu Hector. "E melhor fazermos as nossas tarefas como de costume. Vão lavar o rosto, Baudelaires, e depois saímos."

Os Baudelaire se entreolharam consternados, desejando que o factótum não tivesse tanto medo de um grupo de velhos usando chapéus em forma de corvo, porém não discutiram e entraram em casa, lavaram o rosto e então seguiram Hector através da paisagem achatada até chegarem aos limites da cidade, depois passaram através da cidade alta, onde os corvos de C.S.C. estavam empoleirados, até chegarem à cidade baixa, onde ficava a casa da sra. Morrow, que estava aguardando na varanda em seu robe cor-de-rosa. Sem dizer palavra, ela entregou a Hector um par de aparadores de sebe, que nada mais são que grandes tesouras feitas para cortar ramos e folhas em vez de papel, e deu a cada Baudelaire um grande saco plástico para recolher as folhas e ramos que Hector ia cortar. É claro que aparadores de sebe e um saco plástico não são métodos apropriados de cumprimentar alguém, especialmente logo de manhã, mas os três irmãos estavam tão ocupados pensando no que poderiam significar os poemas que mal notaram. Enquanto recolhiam as aparas da cerca viva eles consideraram diversas teorias — a frase

"consideraram diversas teorias" aqui significa "conversaram em voz baixa sobre os dois dísticos de Isadora Quagmire" — até a cerca viva ficar com uma aparência bem-arrumadinha e chegar a hora de caminhar até um quarteirão abaixo, onde morava o sr. Lesko — que os Baudelaire reconheceram como sendo o homem de calças axadrezadas que estava preocupado com a possibilidade de as crianças terem de morar com ele —, o qual foi ainda mais rude do que a sra. Morrow. Ele simplesmente apontou para uma pilha de materiais para limpeza de janelas e tornou a entrar em sua casa batendo os pés, mas outra vez os Baudelaire estavam concentrados em resolver o mistério das duas mensagens deixadas para eles e nem sequer notaram os maus modos do sr. Lesko. Violet e Klaus começaram a esfregar a sujeira de uma janela, cada um com um trapo molhado, enquanto Sunny ficava ao lado com um balde de água com sabão e Hector subia em uma escada para lavar as janelas do segundo andar, mas tudo o que as crianças conseguiam pensar era em cada um dos versos do desconcertante poema de Isadora, até terminarem com as janelas e estarem prontas para trabalhar no resto das tarefas domésticas do dia, que não vou descrever para vocês, não só porque eram tão enfadonhas que eu cairia no sono enquanto as escrevesse no papel, como porque os órfãos Baudelaire mal se

aperceberam delas. As crianças pensaram sobre os dísticos enquanto poliam as maçanetas das portas dos Verhoogen, e pensaram sobre eles enquanto varriam as penas da rua para dentro de uma pá que Sunny segurava enquanto engatinhava na frente dos irmãos, mas continuavam incapazes de imaginar como Isadora conseguira deixar um poema debaixo da Árvore do Nunca Mais. Elas pensaram sobre os dísticos enquanto recolhiam o lixo e os recicláveis de todos os residentes da cidade baixa de C.S.C., e pensaram sobre eles enquanto almoçavam os sanduíches de repolho que um dos donos de restaurantes de C.S.C. concordara em fornecer como parte do esforço da cidade para educar as crianças, mas elas ainda se mostravam incapazes de imaginar o que Isadora estava tentando lhes dizer. Elas pensaram nos dísticos quando Hector leu a lista de tarefas para a tarde, que incluíam deveres tediosos tais como fazer as camas dos cidadãos, lavar os pratos dos citadinos, preparar sundaes com cobertura de chocolate em número suficiente para o Conselho dos Anciãos inteiro saborear como lanche da tarde, e polir o Chafariz Corvídeo; mas não importa o quanto pensassem, os Baudelaire não conseguiam chegar mais perto da solução do mistério dos dísticos.

"Estou impressionado em ver como vocês estão trabalhando duro", disse Hector quando ele e as crianças começaram a sua última tarefa da tarde. O Chafariz Corvídeo tinha a forma de um corvo enorme, e ficava bem no meio da cidade alta, em um pátio do qual saíam muitas ruas diferentes. As crianças estavam esfregando o corpo de metal do corvo, que era recoberto de entalhes com o formato de penas para dar uma aparência mais realista. Hector estava no alto de uma escada, esfregando a cabeça de metal do corvo, que olhava direto para cima e cuspia um jorro constante de água por um buraco que imitava a sua boca, como se o pássaro enorme estivesse gargarejando e cuspindo toda a água por cima do próprio corpo. O efeito era repugnante, mas os corvos de C.S.C. deviam pensar de modo diferente, pois o chafariz estava coberto de penas que eles tinham deixado cair em seu pouso matinal na cidade alta. "Quando o Conselho dos Anciãos me contou que a cidade estava servindo de tutora para vocês", continuou Hector,

"fiquei com receio de que três crianças pequenas não fossem capazes de fazer todas essas tarefas domésticas sem reclamar."

"Estamos acostumados com exercícios pesados", retrucou Violet. "Quando vivíamos em Paltryville, tirávamos a casca das árvores e as serrávamos para fazer tábuas, e na Escola Preparatória Prufrock tínhamos de correr centenas de

voltas todas as noites."

"Além disso", disse Klaus, "estamos tão ocupados pensando nos dísticos que mal notamos o nosso trabalho."

"Eu bem que achei que era por isso que vocês estavam tão calados", disse Hector. "Como eram mesmo os poemas?"

Os Baudelaire tinham olhado para as tirinhas de papel tantas vezes no decorrer do dia que eram capazes de recitar os dois poemas de memória.



"Cá, por safiras, cativos estamos. Hora após hora, em terror aguardamos", disse Violet.

"Até de manhã, não vai dar pra falar; Fechado e tristonho hã de o bico ficar", disse Klaus.

"Dulch!", acrescentou Sunny, o que queria dizer qualquer coisa como "E ainda não conseguimos descobrir o que eles significam realmente", ou coisa que o valha.

"São versos bem manhosos, sem dúvida", disse Hector. "De fato, eu..." Aqui a sua voz emudeceu, e as crianças ficaram surpresas ao ver o factótum dar meia-volta, ficando de costas para elas, e começar a esfregar o olho esquerdo do corvo de metal, como se alguém tivesse apertado um botão que o fazia parar de falar.

"O Chafariz Corvídeo não parece estar completamente limpo", disse uma voz severa atrás das crianças. Os Baudelaire se voltaram e viram três mulheres do Conselho dos Anciãos que tinham entrado no pátio e estavam agora olhando carrancudas para eles. Hector ficou tão desassossegado que nem ergueu os olhos para responder, mas as crianças nem de longe ficaram assim tão intimidadas, uma palavra que aqui significa

"desassossegadas por causa de três mulheres mais velhas usando chapéus em forma de corvo".

"Nós ainda não acabamos completamente de limpá-lo", explicou Violet educadamente. "Espero que as senhoras tenham gostado dos sundaes com cobertura de chocolate que nós preparamos."

"Eles estavam aceitáveis", disse uma delas com um encolher de ombros que fez o seu chapéu de corvo bambolear de leve.

"O meu tinha nozes demais", disse outra. "A Regra nº 961 reza claramente que os sundaes com cobertura de chocolate do Conselho dos Anciãos não podem conter mais de quinze pedaços de nozes por unidade, e é possível que o meu contivesse uma quantidade maior."

"Sinto muito por isso", disse Klaus, sem acrescentar que pessoas tão exigentes com um simples sundae com cobertura de chocolate deviam prepará-lo sozinhas.

"Nós empilhamos as taças sujas de sorvete no Caramanchão do Lanche", disse a terceira. "Amanhã à tarde vocês podem lavá-las como parte das suas tarefas vespertinas. Mas viemos aqui para dizer uma coisa a Hector." As crianças olharam para o topo da escada, pensando que agora Hector teria de se voltar e falar com elas, não importa o quão desassossegado estivesse. Mas ele só

tossiu de leve e continuou a esfregar o Chafariz Corvídeo. Violet lembrou-se do que o seu pai lhe ensinara a dizer quando não podia atender o telefone, e falou.

"Desculpe", disse ela, "mas Hector está ocupado no momento. Quer deixar um recado?"

As Anciãs se entreolharam e assentiram com a cabeça, o que fez parecer que os chapéus delas estavam bicando uns aos outros. "Acho que sim", disse uma delas. "Se é

que podemos confiar em uma menininha como você para dar o recado."

"O recado é muito importante", disse a segunda, e mais uma vez acho necessário usar a expressão "um raio em dia de céu claro". Vocês poderiam imaginar, depois do aparecimento misterioso de não um, mas dois poemas de Isadora Quagmire ao pé da Árvore do Nunca Mais, que nenhum raio em dia de céu claro iria mais aparecer na cidade de C.S.C. Um raio, afinal, raramente cai de um céu azul em dia de sol e atinge exatamente o mesmo lugar mais de uma vez. Mas para os órfãos Baudelaire, a vida não parecia ser muito mais do que raio após raio caindo, numa infelicidade só, céu azul em dia de sol, desde que o sr. Poe fora portador do primeiro raio em dia de céu claro ao contar-lhes que os seus pais tinham sido mortos, e não importa quantos raios em dia de céu claro eles experimentassem, suas cabeças nunca giravam menos, suas pernas nunca bambeavam menos e seus corpos nunca zuniam menos de perplexidade quando um novo raio caía do céu azul em dia de sol. Assim, quando os Baudelaire ouviram o recado do Conselho dos Anciãos, eles quase tiveram de se sentar no Chafariz Corvídeo, porque o recado foi uma surpresa total. Era um recado que eles achavam que nunca iriam ouvir, e é um recado que só chega a mim nos meus sonhos mais agradáveis, que são poucos e muito espaçados. "Este é o recado", disse a terceira mulher do Conselho dos Anciãos, e ela inclinou a cabeça para tão perto que as crianças puderam ver cada pena de feltro do seu chapéu de corvo. "O conde Olaf foi capturado", disse ela, e os Baudelaire se sentiram como se um raio os tivesse atingido mais uma vez.



CAPÍTULO

Seis

Muito embora "pular para conclusões precipitadas" seja uma expressão e não

uma atividade física, trata-se de algo tão perigoso quanto pular de um penhasco, pular na frente de um trem em movimento e pular de alegria. Se você pula de um penhasco, tem fortes probabilidades de vivenciar uma aterrissagem dolorosa a não ser que haja algo abaixo de você para amortecer a queda, como uma massa de água ou uma imensa pilha de lenços de papel. Se você pula na frente de um trem em movimento, tem fortes probabilidades de vivenciar uma viagem dolorosa a não ser que esteja usando algum tipo de roupa à prova de trens. E se você pula de alegria, tem fortes probabilidades de vivenciar um galo doloroso na cabeça a não ser que se certifique antes de estar em um lugar com pé-direito muito alto, coisa que as pessoas muito alegres raramente fazem. É

claro que a solução para qualquer coisa que envolva pular é certificar-se de estar pulando para um lugar seguro, ou então não pular de todo.

Mas é difícil não pular de todo quando você está pulando para conclusões precipitadas, e é impossível se certificar de estar pulando para um lugar seguro, pois, quando está "pulando para conclusões precipitadas", você simplesmente está acreditando que alguma coisa é verdade mesmo que de fato não saiba se é verdadeiramente verdade. Quando os órfãos Baudelaire ouviram das três mulheres do Conselho dos Anciãos de C.S.C. que o conde Olaf tinha sido capturado, eles ficaram tão alvoroçados que imediatamente pularam para a conclusão precipitada de que era verdade.

"É verdade", disse uma das Anciãs, o que não ajudou em nada. "Chegou um homem à cidade esta manhã, com uma sobrancelha única e a tatuagem de um olho no tornozelo."

"Só pode ser o conde Olaf", disse Violet pulando para conclusões precipitadas.

"Claro que é", disse a segunda mulher do Conselho. "Ele combinava com a descrição que o sr. Poe nos forneceu, portanto o prendemos imediatamente."

"Então é verdade", disse Klaus juntando-se à irmã no pulo. "Vocês realmente capturaram o conde Olaf."

"Claro que é verdade", disse impaciente a terceira mulher. "Nós até contatamos O Pundonor Diário, e eles vão publicar uma matéria sobre isso. Logo o mundo inteiro vai saber que o conde Olaf foi finalmente capturado."

"Viva!", gritou Sunny, a última Baudelaire a pular para conclusões precipitadas.

"O Conselho dos Anciãos convocou uma reunião especial", disse a mulher que parecia ser a mais anciã das Anciãs. Seu chapéu de corvo bamboleava de excitação quando ela falava. "Todos os cidadãos devem comparecer imediatamente à Prefeitura, para discutir o que deverá ser feito com ele. Afinal, a Regra nº 19833 reza claramente que nenhum vilão será permitido dentro dos limites da cidade. A punição usual por quebrar a regra é ser queimado na fogueira."

"Queimado na fogueira?", disse Violet.

"É claro", disse uma Anciã. "Sempre que capturamos alguém que quebra regras, amarramos em uma estaca de madeira e acendemos uma fogueira aos seus pés. Foi por isso que adverti vocês sobre o número de nozes no meu sundae com cobertura de chocolate. Seria uma pena ter de queimar vocês na fogueira."

"Quer dizer que o castigo é o mesmo, não importa que regra você quebrou?", perguntou Klaus.

"É claro", respondeu outra Anciã. "A Regra nº 2 reza claramente que qualquer pessoa que quebre uma regra deve ser queimada na fogueira. Se nós não queimarmos na fogueira uma pessoa que quebra regras, estaríamos quebrando regras nós mesmos, e alguém teria de nos queimar na fogueira. Entenderam?”

"Mais ou menos", disse Violet, embora na verdade não tivesse entendido nada. Nenhum dos Baudelaire entendeu. Embora desprezassem o conde Olaf, as crianças não gostaram da idéia de queimá-lo na fogueira. Queimar um vilão na fogueira mais parecia algo que um vilão faria, e não algo que fosse feito por cultores de corvídeos.

"Mas o conde Olaf não é só um violador de regras", disse Klaus escolhendo as palavras com muito cuidado. "Ele cometeu toda sorte de crimes horríveis. Parece que seria melhor entregá-lo às autoridades, em vez de queimá-lo na fogueira."

"Bem, eis aí algo sobre o que poderemos falar na reunião", disse uma das mulheres do Conselho, "e é melhor nos apressarmos, senão chegaremos atrasados. Hector, desça dessa escada."

Hector não respondeu, mas desceu da escada e afastou-se do Chafariz Corvídeo, seguindo as três mulheres do Conselho dos Anciãos, de olhos grudados no chão o tempo todo. Os Baudelaire seguiram Hector, com frio na barriga enquanto

caminhavam através da cidade alta para a cidade baixa, onde os corvos estavam empoleirados como na véspera, quando as crianças chegaram em C.S.C. O frio na barriga era de alívio e excitação, pois acreditavam que o conde Olaf tinha sido capturado, mas também de nervosismo e medo, porque detestavam a idéia de que ele poderia ser queimado na fogueira. O castigo para quem quebrasse as regras de C.S.C. lembrava aos Baudelaire a morte de seus pais, e não lhes agradava a idéia de alguém ser incendiado, não importa o quão vil fosse a pessoa. Era desagradável sentir alívio, excitação, nervosismo e medo, tudo ao mesmo tempo, e quando eles chegaram à Prefeitura, as barrigas dos órfãos Baudelaire estavam tão alvoroçadas quanto os corvos, que crocitavam e se mexiam irrequietos, a perder de vista.

Quando o estômago de uma pessoa fica assim tão agitado, é bom fazer uma pequena pausa para se deitar e talvez bebericar alguma coisa efervescente, mas não havia tempo para essas coisas. As três mulheres do Conselho seguiram na frente mostrando o caminho para um grande salão da Prefeitura, decorado com retratos de corvos. O salão estava um pandemônio, expressão que aqui significa "cheio de Anciãos e cidadãos em pé discutindo por todos os lados". Os Baudelaire perscrutaram o salão procurando algum sinal de Olaf, mas não era possível ver ninguém por cima das cabeças de corvo balouçantes.

"Temos de começar a reunião!", gritou alguém do Conselho. "Anciãos, aos seus lugares no banco. Cidadãos, aos seus lugares nas cadeiras de dobrar." Os cidadãos pararam imediatamente de falar e se apressaram para os seus lugares, talvez com medo de ser queimados na fogueira se não se sentassem suficientemente depressa. Violet e Klaus sentaram-se ao lado de Hector, que ainda estava olhando para o chão em silêncio, e ergueram Sunny para que ela pudesse ver.

"Hector, ponha a oficial Luciana e o conde Olaf na plataforma para discussão", ordenou um Ancião enquanto os últimos cidadãos se acomodavam.

"Não é preciso", bradou uma voz arrogante vinda do fundo do salão, e as crianças se voltaram para ver a oficial Luciana, com um grande sorriso vermelho debaixo do visor do capacete. "Posso ir à plataforma sozinha. Afinal, sou a chefe de polícia."

"Isto lá é verdade", disse um outro Ancião, e várias outras pessoas no banco balançaram os seus chapéus de corvo concordando enquanto Luciana caminhava

sem pressa até a plataforma, cada uma de suas botas pretas produzindo um forte ruído surdo ao bater no chão lustroso.

"Tenho o orgulho de dizer", disse a oficial Luciana cheia de orgulho, "que já

efetuei a primeira prisão da minha carreira como chefe de polícia. Não é mesmo estupendo?"

"Ouçam, ouçam!", gritaram diversos cidadãos.

"E agora", continuou Luciana, "vamos conhecer o homem que todos vocês estão doidinhos para queimar na fogueira — o conde Olaf!"

Com um gesto imponente, a oficial Luciana desceu da plataforma, andou até o fundo do salão batendo as botas pretas no chão lustroso com um ruído surdo, e arrancou de uma cadeira de dobrar um homem que parecia apavorado. Ele estava usando um terno amarrotado com um grande rasgão no ombro e um par de reluzentes abotoaduras de prata. Não estava usando sapatos nem meias, e quando a oficial Luciana o trouxe marchando para a plataforma, as crianças puderam ver que ele tinha um olho tatuado no tornozelo esquerdo, exatamente como o conde Olaf. E quando ele virou a cabeça e correu os olhos pelo salão, as crianças puderam ver que tinha uma única sobrancelha em vez de duas, exatamente como o conde Olaf. Mas as crianças também puderam ver que ele não era o conde Olaf. Não era alto como o conde Olaf, e não era tão magro, e não havia sujeira embaixo das suas unhas, e nem um detestável e ganancioso olhar nos seus olhos. Mas acima de tudo os Baudelaire puderam ver que ele não era o conde Olaf, do mesmo modo como você seria capaz de dizer que um estranho não é o seu tio, mesmo que ele esteja usando o mesmo casaco de bolinhas e a peruca encaracolada que o seu tio sempre usou. Os três irmãos se entreolharam, depois olharam para o homem que estava sendo arrastado para a plataforma, e se deram conta, com um sentimento de humilhação, de que tinham pulado para conclusões precipitadas quanto à captura de Olaf.

"Senhoras e senhores", disse a oficial Luciana, "e órfãos, entrego-lhes o conde Olaf!"

"Mas eu não sou o conde Olaf!", gritou o homem. "Meu nome é Jacques, e..."

"Silêncio!", comandou um dos membros do Conselho dos Anciãos que tinha a aparência mais perversa. "A Regra nº 920 reza claramente que ninguém pode

falar enquanto está na plataforma."

"Vamos queimá-lo na fogueira!", gritou uma voz, e as crianças se voltaram para ver o sr. Lesko em pé, apontando para o homem trêmulo na plataforma. "Há muito tempo que não queimamos ninguém na fogueira!"

Diversos membros do Conselho menearam as cabeças. "Bem observado", disse um deles.

"Ele é Olaf, sem dúvida", bradou a sra. Morrow do outro lado do salão. "Ele tem uma sobrancelha só em vez de duas, e tem um olho tatuado no tornozelo."

"Mas muita gente tem uma sobrancelha só", gritou Jacques, "e esta tatuagem faz parte do meu trabalho."

"E o seu trabalho é de vilão!", bradou triunfante o sr. Lesko. "A Regra nº 19 833

reza claramente que nenhum vilão será permitido dentro dos limites da cidade, portanto vamos queimar você na fogueira!"

"Ouçam, ouçam!", gritaram várias vozes, concordando.

"Eu não sou vilão!", disse Jacques, frenético. "Trabalho para os voluntários..."

"Já basta!", disse um dos Anciãos mais jovens. "Olaf, você já foi advertido quanto à Regra nº 920. Você não pode falar enquanto está na plataforma. Algum outro cidadão deseja falar antes de fixarmos a data em que Olaf será queimado na fogueira?" Violet levantou-se, o que não é uma coisa fácil de fazer quando a sua cabeça ainda está girando, as suas pernas ainda estão bambeando e o seu corpo ainda está

zunindo de perplexidade. "Eu quero falar", disse ela. "A cidade de C.S.C. é minha tutora, portanto eu sou uma cidadã."

Klaus, que estava segurando Sunny nos braços, levantou-se e tomou lugar ao lado da irmã. "Este homem", ele disse apontando para Jacques, "não é o conde Olaf. A oficial Luciana cometeu um erro ao prendê-lo, e nós não queremos tornar as coisas ainda piores queimando um homem inocente na fogueira."

Jacques deu um sorriso de gratidão para as crianças, mas a oficial Luciana

voltou-se e foi batendo as botas pretas até onde estavam os Baudelaire. As crianças não podiam ver seus olhos, pois o visor do capacete ainda estava abaixado, mas os lábios vermelhos e brilhantes se torceram em um sorriso tenso. "São vocês que estão tornando as coisas piores", disse ela, e depois voltou-se para o Conselho dos Anciãos.

"Obviamente, o choque de ver o conde Olaf deixou estas crianças confusas", disse ela.

"É claro que deixou!", concordou um Ancião. "Falando na qualidade de membro da cidade que serve como sua tutora legal, digo que estas crianças claramente precisam ser postas na cama. Agora, há algum adulto que queira falar?" Os Baudelaire olharam para Hector, na esperança de que ele vencesse o seu nervosismo e se levantasse para falar. Certamente ele não acreditava que os três irmãos estavam confusos a ponto de não saber quem era o conde Olaf. Mas Hector não se portou à altura da situação, uma expressão que aqui significa "continuou sentado em sua cadeira de dobrar com os olhos fixos no chão", e depois de um instante o Conselho dos Anciãos deu o assunto por encerrado.

"Neste ato, dou o assunto por encerrado", disse um Ancião. "Hector, por favor, leve os Baudelaire para casa."

"Sim!", bradou alguém da família Verhoogen. "Ponham os órfãos na cama e queimem Olaf na fogueira!"

"Ouçam, ouçam!", gritaram várias vozes.

Um dos Anciãos do Conselho sacudiu a cabeça. "E muito tarde para queimar alguém na fogueira hoje", disse ele, e um murmúrio de desapontamento correu pelos cidadãos. "Vamos queimar o conde Olaf na fogueira logo depois do café-da-manhã", continuou ele. "Todos os moradores da cidade alta deverão trazer tochas acesas, e todos os moradores da cidade baixa deverão trazer lenha para acender o fogo e algum tipo de lanche saudável. Vejo vocês amanhã."

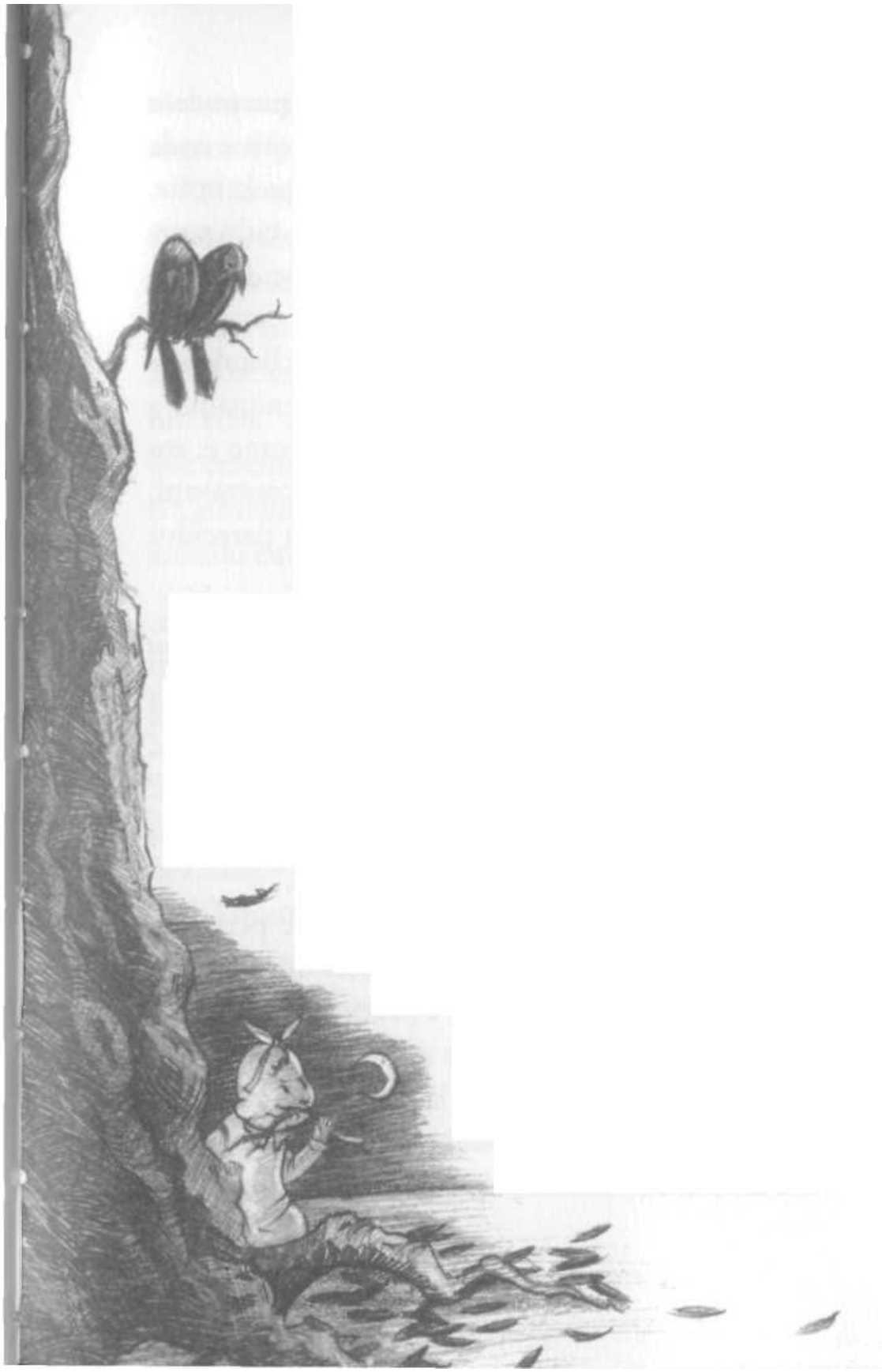
"E nesse meio-tempo", anunciou a oficial Luciana, "vou mantê-lo na cadeia central, do outro lado do Chafariz Corvídeo."

"Mas eu sou inocente!", gritou o homem na plataforma. "Por favor, me escutem, eu imploro! Não sou o conde Olaf! Meu nome é Jacques!" Ele voltou-se para os três irmãos, que puderam notar que estava com lágrimas nos olhos.

"Oh, Baudelaires", disse ele, "estou tão aliviado em ver vocês vivos. Os seus pais..."

"Você já falou que chegue", disse a oficial Luciana, tampando a boca de Jacques com a mão enluvada de branco.

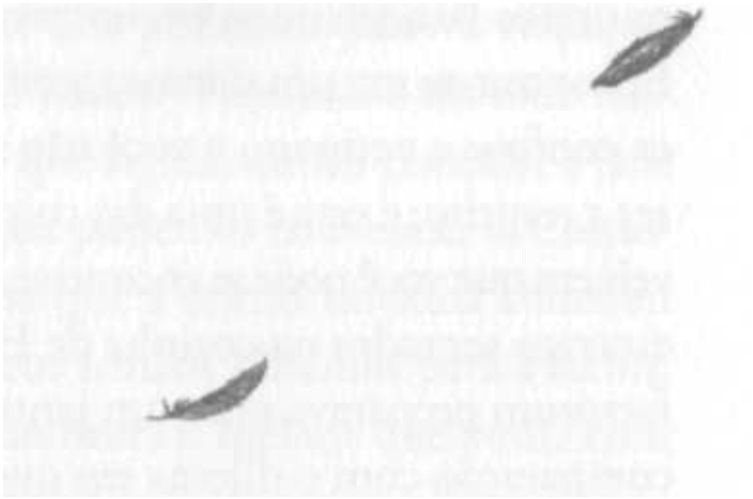
"Pipit!", gritou Sunny, o que queria dizer "Espere!", mas a oficial Luciana não ouviu, ou não deu importância, e rapidamente arrastou Jacques porta afora antes que ele pudesse dizer outra palavra. Os cidadãos se levantaram de suas cadeiras de dobrar para vê-lo sair, e então começaram a falar entre eles enquanto o Conselho dos Anciãos deixava o banco. Os Baudelaire viram o sr. Lesko compartilhar uma piada com a família Verhoogen, como se a noite inteira tivesse sido uma animada festa e não uma reunião em que um inocente tinha sido condenado à morte. "Pipit!", gritou Sunny novamente, mas ninguém deu ouvidos. Com os olhos ainda fixos no chão, Hector pegou Violet e Klaus pela mão e os levou para fora da Prefeitura. O factótum não disse uma palavra, e nem os Baudelaire. Seus estômagos estavam agitados demais e seus corações estavam pesados demais até para abrir a boca. Quando saíram da reunião do Conselho sem mais nenhum vislumbre de Jacques e da oficial Luciana, eles sentiram uma dor ainda pior do que aquela de pular para conclusões precipitadas. As crianças se sentiram com se tivessem pulado de um penhasco, ou pulado na frente de um trem em movimento. Ao sair da Prefeitura para o ar tranqüilo e silencioso da noite, os órfãos Baudelaire se sentiram como se nunca mais fossem pular de alegria.



CAPÍTULO

Sete

Neste nosso mundo grande e selvagem, há muitos, muitos lugares desagradáveis para se estar. Você pode estar em um rio infestado de enguias elétricas raivosas, ou em um supermercado cheio de maratonistas truculentos. Você pode estar em



um hotel que não tem serviço de quarto, ou pode estar perdido em uma floresta que está

pouco a pouco se en-chendo de água. Você pode estar em um vespeiro, ou em um aeroporto abandonado, ou no consultório de um cirurgião pediátrico; mas uma das coisas mais desagradáveis que podem acontecer é encontrar-se em um dilema, que é onde os órfãos Baudelaire se encontravam naquela noite. Encontrar-se em um dilema significa que tudo parece confuso e perigoso, e você não sabe que diabo fazer a respeito; e esta é

uma das coisas mais desagradáveis em que você pode se encontrar. Os três Baudelaire estavam sentados na cozinha de Hector enquanto o factótum preparava mais um jantar mexicano e, em comparação com o dilema em que se encontravam, todos os seus outros problemas ficavam parecidos com as batatinhas que ele cortava em três.

"Tudo parece confuso", disse Violet taciturna. "Os trigêmeos Quagmire estão em algum lugar aqui por perto, mas nós não sabemos onde, e as únicas pistas que temos são dois poemas confusos. E agora, temos um homem que não é o conde

Olaf porém tem um olho tatuado no tornozelo e queria nos contar alguma coisa sobre os nossos pais."

"É mais que confuso", disse Klaus. "É perigoso. Precisamos salvar os Quagmire antes que o conde Olaf faça algo de pavoroso, e precisamos convencer o Conselho dos Anciãos de que o homem que eles prenderam é realmente Jacques, caso contrário irão queimá-lo na fogueira."

"Dilema?", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa na linha de "Que diabo podemos fazer a respeito?".

"Não sei o que nós podemos fazer a respeito, Sunny", respondeu Violet.

"Passamos o dia todo tentando descobrir o que significam os poemas, e tentamos o melhor que pudemos convencer o Conselho dos Anciãos de que a oficial Luciana cometeu um erro." Ela e seus irmãos olharam para Hector, que certamente não fizera o melhor que podia com o Conselho dos Anciãos mas, em vez disso, ficara sentado em sua cadeira de dobrar sem dizer palavra.

Hector suspirou e olhou para as crianças com um ar infeliz. "Sei que devia ter dito alguma coisa", disse ele, "mas eu estava desassossegado demais. O Conselho dos Anciãos é tão imponente que não consigo dizer nem uma palavra na presença deles. No entanto, me ocorre algo que podemos fazer para ajudar."

"O que é?", perguntou Klaus.

"Podemos saborear estes huevos rancheros, disse ele. "Huevos rancheros são ovos fritos com feijão, servidos com tortilhas e batatas em molho apimentado de tomate." Os irmãos se entreolharam, tentando imaginar como um prato mexicano poderia tirá-los do seu dilema. "E como isto vai ajudar?", perguntou Violet desconfiada.

"Não sei", admitiu Hector. "Mas já estão quase prontos e a minha receita é

deliciosa, modéstia à parte. Venham, vamos comer. Talvez um bom jantar os ajude a pensar em alguma coisa."

As crianças suspiraram, mas concordaram com a cabeça e levantaram-se para sentar-se à mesa, e por curioso que possa parecer, um bom jantar de fato ajudou os Baudelaire a pensar em alguma coisa. Assim que Violet pôs na boca o seu

primeiro bocado de feijão, sentiu as engrenagens e alavancas do seu cérebro inventivo entrarem em ação. Assim que Klaus mergulhou a sua tortilha no molho apimentado de tomate, começou a pensar nos livros que tinha lido que poderiam ser de ajuda. E assim que Sunny lambuzou a cara toda com gemas de ovos, bateu os seus quatro dentes afiados uns nos outros e tentou pensar em como eles poderiam ser de ajuda. Quando os Baudelaire já estavam terminando a refeição que Hector preparara para eles, suas idéias tinham crescido e evoluído para planos completos, do mesmo modo como a Árvore do Nunca Mais crescera muito tempo atrás a partir de uma minúscula semente, e o Chafariz Corvídeo fora construído muito recentemente a partir do abominável projeto de alguém. Foi Sunny quem falou primeiro. "Plano!", disse ela.

"O que é, Sunny?", perguntou Klaus.

Com um dedinho coberto de molho de tomate, Sunny apontou para a Árvore do Nunca Mais através da janela, a qual estava recoberta de corvos de C.S.C., como acontecia todas as manhãs. "Merganser!", disse ela com firmeza.

"Minha irmã está dizendo que amanhã de manhã provavelmente haverá mais um poema de Isadora no mesmo lugar", explicou Klaus para Hector, "e quer passar a noite embaixo da árvore. Ela é tão pequena que, seja quem for que está deixando os poemas ali, provavelmente nem notará a sua presença, e ela será capaz de descobrir como os dísticos estão chegando até nós."

"E isto deverá nos levar mais para perto de encontrar os Quagmire", disse Violet.

"É um bom plano, Sunny."

"Minha nossa, Sunny", disse Hector. "Você não vai ficar com medo de passar a noite inteira embaixo de todo um bando de corvos?"

"Tríler", disse Sunny, o que queria dizer "Isto não vai ser mais assustador do que a vez em que eu escalei um poço de elevador com os dentes".

"Acho que também tenho um bom plano", disse Klaus. "Hector, ontem você nos contou o segredo da biblioteca que você tem no celeiro."

"Psiu!", disse Hector, olhando em volta. "Não fale tão alto! Você sabe que é

contra as regras ter todos esses livros, e eu não quero ser queimado na fogueira."

"Eu não quero que ninguém seja queimado na fogueira", disse Klaus. "Olha só, a biblioteca secreta contém livros sobre as regras de C.S.C.?"

"Com certeza", disse Hector. "Aos montes. Como os livros descrevem pessoas quebrando regras, eles quebram a Regra nº 108, que reza claramente que a biblioteca de C.S.C. não pode conter livros que quebrem qualquer uma das regras."

"Bem, vou ler o maior número de livros de regras que puder", disse Klaus. “Deve haver um jeito de salvar Jacques de ser queimado na fogueira, e aposto que vou encontrá-lo nas páginas desses livros.”

"Minha nossa, Klaus", disse Hector. "Você não vai ficar enjoado de tanto ler todos aqueles livros de regras?"

"Não mais do que fiquei quando tive de ler tudo o que havia sobre gramática, a fim de salvar a tia Josephine", respondeu ele.

"Sunny está trabalhando para salvar os Quagmire", disse Violet, "e Klaus está

trabalhando para salvar Jacques. Eu tenho de trabalhar para salvar a nós."

"O que você quer dizer?", perguntou Klaus.

"Bem, acho que o conde Olaf deve estar por trás de todos esses problemas", disse Violet.

"Grebe!", disse Sunny, o que queria dizer "Como de costume!".

"Se a cidade de C.S.C. queimar Jacques na fogueira", continuou Violet, "todos vão pensar que o conde Olaf está morto. Aposto que O Pundonor Diário vai até publicar uma matéria afirmando isso. Serão boas-novas para Olaf — o verdadeiro, quero dizer. Se todo mundo pensar que ele está morto, Olaf poderá cometer as perfídias que bem entender, e as autoridades não vão sair à sua procura."

"É verdade", disse Klaus. "O conde Olaf deve ter encontrado Jacques — seja ele quem for — e o trouxe para a cidade. Sabia que a oficial Luciana iria pensar que ele era Olaf. Mas o que isto tem a ver com nos salvar?"

"Bem, se nós salvarmos os Quagmire e provarmos que Jacques é inocente", disse Violet, "o conde Olaf virá atrás de nós, e não podemos confiar no Conselho dos Anciãos para nos proteger."

"Poe!", disse Sunny.

"Nem no sr. Poe", concordou Violet. "É por isso que precisamos encontrar um modo de salvar a nós mesmos." Ela voltou-se para Hector. "Ontem você também nos contou sobre a sua casa móvel auto-sustentável a ar quente." Hector olhou em volta outra vez, para ter certeza de que ninguém estava ouvindo.

"Sim", disse ele, "mas eu acho que vou parar de trabalhar nela. Se o Conselho dos Anciãos ficar sabendo que estou quebrando a Regra nº 67, posso ser queimado na fogueira. De qualquer modo, não estou conseguindo pôr o motor dela a funcionar."

"Se você não se importa, eu gostaria de dar uma olhada", disse Violet. "Talvez eu possa ajudar a acabá-la. Você queria usar a casa móvel auto-sustentável a ar quente para escapar de C.S.C. e do Conselho dos Anciãos, e de tudo o mais que deixa você

desassossegado, mas ela também poderia ser um excelente veículo de fuga."

"Talvez sejam as duas coisas", disse Hector timidamente, e estendeu a mão através da mesa para dar uma palmadinha no ombro de Sunny. "Aprecio muito a companhia de vocês três, crianças, e seria delicioso compartilhar uma casa móvel com vocês. Há espaço à vontade na casa móvel auto-sustentável a ar quente, e depois que conseguirmos fazê-la funcionar, poderemos lançá-la e nunca mais descer outra vez. O

conde Olaf e os seus parceiros nunca mais conseguiriam incomodá-los. O que vocês acham?" Os três Baudelaire ouviram atentamente a sugestão de Hector, mas quando tentaram dizer a ele o que pensavam, sentiram-se como se estivessem em um dilema tudo de novo. Por um lado, seria emocionante viver de um modo tão inusitado, e a idéia de estar para sempre a salvo das garras perversas do conde Olaf era muito convidativa, para dizer o mínimo. Violet olhou para a sua irmãzinha bebê e pensou na promessa que tinha feito quando Sunny nasceu, de que iria sempre cuidar dos seus irmãos mais novos e garantir que não se metessem em dificuldades. Klaus olhou para Hector, que era o único cidadão naquela cidade sinistra que realmente parecia se preocupar com as

crianças, como deve fazer um tutor. E Sunny olhou para o céu noturno através da janela e lembrou-se da primeira vez em que ela e seus irmãos viram os corvos de C.S.C. voando em círculos superlativos e desejou que também eles pudessem escapar de todas as suas preocupações. Mas por outro lado, os Baudelaire achavam que voar para longe de todos os seus problemas e viver para sempre lá em cima no céu não parecia ser um jeito acertado de viver a vida. Sunny era um bebê, Klaus só tinha doze anos, e até Violet, a mais velha, tinha catorze, o que na verdade não é tanto assim. Havia muitas coisas que os Baudelaire esperavam conseguir em terra, e eles não tinham certeza de que poderiam simplesmente abandonar todas essas esperanças tão cedo em suas vidas. Os Baudelaire sentaram-se à mesa e pensaram no plano de Hector, e pareceu às crianças que se passassem o resto de suas vidas flutuando pelos céus, simplesmente não estariam no seu elemento, uma expressão que aqui significa "no tipo de lar que os três irmãos prefeririam".

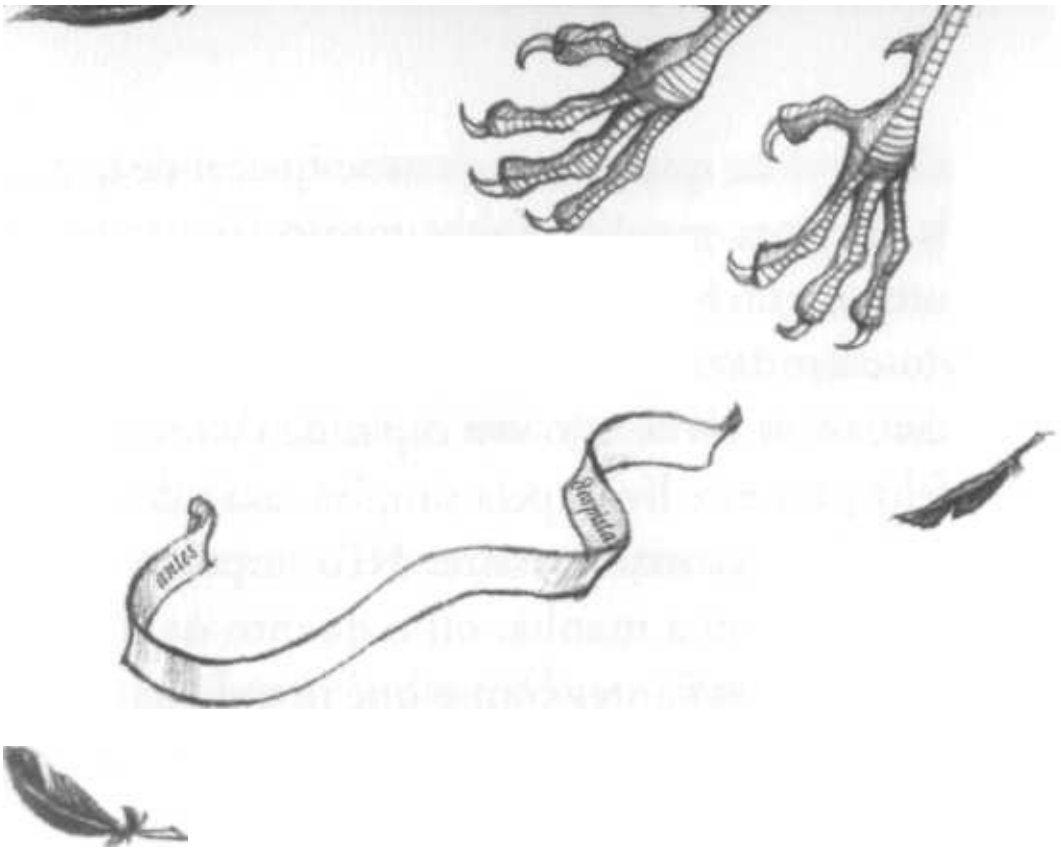
"Primeiro o mais importante", disse Violet afinal, esperando não estar ferindo os sentimentos de Hector. "Antes de tomarmos uma decisão sobre o resto das nossas vidas, vamos tirar Duncan e Isadora das garras de Olaf."

"E garantir que Jacques não seja queimado na fogueira", disse Klaus.

"Albico!", acrescentou Sunny, o que queria dizer alguma coisa do tipo "E vamos resolver o mistério de C.S.C., do qual os Quagmire nos falaram!". Hector suspirou. "Vocês estão certos", disse ele. "Essas coisas são mais importantes, mesmo que me deixem desassossegado. Bem, vamos levar Sunny para a árvore e depois vamos ao celeiro, onde estão a biblioteca e o ateliê de invenções. Parece que esta vai ser mais uma longa noite, mas espero que desta vez não estejamos latindo para a árvore errada."

Os Baudelaire sorriram para o factótum e o seguiram para fora no escuro da noite. Soprava uma brisa suave e o ar estava fresco, repleto de sons do bando de corvos que se acomodavam para passar a noite. Eles continuaram sorrindo quando se separaram, Sunny engatinhando para a Árvore do Nunca Mais e os dois Baudelaire mais velhos seguindo Hector para o celeiro; e eles continuaram a sorrir quando começaram a pôr cada um dos seus planos em ação. Violet sorriu porque o ateliê de invenções de Hector era muito bem equipado, com uma abundância de alicates, e cola, e arame, e tudo o que a sua mente inventiva precisava, e porque a casa móvel auto-sustentável a ar quente era um mecanismo enorme e fascinante — exatamente o tipo de invenção desafiadora em que ela

gostava de trabalhar. Klaus sorriu porque a biblioteca de Hector era muito confortável, com algumas boas mesas robustas e cadeiras estofadas, simplesmente perfeitas para leitura, e porque os livros sobre as regras de C.S.C. eram bem grossos e cheios de palavras difíceis — exatamente o tipo de leitura desafiadora que ele apreciava. E Sunny sorriu porque havia diversos galhos mortos da Árvore do Nunca Mais que tinham despencado para o chão, portanto ela teria alguma coisa para roer enquanto aguardava escondida pelo aparecimento do próximo dístico. As crianças estavam nos seus elementos. Violet estava no seu elemento no ateliê de invenções, Klaus estava no seu elemento na biblioteca, e Sunny estava no seu elemento simplesmente por estar no chão e perto de algo que podia morder. Violet amarrou o cabelo com uma fita para impedir que lhe caísse nos olhos, Klaus limpou os óculos e Sunny espichou a boca preparando os dentes para a tarefa que os aguardava, e os três irmãos sorriram mais do que tinham sorrido desde a sua chegada na cidade. Os órfãos Baudelaire estavam nos seus elementos, e esperavam que o fato de estarem nos seus elementos os levasse a encontrar uma saída para o seu dilema.



CAPÍTULO

Oito

A manhã seguinte começou com uma aurora prolongada e colorida, que Sunny viu do seu esconderijo embaixo da Arvore do Nunca Mais. Ela continuou com os sons dos corvos que despertavam, que Klaus ouviu de dentro da biblioteca no celeiro, e prosseguiu com a visão dos pássaros fazendo o seu familiar círculo no céu, que Violet viu bem no momento em que estava saindo do ateliê de invenções. Quando Klaus juntou-se à irmã

do lado de fora do celeiro e Sunny engatinhou pela paisagem achatada para chegar até

eles, os pássaros já tinham parado de circular e estavam voando juntos para a cidade alta. A manhã estava tão linda e tranqüila que, ao descrevê-la, quase consigo me esquecer de que aquela era uma manhã muito, muito triste para mim, uma manhã que eu gostaria de riscar para sempre do calendário Snicket. Mas

não posso apagar esse dia, assim como não sou capaz de escrever um final feliz para este livro, pela simples razão de que a história não acontece assim. Não importa o quanto era adorável a manhã, ou o quanto os Baudelaire estavam confiantes com o que já tinham descoberto no decorrer da noite, no horizonte desta história não há um final feliz, assim como não havia um elefante no horizonte de C.S.C.

"Bom dia", Violet disse a Klaus, e bocejou.

"Bom dia", Klaus respondeu. Ele estava segurando dois livros nos braços, mas mesmo assim conseguiu acenar para Sunny, que ainda estava engatinhando na direção deles. "Como foram as coisas com Hector no ateliê de invenções?"

"Bem, Hector caiu no sono algumas horas atrás", disse Violet, "mas eu descobri algumas pequenas falhas na casa móvel auto-sustentável a ar quente. A condutividade do motor era baixa, devido a alguns problemas com o gerador eletromagnético que Hector construiu. Isto significa que a taxa de inflação dos balões freqüentemente se tornava irregular, e, assim sendo, reconfigurei alguns condutos-chave. Também o sistema de circulação de água estava operando com tubulações inadequadas, o que significa que o aspecto auto-sustentável da central de alimentação provavelmente não iria durar tanto quanto deveria, daí redirecionei uma parte da ciclagem áqüea."

"Dia!", exclamou Sunny ao aproximar-se dos irmãos.

"Bom dia, Sunny", disse Klaus. "Violet estava justo me contando que notou algumas coisas erradas com a invenção de Hector, mas acha que conseguiu consertar."

"Bem, eu gostaria de testar o dispositivo inteiro antes de subirmos nele, se houver tempo", disse Violet erguendo Sunny do chão e segurando-a nos braços, "mas acho que tudo deverá funcionar razoavelmente bem. É uma invenção fantástica. Um pequeno grupo de pessoas poderia realmente passar o resto da vida em segurança no ar. Você descobriu alguma coisa na biblioteca?"

"Bem, primeiro eu descobri que os livros sobre as regras de C.S.C. são na verdade muito fascinantes", disse Klaus. "A Regra nº 19, por exemplo, reza claramente que as únicas canetas aceitáveis dentro dos limites da cidade são as feitas de penas de corvo. E no entanto, a Regra nº 39 reza claramente que é ilegal fazer qualquer objeto com penas de corvo. Como os cidadãos conseguem

obedecer às duas regras ao mesmo tempo?"

"Talvez eles não possuam caneta nenhuma", disse Violet, "mas isso não é

importante. Você descobriu alguma coisa de útil nos livros de regras?"

"Sim", disse Klaus, e abriu um dos livros que estava carregando. "Ouçam isto: A Regra nº 2493 reza claramente que qualquer pessoa que esteja para ser queimada na fogueira tem a oportunidade de fazer um discurso logo antes de o fogo ser aceso. Podemos ir até a cadeia central da cidade esta manhã para garantir que Jacques tenha essa oportunidade. Em seu discurso, ele poderá contar às pessoas quem ele realmente é, e por que tem aquela tatuagem."

"Mas ele tentou fazer isso ontem na reunião", disse Violet. "Ninguém acreditou nele. Ninguém sequer ouviu o que ele tinha a dizer."

"Eu estava pensando a mesma coisa", disse Klaus, abrindo o segundo livro, "até

que li isto aqui."

"Touí?", perguntou Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Existe uma regra que reza claramente que as pessoas têm de ouvir discursos?".

"Não", respondeu Klaus. "Este não é um livro de regras. E um livro sobre psicologia, o estudo da mente. Foi removido da biblioteca porque tem um capítulo sobre a tribo dos cheroquis, na América do Norte. Eles fazem toda sorte de coisas com penas, o que quebra a Regra nº 39."

"Isso é ridículo", disse Violet.

"Concordo", disse Klaus, "mas estou contente por este livro estar aqui e não na cidade, porque ele me deu uma idéia. Há um capítulo aqui sobre a psicologia das turbas."

"Quediz?", perguntou Sunny.

"Uma turba é uma multidão de pessoas", explicou Klaus, "geralmente irada."

"Como os cidadãos e o Conselho dos Anciãos estavam ontem", disse Violet, "na Prefeitura. Eles estavam incrivelmente irados."

"Exatamente", disse Klaus. "Agora escutem isto." O Baudelaire do meio abriu o segundo livro e começou a ler em voz alta. "'O diapasão emocional subliminar da ingovernabilidade de uma turba jaz na ressonância de opiniões solitárias enfaticamente manifestadas em diversos pontos do campo estereofônico.'"

"Diapasão? Ressonância? Estereofônico?", perguntou Violet. "Até parece que você está falando de música."

"O livro usa uma porção de palavras complicadas", disse Klaus, "mas por sorte havia um dicionário na biblioteca de Hector. Ele foi removido de C.S.C. porque definia a expressão 'dispositivo mecânico'. Tudo o que aquela sentença quer dizer é que se umas poucas pessoas, dispersas no meio da multidão, começarem a bradar suas opiniões, logo a turba inteira irá concordar com elas. Isso aconteceu na reunião do Conselho de ontem

— umas poucas pessoas disseram coisas iradas, e logo o salão inteiro ficou irado."

"Viu", disse Sunny, o que queria dizer "Sim, eu me lembro".

"Quando chegarmos à cadeia", disse Klaus, "vamos nos certificar de que Jacques será autorizado a fazer o seu discurso. Então, enquanto ele se explica, vamos nos espalhar no meio da multidão e bradar coisas como 'Eu acredito nele!' e 'Ouçam, ouçam!'. A psicologia da turba fará com que todos exijam que Jacques seja libertado."

"Você acha mesmo que isto vai funcionar?", perguntou Violet.

"Bem, eu preferiria fazer um teste primeiro", disse Klaus, "assim como você

preferiria testar a casa móvel auto-sustentável a ar quente. Mas não temos tempo. E

então, Sunny, o que você descobriu depois de passar a noite debaixo da árvore?" Sunny ergueu uma de suas mãozinhas para mostrar mais uma tirinha de papel.

"Dístico!", exclamou ela triunfante, e seus irmãos juntaram-se em volta dela para ler.

A que antes se lê, contém uma pista,

Recurso inicial que o bandido despista.

"Bom trabalho, Sunny", disse Violet. "Definitivamente, este é mais um poema de Isadora Quagmire."

"E parece nos remeter de volta à primeira linha do primeiro poema", disse Klaus.

"Ele diz que 'A que antes se lê, contém uma pista'."

"Mas o que significa 'Recurso inicial que o bandido despista'?", perguntou Violet.

"Iniciais, como c.s.c?"

"Talvez", respondeu Klaus. "Mas a palavra 'inicial' também pode significar

'primeiro'. Acho que Isadora quer dizer que este é o primeiro jeito que ela encontrou para se comunicar conosco enganando o bandido — isto é, Olaf — através destes poemas."

"Mas isto nós já sabemos", disse Violet. "Os Quagmire não precisariam nos contar. Vamos examinar todos os poemas juntos. Talvez isso nos forneça um quadro completo."

Violet tirou do bolso os outros dois poemas, e as três crianças olharam para todos eles em conjunto.

Cá, por safiras, cativos estamos.

Hora após hora, em terror aguardamos.

Até de manhã, não vai dar pra falar;

Fechado e tristonho há de o bico ficar.

A que antes se lê, contém uma pista,

Recurso inicial que o bandido despista.

"A parte sobre o bico ainda é a mais confusa", disse Klaus.

"Leucophrys!", disse Sunny, o que queria dizer "Acho que posso explicar isto —

os corvos estão trazendo os dísticos".

"Como isso é possível?", perguntou Violet.

"Loidya!", respondeu Sunny. Ela queria dizer alguma coisa tipo "Tenho certeza absoluta de que ninguém se aproximou da árvore durante toda a noite, e de madrugada o bilhete caiu dos galhos da arvore.”

"Já ouvi falar de pombos-correio", disse Klaus. "São pássaros que vivem de levar mensagens. Mas nunca ouvi falar de corvos-correio."

"Talvez eles não saibam que são corvos-correio", disse Violet. "De algum modo, os Quagmire podem estar prendendo as tirinhas de papel nos corvos — nos bicos, ou nas penas — e depois os poemas se soltam quando eles dormem na Árvore do Nunca Mais. Os trigêmeos têm de estar em algum lugar aqui na cidade. Mas onde?"

"Co!", gritou Sunny, apontando para os poemas.

"Sunny tem razão", disse Klaus, alvoroçado. "Aqui diz 'Até de manhã, não vai dar pra falar'. Isto quer dizer que eles estão prendendo os poemas nos corvos de manhã, quando eles se empoleiram na cidade alta."

"Bem, esta é mais uma razão para irmos à cidade alta", retrucou Violet.

"Podemos salvar Jacques antes que ele seja queimado na fogueira, e procurar pelos Quagmire. Se não fosse por você, Sunny, não saberíamos onde procurar pelos Quagmire."

"Hasserin", disse Sunny, o que queria dizer "E se não fosse por você, Klaus, não saberíamos como salvar Jacques".

"E se não fosse por você, Violet", disse Klaus, "não teríamos possibilidade de escapar desta cidade."

"E se continuarmos parados aqui", disse Violet, "não vamos salvar ninguém. Vamos tratar de acordar Hector e ir andando. O Conselho dos Anciãos disse que eles iriam queimar Jacques na fogueira logo depois do café-da-manhã."

"Yikes!", disse Sunny, o que queria dizer "Isto não nos deixa muito tempo", portanto os Baudelaire não levaram muito tempo entrando no celeiro e passando através da biblioteca de Hector, que era tão vasta que as duas irmãs Baudelaire mal podiam acreditar que Klaus tinha conseguido encontrar informações úteis entre as prateleiras e mais prateleiras de livros. Havia estantes tão altas que era preciso subir em uma escada para alcançar as últimas prateleiras, e outras tão baixas que era preciso se arrastar pelo chão para conseguir ler os títulos. Havia livros que pareciam pesados demais para deslocar, e livros que pareciam leves demais para permanecer no lugar, e havia livros que pareciam tão chatos que as irmãs não conseguiam imaginar que alguém fosse capaz de ler — mas estes eram os livros que ainda estavam amontoados em pilhas enormes espalhadas pelas mesas depois da sessão de leitura de noite inteira de Klaus. Violet e Sunny tiveram vontade de parar por um momento para guardar tudo, mas sabiam que não tinham muito tempo.

Atrás da última estante da biblioteca ficava o ateliê de invenções de Hector, onde Klaus e Sunny tiveram o primeiro vislumbre da casa móvel auto-sustentável a ar quente, que era uma engenhoca maravilhosa. Doze cestas enormes, cada qual do tamanho de um quarto pequeno, estavam empilhadas no canto, conectadas por toda sorte de diferentes tubos, canos e arames, e rodeando as cestas havia uma série de grandes tanques metálicos, engradados de madeira, jarras de vidro, sacos de papel, recipientes de plástico e rolos de barbante, junto com diversos dispositivos mecânicos grandes, com botões, interruptores e engrenagens, e uma grande pilha de balões vazios. A casa móvel auto-sustentável a ar quente era tão imensa e complicada que lembrou aos dois Baudelaire mais jovens o que eles costumavam pensar ao imaginar como seria por dentro o cérebro inventivo de Violet, e cada parte da casa parecia tão interessante que Klaus e Sunny não sabiam para onde olhar primeiro. Mas os Baudelaire sabiam que não tinham muito tempo, portanto, em vez de explicar a invenção aos irmãos, Violet foi em passos rápidos diretamente até uma das cestas, a qual deixou Klaus e Sunny surpresos quando viram que continha uma cama, e esta, por sua vez, continha um Hector adormecido.

"Bom dia", disse o factótum depois que Violet o sacudiu gentilmente até

acordá-lo.

"É mesmo um bom dia", retrucou ela. "Nós descobrimos algumas coisas maravilhosas. Vamos explicar tudo a caminho da cidade alta."

"Da cidade alta?", disse Hector, saindo da cesta. "Mas os corvos estão empoleirados na cidade alta. Na parte da manhã, fazemos as tarefas da cidade baixa, estão lembrados?"

"Não vamos fazer tarefa nenhuma esta manhã", disse Klaus com firmeza. "Esta é

uma das coisas que precisamos explicar."

Hector bocejou, se espreguiçou e esfregou os olhos, depois sorriu para as três crianças. "Bem, desembuchem", disse ele, usando uma expressão que aqui quer dizer

"Comecem logo a me contar sobre os seus planos".

Os irmãos seguiram de volta na frente de Hector, passando pelo ateliê de invenções e pela biblioteca secreta, e aguardaram enquanto ele trancava o celeiro. Então, enquanto davam os primeiros passos pela paisagem achatada rumo à cidade alta, os órfãos Baudelaire desembucharam. Violet contou a Hector sobre os aperfeiçoamentos que fizera na sua invenção, e Klaus contou-lhe sobre o que aprendera na biblioteca de Hector, e Sunny contou-lhe — com um pouco de ajuda dos irmãos na tradução — sobre a sua descoberta de como os poemas de Isadora estavam sendo entregues. Quando os Baudelaire estavam desenrolando a terceira e última tirinha de papel para mostrar a Hector o terceiro dístico, eles já tinham chegado à periferia recoberta de corvos da cidade alta de C.S.C.

"Então os Quagmire estão em algum lugar na cidade alta", disse Hector. "Mas onde?"

"Não sei", admitiu Violet, "mas é melhor tentarmos salvar Jacques primeiro. Onde fica a cadeia central?", perguntou Violet a Hector.

"Fica do outro lado do Chafariz Corvídeo", respondeu o factótum, "mas parece que não vamos precisar de orientação. Olhem o que está na nossa frente." As crianças olharam, e viram alguns dos cidadãos portando tochas flamejantes e caminhando cerca de um quarteirão à frente. "Já deve ser depois do café-da-manhã", disse Klaus. "E melhor a gente se apressar."

Os Baudelaire caminharam o mais depressa que podiam por entre o bando de pássaros crocitantes pousados no chão, com Hector seguindo desassossegado

bem atrás, e logo eles dobraram uma esquina e chegaram ao Chafariz Corvídeo — ou pelo menos o que dava para ver dele. O chafariz estava apinhado de corvos que agitavam as asas na água para tomar o seu banho matinal, e os Baudelaire mal conseguiam ver uma pena de metal que fosse do hediondo monumento. Do outro lado do pátio havia um edifício com barras nas janelas e corvos nas barras, e os cidadãos com suas tochas formavam um semicírculo em volta da porta do edifício. Mais cidadãos de C.S.C. estavam chegando de todas as direções, e as três crianças puderam ver alguns membros do Conselho dos Anciãos com seus chapéus de corvo reunidos em pé e ouvindo alguma coisa que a sra. Morrow estava dizendo.

"Parece que chegamos na hora H", disse Violet. "É melhor nos espalharmos pelo meio da multidão. Sunny, você vai para a extrema esquerda. Eu vou para a extrema direita."

"Oqueü", disse Sunny, e começou a engatinhar através do semicírculo de gente.

"Acho que vou simplesmente ficar aqui", disse Hector baixinho, olhando para o chão, mas as crianças não tinham tempo para discutir com ele. Klaus começou a andar diretamente para o meio da multidão.

"Esperem!", gritou Klaus, avançando com dificuldade através do povo. "A Regra ns 2493 reza claramente que qualquer pessoa que esteja para ser queimada na fogueira tem a oportunidade de fazer um discurso logo antes de o fogo ser aceso!"

"Sim!", gritou Violet do lado direito da multidão. "Que Jacques seja ouvido!" A oficial Luciana se plantou bem na frente de Violet, que quase bateu a testa no lustroso capacete da chefe. Atrás do visor do capacete, Violet pôde ver os cantos da boca cheia de batom de Luciana se erguerem em um minúsculo sorriso. "E tarde demais para isso", disse ela, e alguns cidadãos em volta murmuraram concordando. Com uma batida surda de uma das botas, ela deu um passo para o lado e deixou Violet ver o que estava acontecendo. Do lado esquerdo da multidão, Sunny engatinhou por cima dos sapatos de uma pessoa que estava mais perto da cadeia, e Klaus espiou por cima do ombro do sr. Lesko, tentando ver para onde todo mundo estava olhando tão fixamente. Jacques estava deitado no chão com os olhos fechados, e dois membros do Conselho dos Anciãos puxavam um lençol branco por cima dele, como se o estivessem acomodando para um cochilo. Porém, por mais ardentemente que eu queira poder escrever

que era isso, ele não estava dormindo. Os Baudelaire tinham chegado à cadeia central antes que os cidadãos de C.S.C. pudessem queimá-lo na fogueira, mas ainda assim não chegaram na hora H.



CAPITULO

Nove

Não existem muitas pessoas no mundo que apreciem ser portadoras de más notícias, mas lamento dizer que a sra. Morrow era uma delas. Quando avistou os órfãos Baudelaire reunidos em torno de Jacques, ela se apressou até pátio, para contar os detalhes.

"Esperem só até que O Pundonor Diário fique sabendo disto!", disse ela entusiasticamente, e apontou para Jacques com a manga do seu robe cor-de-rosa. "Antes que ele pudesse ser queimado na fogueira, o conde Ornar foi assassinado misteriosamente na sua cela."

"Conde Olaf", corrigiu Violet automaticamente.

"Então você finalmente admite que sabe quem é ele!", exclamou ela, triunfante.

"Nós não sabemos quem é ele!", insistiu Klaus, pegando no colo a sua irmã bebê, que estava começando a chorar baixinho. "Só sabemos que ele é um homem inocente!" A oficial Luciana avançou batendo as botas pretas e a multidão de cidadãos se dividiu para deixá-la passar diretamente até as crianças. "Não acho que este seja um assunto para ser discutido por crianças", disse ela, e ergueu no ar as suas mãos enluvadas de branco para chamar a atenção da multidão.

"Cidadãos de C.S.C.", disse ela solenemente, "eu tranquei o conde Olaf na cadeia central esta noite, e quando cheguei aqui pela manhã ele tinha sido morto. Estou com a única chave da cadeia, portanto a sua morte é um mistério e tanto."

"Um mistério!", disse a sra. Morrow alvoroçada, enquanto a multidão murmurava por trás dela. "Que delícia, adoro mistérios!"

"Choart!", disse Sunny chorosa. Ela queria dizer algo como "Um homem morto não é uma delícia!", mas só os seus irmãos estavam prestando atenção.

"Vocês todos ficarão felizes em saber que o famoso detetive Dupin aceitou investigar este assassinato", continuou a oficial Luciana. Ele está agora lá dentro da cadeia, examinando a cena do crime."

"O famoso detetive Dupin!", disse o sr. Lesko. “Imaginem só!”

"Nunca ouvi falar dele", disse um Ancião que estava por perto.

"Nem eu", admitiu o sr. Lesko, "mas tenho certeza de que ele é muito famoso."

"O que aconteceu?", perguntou Violet, tentando não olhar para o lençol branco no chão. "Como Jacques foi morto? Não havia ninguém de guarda? Como poderia alguém ter entrado na cela dele se você a trancou?"

Luciana voltou-se e encarou Violet, que pôde ver o seu próprio reflexo atônito refletido no lustroso capacete da policial. "Como eu já disse antes", Luciana disse de novo,

"não acho que este seja um assunto a ser discutido por crianças. Talvez aquele homem de macacão devesse levar vocês para um parquinho, em vez de uma cena do crime."

"Ou para fazer as tarefas matinais na cidade baixa", disse outro Ancião balançando o seu chapéu de corvo. "Hector, leve os órfãos embora."

"Não tão depressa", bradou uma voz vinda da porta da cadeia central. Era uma voz, lamento dizer, que os órfãos Baudelaire reconheceram na hora. A voz era roufenha, e estridente, e possuía um quê de sorriso sinistro, como se a pessoa que falava estivesse contando uma piada. Mas não era uma voz que desse às crianças vontade de rir como depois de uma fala cômica. Era uma voz que as crianças reconheceram de todos os lugares por onde viajaram desde que seus pais tinham morrido, e uma voz que as crianças conheciam de todos os mais desagradáveis pesadelos. Era a voz do conde Olaf. Com o coração nas mãos, as crianças se voltaram para ver Olaf em pé na soleira da porta, usando mais um dos seus absurdos disfarces. Ele estava usando uma japona turquesa tão brilhantemente colorida que fez os Baudelaire apertarem os olhos, e um par de calças prateadas e ornamentadas com espelhinhos que reluziam ao sol da manhã. Um par de enormes óculos de sol cobriam toda a parte superior do seu rosto, escondendo a sobrancelha única e os olhos muito, muito brilhantes. Em seus pés havia um par de cintilantes sapatos de plástico verde com raios de plástico amarelo saindo deles, cobrindo os tornozelos e escondendo a sua tatuagem. Mas o mais desagradável de tudo era o fato de que Olaf estava sem camisa, usando só uma grossa corrente de ouro com uma insígnia de detetive no meio. Os Baudelaire podiam ver o seu peito pálido e peludo olhando furtivamente para

eles, o que somava uma camada extra de mal-estar ao seu medo.

"Simplesmente não é legal", disse o conde Olaf, estalando os dedos para enfatizar a palavra "legal", "dispensar suspeitos da cena do crime antes que o detetive Dupin dê o seu 'de acordo'".

"Mas certamente os órfãos não são suspeitos", disse um dos Anciãos. "Afinal, são apenas crianças."

"Simplesmente não é legal", disse o conde Olaf, estalando os dedos mais uma vez, "discordar do detetive Dupin."

"Concordo", disse a oficial Luciana, e deu um grande sorriso de batom para Olaf quando ele atravessou a porta. "Agora vamos ao que interessa, Dupin. Você tem alguma informação importante?"

"Nós temos uma informação importante", disse Klaus audaciosamente. "Este homem não é o detetive Dupin." Ouviram-se alguns arquejos no meio da multidão. "Ele é

o conde Olaf."

"Você quer dizer conde Ornar", disse a sra. Morrow.

"Nós queremos dizer Olaf", disse Violet, e depois voltou-se para encarar o conde Olaf diretamente nos óculos de sol. "Esses óculos de sol podem estar escondendo a sua sobrancelha, e esses sapatos podem estar escondendo a sua tatuagem, mas você não pode esconder a sua identidade. Você é o conde Olaf, e você raptou os trigêmeos Quagmire e assassinou Jacques."

"Quem diabo é Jacques?", perguntou um Ancião. "Estou confuso."

"Não é legal", disse Olaf com um estalar de dedos, "estar confuso, portanto deixe-me ver se posso ajudá-lo." Ele apontou para si mesmo com um floreio. "Eu sou o detetive Dupin. Estou usando estes sapatos de plástico e estes óculos porque eles são legais. Conde Olaf é o nome do homem que foi assassinado na noite passada, e estas três crianças..." — e aqui o conde Olaf fez uma pausa para se certificar de que todos estavam ouvindo — "são responsáveis pelo crime."

"Não seja ridículo, Olaf", disse Klaus, enojado.

Olaf deu um sorriso sórdido para os três Baudelaire. "Vocês estão cometendo um erro ao me chamar de conde Olaf", disse ele, "e se continuarem a fazer isso, verão exatamente que grande erro estão cometendo." O detetive Dupin voltou-se e ergueu os olhos para dirigir-se à multidão. "E claro que o maior erro que estas crianças cometeram foi achar que poderiam se safar impunes do assassinato."

Ouviu-se um murmúrio de assentimento da multidão. "Eu nunca confiei nessas crianças", disse a sra. Morrow. "Elas não fizeram um trabalho muito bom quando apararam as minhas cercas vivas."

"Mostre as provas a eles", disse a oficial Luciana, e o detetive Dupin estalou os dedos.

"Não é legal", disse ele, "acusar pessoas de assassinato sem provas, mas por sorte encontrei algumas." Ele enfiou a mão no bolso da japona e tirou de lá uma comprida fita cor-de-rosa decorada com margaridas de plástico. "Achei isto bem na frente da cela do conde Olaf", disse ele. "É uma fita — exatamente o tipo de fita que Violet Baudelaire usa para prender o cabelo."

Os cidadãos arquejaram e Violet voltou-se para ver que os cidadãos de C.S.C. estavam olhando para ela com suspeita e medo, o que não é um jeito agradável de ser olhado. "Essa não é a minha fita!", gritou Violet, tirando a sua própria fita de cabelo do bolso. "A minha fita está bem aqui!"

"Como podemos saber?", perguntou um Ancião franzindo o cenho. "Todas as fitas de cabelo são parecidas."

"Elas não são parecidas!", disse Klaus. "A que foi encontrada na cena do crime é

enfeitada e cor-de-rosa. Minha irmã prefere fitas simples, e ela detesta cor-de-rosa!"

"E dentro da cela", continuou o detetive Dupin, como se Klaus não tivesse falado nada, "eu encontrei isto." Ele ergueu um pequeno círculo feito de vidro. "Esta é uma das lentes dos óculos de Klaus."

"Mas não está faltando lente nenhuma nos meus óculos!", gritou Klaus quando todos se voltaram e olharam para ele com suspeita e medo. Ele tirou os óculos e mostrou à multidão. "Podem ver vocês mesmos."

"Só porque vocês substituíram a sua fita e a sua lente", disse a oficial Luciana,

"isso não quer dizer que não sejam assassinos."

"Na verdade, eles não são assassinos", disse o detetive Dupin. "Eles são cúmplices." Ele se inclinou para a frente de modo a ficar cara a cara com os Baudelaire, e as crianças puderam sentir o seu hálito azedo enquanto ele continuava falando. "Vocês órfãos não são suficientemente espertos para saber o que a palavra 'cúmplice' significa, mas ela significa 'ajudante de assassinos'".

"Nós sabemos o que significa a palavra 'cúmplice'", disse Klaus. "Do que você

está falando?"

"Estou falando das quatro marcas de dentes no corpo do conde Olaf", disse o detetive Dupin, com um estalar de dedos. "Só existe uma pessoa não legal o bastante para morder as pessoas até a morte, e essa pessoa é Sunny Baudelaire."

"E verdade que os dentes dela são afiados", disse um outro membro do Conselho. "Notei isso quando ela serviu o meu sundae com cobertura de chocolate."

"A nossa irmã não mordeu ninguém até a morte", disse Violet indignada, uma palavra que aqui quer dizer "em defesa de um bebê inocente". "O detetive Dupin está

mentindo!"

"Não é legal me acusar de mentir", retrucou Dupin. "Em vez de acusar os outros de coisas, por que vocês três crianças não nos contam onde estavam na noite passada?"

"Estávamos na casa de Hector", disse Klaus. "Ele mesmo pode confirmar." O

Baudelaire do meio ficou na ponta dos pés e gritou por cima da multidão. "Hector! Diga a todos que estávamos com você!"

Os cidadãos olharam para um lado e para outro, os chapéus de corvo dos Anciãos bamboleando enquanto eles aguardavam uma palavra de Hector. Mas não veio nenhuma palavra. As três crianças esperaram um momento no silêncio

tenso, achando que Hector certamente iria vencer o seu desassossego a fim de salvá-los. Mas o factótum ficou em silêncio. Os únicos sons que as crianças podiam ouvir era o marulhar do Chafariz Corvídeo e o crocitar dos corvos empoleirados.

"Hector às vezes fica desassossegado na frente de multidões", explicou Violet,

"mas é verdade. Eu passei a noite trabalhando no seu ateliê, e Klaus estava lendo na biblioteca secreta, e..."

"Chega de disparates!", disse a oficial Luciana. "Você realmente espera que nós acreditemos que o nosso excelente factótum está construindo dispositivos mecânicos e tem uma biblioteca secreta? Imagino que a seguir você vai dizer que ele está construindo coisas com penas!"

"Já é bastante ruim que vocês tenham matado o conde Olaf", disse um Ancião,

"mas agora estão tentando enquadrar Hector em outros crimes! Eu proponho que C.S.C. não sirva mais de tutora para esses órfãos tão terríveis!"

"Ouçam, ouçam!", gritaram várias vozes dispersas na multidão, exatamente como as crianças tinham planejado fazer elas mesmas.

"Vou enviar uma mensagem ao sr. Poe imediatamente", continuou o Ancião, "e o banqueiro virá retirá-los daqui dentro de alguns dias."

"Alguns dias é demais para esperar!", disse a sra. Morrow, e diversos cidadãos aplaudiram concordando. "É preciso dar um jeito nessas crianças o mais depressa possível."

"Eu proponho que as queimemos na fogueira!", gritou o sr. Lesko, que deu um passo à frente e sacudiu o dedo para as crianças. "A Regra nº 201 reza claramente: nada de assassinatos!"

"Mas nós não assassinamos ninguém!", exclamou Violet. "Uma fita, uma lente e algumas marcas de mordida não são prova suficiente para acusar alguém de assassinato!"

"São provas suficientes para mim!", gritou um Ancião. "Nós já temos as tochas —

vamos queimá-los agora mesmo!"

"Esperem um momento", disse outro Ancião. "Não podemos simplesmente queimar pessoas na fogueira à hora que nos dá vontade!" Os Baudelaire se entreolharam, aliviados porque um cidadão parecia imune à psicologia das turbas. "Tenho um compromisso muito importante daqui a dez minutos", continuou o Ancião. "Portanto é

muito tarde para fazer isso agora. Que tal hoje à noite, depois do jantar?"

"Não vai dar", disse outro membro do Conselho. "Tenho um jantar de cerimônia hoje à noite. Que tal amanhã à tarde?"

"Sim", disse alguém na multidão. "Logo depois do almoço! É a hora perfeita!"

"Ouçam, ouçam!", gritou o sr. Lesko.

"Ouçam, ouçam!", gritou a sra. Morrow.

"Glaji!", gritou Sunny.

"Hector, ajude-nos!", gritou Violet. "Por favor, diga a essas pessoas que nós não somos assassinos!"

"Eu já disse a vocês antes", disse o detetive Dupin, sorrindo embaixo dos óculos de sol. "Somente Sunny é assassina. Vocês dois são cúmplices, e vou pôr vocês todos na cadeia, que é onde devem estar." Dupin agarrou os pulsos de Violet e Klaus com uma mão descarnada e se inclinou para baixo para recolher Sunny com a outra. "Vejo vocês amanhã à tarde para queimá-los na fogueira!", bradou ele para o resto da multidão, e arrastou os Baudelaire, se debatendo, pela porta da cadeia central. As crianças foram arrastadas aos tropeções para um corredor mal iluminado e assustador, ouvindo os sons distantes da turba aplaudindo quando a porta bateu atrás delas.

"Vou pôr vocês na Cela de Luxo", disse Dupin. "É a mais suja de todas." Ele os fez marchar por um corredor escuro com muitas voltas e curvas, e os Baudelaire puderam ver fileiras e mais fileiras de celas com as pesadas portas abertas. A única luz na cadeia vinha de uma minúscula janela gradeada no alto de cada cela, mas as crianças viram que todas as celas estavam vazias e cada qual parecia mais imunda que as outras.

"É você quem vai estar na cadeia dentro de pouco tempo, Olaf", disse Klaus, esperando ter se expressado usando um tom muito mais seguro do que se sentia. "Você

nunca vai se safar impune."

"Meu nome é Detetive Dupin", disse o detetive Dupin, "e a única coisa que me interessa é levar vocês três criminosos à Justiça."

"Mas se você nos queimar na fogueira", disse depressa Violet, "jamais porá as mãos na fortuna Baudelaire."

Dupin virou a última esquina do corredor e empurrou os Baudelaire para dentro de uma pequena cela com apenas um banco de madeira à guisa de mobiliário. À luz da janela gradeada, os irmãos puderam ver que a cela era bem imunda, como Dupin prometera. O detetive estendeu a mão para fechar a porta, mas, com os óculos de sol, estava escuro demais para enxergar a maçaneta, de modo que ele teve de abrir mão da dissimulação — uma expressão que aqui significa "remover parte do seu disfarce por um momento" — e tirar os óculos de sol. Por mais que as crianças detestassem o disfarce ridículo de Dupin, era ainda pior ver a sobrancelha única do seu inimigo e os olhos muito, muito brilhantes que havia tanto tempo os acossavam.

"Não se preocupem", disse ele com sua voz roufenha. "Vocês não serão queimados na fogueira — pelo menos não todos. Amanhã à tarde um de vocês fará uma fuga miraculosa — se é que vocês consideram ser levados clandestinamente por um dos meus assistentes para fora de C.S.C. como uma fuga. Os outros dois serão queimados na fogueira conforme planejado. Vocês, seus pirralhos órfãos, são bobos demais para perceber isto, mas um gênio como eu sabe que é preciso uma cidade para educar uma criança, mas basta uma só criança para herdar uma fortuna." O vilão soltou uma gargalhada sonora e vulgar, e começou a fechar a porta da cela. "Mas eu não quero ser cruel", disse ele, sorrindo para mostrar que na verdade queria ser tão cruel quanto possível. "Vou deixar vocês três decidirem quem terá a honra de passar o resto da sua vidinha insignificante comigo, e quem vai ser queimado na fogueira. Estarei de volta na hora do almoço para ouvir a sua decisão."

Os órfãos Baudelaire ouviram a risadinha roufenha do seu inimigo quando ele bateu a porta da cela e foi andando de volta pelo corredor com seus sapatos de

plástico, e sentiram uma sensação de peso no estômago, onde os huevos rancheros que Hector preparara para eles na noite anterior ainda estavam sendo digeridos. Quando alguma coisa está sendo digerida, é claro, ela vai ficando cada vez menor à medida que o organismo vai usando todos os nutrientes contidos na comida, mas não era assim que as três crianças se sentiam. Os jovens não se sentiam como se as batatinhas que tinham comido no jantar estivessem ficando menores. Os órfãos Baudelaire se agarraram uns nos outros na luz pálida e, ouvindo a risada reverberar nas paredes da cadeia central, se perguntaram até que tamanho ainda iriam crescer as batatas de suas vidas.



Recusar-se a dar atenção a um pensamento, como recusar-se a entreter um primo bebê ou recusar-se a entreter uma alcatéia de hienas, é coisa das mais perigosas. Se você se recusa a entreter um primo bebê, o primo bebê pode ficar entediado e se entreter sozinho perdendo-se ou caindo em um poço. Se você se recusa a entreter uma alcatéia de hienas, elas podem ficar impacientes e se entreter devorando você. Mas quando se recusa a dar atenção a um pensamento — o que é apenas um modo afetado de dizer que você se recusa a pensar sobre uma determinada idéia —, você tem de ser muito mais valente do que alguém que está meramente enfrentando alguns animais sedentos de sangue, ou pais que ficaram aborrecidos por encontrar o seu queridinho no fundo de um poço, porque ninguém sabe o que uma idéia pode fazer quando sai para se entreter sozinha, especialmente se a idéia vem de um vilão sinistro.

"Não me importa o que diz aquele homem horrível", disse Violet aos irmãos depois que os passos plásticos do detetive Dupin sumiram na distância. "Não vamos escolher qual de nós vai escapar e quem vai ficar para ser queimado na fogueira. Eu me recuso terminantemente a dar atenção a esse pensamento."

"Mas o que vamos fazer?", perguntou Klaus. "Tentar contatar o sr. Poe?"

"O sr. Poe não vai nos ajudar", respondeu Violet. "Ele vai achar que estamos arruinando a reputação do banco dele. Nós vamos fugir."

"Frulc!", disse Sunny.

"Eu sei que é uma cela de cadeia", disse Violet, "mas deve haver algum jeito de sair." Ela tirou a fita do bolso e amarrou o cabelo com os dedos trêmulos. A Baudelaire mais velha tinha falado cheia de confiança, mas não se sentia tão confiante como dera a parecer. Uma cela é construída com o propósito específico de manter pessoas do lado de dentro, e ela não tinha certeza de poder fazer uma invenção que tirasse os Baudelaire da cadeia central. Mas depois que ela tirou o cabelo dos olhos, seu cérebro inventivo começou a funcionar a toda potência, e Violet deu uma boa olhada pela cela inteira à

procura de idéias. Primeiro ela olhou para a porta da cela, examinando cada centímetro.

"Você acha que consegue fazer uma outra gazua?", perguntou Klaus esperançoso. "Você fez uma excelente quando estávamos morando com o tio Monty."

"Não desta vez", respondeu Violet. "A porta é trancada pelo lado de fora, portanto a gazua seria inútil." Ela fechou os olhos um instante, pensativa, depois ergueu os olhos para a minúscula janela gradeada. Os irmãos acompanharam o seu olhar, uma expressão que aqui significa "também olharam para a janela e tentaram pensar em alguma coisa que fosse de ajuda".

"Boiclio?", perguntou Sunny, o que queria dizer "Você acha que poderia fazer mais alguns dispositivos de solda para derreter as grades? Você fez alguns excelentes quando estávamos morando com os Squalor".

"Não desta vez", disse Violet. "Se eu subir no banco, e Klaus subir nos meus ombros, e você subir nos ombros de Klaus, provavelmente poderemos alcançar a janela, porém mesmo se derretermos as grades, a janela não é grande o bastante para nos esgueirarmos por ela, nem mesmo Sunny conseguiria."

"Sunny poderia gritar pela janela", disse Klaus, "e tentar chamar a atenção de alguém para vir nos salvar."

"Graças à psicologia das turbas, todo cidadão de C.S.C. acha que somos

criminosos", salientou Violet. "Ninguém vai querer salvar uma pessoa acusada de assassinato e seus cúmplices." Ela fechou os olhos e pensou novamente, depois ajoelhou-se para olhar o banco de madeira mais de perto.

"Porcaria", disse ela.

Klaus teve um leve sobressalto. "Onde?", disse ele.

"Eu não quis dizer que o banco está cheio de porcaria", disse ela, esperando estar dizendo a verdade. "Eu só quis dizer 'Porcaria!', porque tinha esperanças de que ele fosse feito de tábuas presas umas nas outras com parafusos ou pregos. Parafusos e pregos são sempre convenientes para invenções. Mas é apenas um bloco sólido de madeira esculpida, que não é nada conveniente." Violet sentou-se no bloco sólido de madeira esculpida e suspirou. "Não sei o que posso fazer", admitiu ela. Klaus e Sunny se entreolharam, nervosos. "Estou certo de que você vai pensar em alguma coisa", disse Klaus.

"Talvez você pense em alguma coisa", retrucou Violet, olhando para o irmão.

"Deve haver alguma coisa que leu que possa nos ajudar." Foi a vez de Klaus fechar os olhos pensativo. "Se você inclinasse o banco", ele disse depois de uma pausa, "ele se transformaria em uma rampa. Os egípcios antigos usaram rampas para construir as pirâmides."

"Mas nós não estamos tentando construir uma pirâmide!", gritou Violet, exasperada. "Estamos tentando escapar da cadeia!"

"Eu só estava tentando ajudar!", gritou Klaus. “Se não fosse por você e as suas ridículas fitas de cabelo, não teríamos sido presos, pra começo de conversa!”

"E se não fosse pelos seus óculos ridículos", rosnou Violet em resposta, "não estaríamos aqui nesta cadeia!"

"Pára!", gritou Sunny.

Violet e Klaus ficaram olhando ferozmente um para o outro por um momento, e depois suspiraram. Violet chegou para o lado a fim de dar lugar no banco para os irmãos.

"Venham e sentem-se", disse ela, melancolicamente. "Desculpe ter gritado com

você, Klaus. É claro que não é por sua culpa que estamos aqui."

"Também não é por sua culpa", disse Klaus. "Estou apenas frustrado. Faz só

algumas horas, pensamos que seríamos capazes de achar os Quagmire e salvar Jacques."

"Mas chegamos tarde demais para salvar Jacques", disse Violet estremecendo.

"Não sei quem ele era, nem como arranjou aquela tatuagem, mas sei que ele não era o conde Olaf."

"Talvez ele tivesse trabalhado com o conde Olaf", disse Klaus. "Ele disse que a tatuagem fazia parte do seu trabalho. Você acha que Jacques estava na trupe teatral de Olaf?"

"Acho que não", disse Violet. "Nenhum dos parceiros de Olaf tem essa mesma tatuagem. Se ao menos Jacques estivesse vivo, poderia solucionar o mistério."

"Pereg", disse Sunny, o que queria dizer "E se ao menos os Quagmire estivessem aqui, poderiam solucionar o outro mistério — o significado verdadeiro de C.S.C.".

"O que precisamos", disse Klaus, "é de um deus ex machina."

"Quem é esse?", disse Violet.

"Não é quem , disse Klaus, "é o quê. 'Deus ex machina é um termo latino que significa 'o deus que desce por uma máquina. Significa a chegada de alguma coisa que pode ajudar quando você menos espera. Precisamos salvar dois trigêmeos das garras de um vilão e resolver o mistério sinistro que nos cerca, mas estamos presos na cela mais imunda da cadeia central, e amanhã à tarde pretendem nos queimar na fogueira. Seria um momento maravilhoso para que alguma coisa que possa nos ajudar chegue inesperadamente."

Naquele momento ouviu-se uma batida na porta e o som da fechadura sendo aberta. A pesada porta da Cela de Luxo se abriu rangendo, e lá estava a oficial Luciana, fazendo uma carranca para eles atrás do visor do capacete e segurando um pão em uma das mãos e um jarro de água na outra. "Se dependesse de mim, eu não estaria fazendo isto", disse ela, "mas a Regra nº 141 reza claramente que

todos os prisioneiros devem receber pão e água, portanto aí está." A chefe de polícia enfiou o pão e o jarro nas mãos de Violet e bateu a porta, trancando-a em seguida. Violet olhou para o pão, que parecia esponjoso e pouco apetitoso, e para o jarro de água, que era decorado com uma pintura de sete corvos voando em círculo. "Bem, ao menos temos alguma alimentação", disse ela.

"Nosso cérebro precisa de comida e água para funcionar apropriadamente." Ela entregou o jarro a Sunny e o pão a Klaus, que ficou olhando para o pão por um longo, longo tempo. Então, voltou-se para as irmãs, que notaram que os seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

"Acabo de me lembrar", disse ele em uma voz baixa e triste. "É o meu aniversário. Hoje faço treze anos."

Violet pôs a mão no ombro do irmão. "Oh, Klaus", disse ela. "É mesmo o seu aniversário. Nos esquecemos completamente."

"Eu mesmo me esqueci completamente, até este momento", disse Klaus, olhando de novo para o pão. "Alguma coisa neste pão me fez lembrar o meu décimo segundo aniversário, quando os nossos pais fizeram aquele pudim de pão." Violet pôs o jarro de água no chão e sentou-se ao lado de Klaus. "Eu me lembro", disse ela sorrindo. "Foi a pior sobremesa que já provamos."

"Vom", concordou Sunny.

"Era uma nova receita que eles estavam testando", disse Klaus. "Eles queriam que fosse especial para o meu aniversário, mas estava queimado, azedo e encharcado. E

eles prometeram que no ano seguinte, para o meu décimo terceiro aniversário, eu teria a melhor refeição de aniversário do mundo." Ele olhou para as irmãs e teve de tirar os óculos para enxugar as lágrimas. "Não quero parecer mimado", disse ele, "mas estava esperando uma refeição de aniversário melhor do que pão e água na Cela de Luxo da cadeia central na cidade de Cultores Solidários de Corvídeos."

"Chift", disse Sunny, mordendo gentilmente a mão de Klaus. Violet deu-lhe um abraço e sentiu os seus próprios olhos se encherem de lágrimas. "Sunny tem razão, Klaus. Você não parece mimado." Os Baudelaire sentaram-se juntos por um momento e choraram baixinho, fixando o pensamento em como as suas vidas

tinham se tornado horríveis em um tempo tão curto. O décimo segundo aniversário de Klaus não parecia ter sido há tanto tempo assim, e no entanto as suas lembranças do repugnante pudim de pão pareciam tão pálidas e indistintas quanto a primeira visão que tiveram de C.S.C. no horizonte. Era uma sensação curiosa, de que alguma coisa pudesse estar tão próxima e tão distante ao mesmo tempo, e as crianças choraram por sua mãe e seu pai e por todas as coisas felizes de sua vida que lhes tinham sido arrebatadas desde aquele dia terrível na praia. Finalmente, as crianças se debulharam em lágrimas, e Violet enxugou os olhos e esforçou-se por sorrir para o irmão. "Klaus", disse ela, "Sunny e eu estamos dispostas a oferecer a você o presente de aniversário de sua escolha. Qualquer coisa que queira na Cela de Luxo, você poderá ter."

"Muito obrigado", disse Klaus, sorrindo e olhando em volta da cela imunda. "O

que eu realmente queria é um deus ex machina."

"Eu também", concordou Violet, e pegou o jarro de água das mãos de Sunny para beber. Entretanto, antes de tomar um gole sequer, ela ergueu os olhos e fitou o outro lado da cela. Pondo o jarro no chão, ela foi rapidamente até a parede e esfregou com os dedos para remover um pouco da sujeira e ver do que era feita a parede. Depois olhou para os irmãos e começou a sorrir. "Feliz aniversário, Klaus", disse ela. "A oficial Luciana nos trouxe um deus ex machina."

"Ela não nos trouxe um deus descendo por uma máquina", disse Klaus. "Ela trouxe água em um jarro."

"Brioche!", disse Sunny, o que queria dizer “E pão!”

"Estas são as coisas mais parecidas com um deus descendo por uma máquina que vamos obter", disse Violet. "Agora levantem-se, vocês dois. Precisamos do banco —

ele vai ser de ajuda, afinal. Vai funcionar como uma rampa, bem como disse Klaus." Violet colocou o pão em pé encostado na parede, diretamente abaixo da janela gradeada, e depois inclinou o banco na direção do mesmo ponto. "Vamos despejar a água do jarro fazendo com que ela escorra pelo banco abaixo e atinja a parede", disse ela.

"A água então vai escorrer pela parede até o pão, que funcionará como uma esponja, absorvendo a água. Vamos então espremer o pão para devolver a água

ao jarro, e começar tudo de novo."

"Mas de que isto vai adiantar?", perguntou Klaus.

"As paredes desta cela são feitas de tijolos", disse Violet, "com argamassa entre os tijolos para mantê-los unidos. Argamassa é uma espécie de barro que endurece feito cola, portanto um amolecedor de argamassa soltaria os tijolos, possibilitando nossa fuga. Acho que podemos amolecer a argamassa despejando água sobre ela."

"Mas como?", perguntou Klaus. "As paredes são tão sólidas, e a água é tão macia."

"A água é uma das forças mais poderosas sobre a terra", respondeu Violet. "As ondas do oceano podem desgastar os penhascos de pedra."

"Donax!", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Mas isto leva anos e anos e, se não escaparmos, seremos queimados na fogueira amanhã à tarde".

"Então é melhor parar de fixar-se no pensamento e começar a despejar água", disse Violet. "Teremos de ficar fazendo isso a noite inteira, se quisermos amolecer a argamassa. Eu vou ficar nesta ponta, segurando o banco na posição inclinada. Klaus, você fica ao meu lado e despeja a água. Sunny, você fica perto do pão e, quando tiver absorvido toda a água, traz de volta para mim. Prontos?"

Klaus pegou o jarro e segurou alto, junto à ponta do banco. Sunny engatinhou até

o pão, que era só um pouquinho menor do que ela. "Pronto!", disseram os dois Baudelaire mais jovens em uníssono e, juntas, as três crianças começaram a fazer funcionar o amolecedor de argamassa de Violet. A água escorreu pelo banco e atingiu a parede, depois escorreu pela parede e foi absorvida pelo pão esponjoso. Sunny rapidamente levou o pão para Klaus, que o espremeu no jarro, e todo o processo recomeçou. De início, parecia que os Baudelaire estavam latindo para a árvore errada, pois a água não parecia ter sobre a parede da Cela de Luxo mais efeito do que um lenço de seda teria sobre a investida de um rinoceronte, mas logo ficou claro que a água — diferentemente de um lenço de seda — é realmente uma das forças mais poderosas sobre a terra. Quando os Baudelaire ouviram o ruflar das asas dos corvos de C.S.C. voando em círculo

antes de tomar o rumo da cidade baixa para o seu pouso vespertino, a argamassa entre os tijolos já se mostrava ligeiramente amolecida ao toque, e quando os últimos raios do sol brilharam através da minúscula janela, uma parte considerável da argamassa já tinha começado realmente a se desgastar.

"Grespo", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "uma parte considerável da argamassa já começou realmente a se desgastar", ou coisa do gênero.

"Isto é uma boa notícia", disse Klaus. "Se a sua invenção salvar as nossas vidas, Violet, será o melhor presente de aniversário que você já me deu, incluindo aquele livro de poesia finlandesa que você comprou para mim quando fiz oito anos." Violet bocejou. "Por falar em poesia, por que não conversamos sobre os dísticos de Isadora? Ainda não conseguimos descobrir onde os trigêmeos estão escondidos, e, além disso, se ficarmos conversando será mais fácil ficar acordados."

"Boa idéia", disse Klaus, e recitou os poemas de memória:

"Cá, por safiras, cativos estamos. Hora após hora, em terror aguardamos. Até de manhã, não vai dar pra falar; Fechado e tristonho há de o bico ficar. A que antes se lê, contém uma pista, Recurso inicial que o bandido despista. "

Os Baudelaire ouviram os poemas e começaram a alimentar todos os pensamentos que lhes vinham à mente, que pudessem ajudá-los a decifrar o significado dos dísticos. Violet segurava o banco no lugar, mas sua cabeça estava em por que a primeira linha do primeiro poema era "Cá, por safiras, cativos estamos", uma vez que os Baudelaire já sabiam sobre a fortuna Quagmire. Klaus despejava água do jarro para fazê-la escorrer pela parede, mas sua cabeça estava na parte do poema que dizia "A que antes se lê, contém uma pista", e o que, exatamente, Isadora queria dizer com "uma pista". Sunny monitorava o pão enquanto ele se embebia de água vezes e vezes seguidas, mas sua cabeça estava na última linha do último poema que eles tinham recebido, e no que poderia significar "Recurso inicial que o bandido despista". Os três Baudelaire fizeram funcionar a invenção de Violet até de manhã, discutindo os dísticos de Isadora o tempo todo, e muito embora as crianças tivessem feito um bocado de progresso em amolecer a argamassa na parede da cela, elas não fizeram progresso nenhum em decifrar os poemas de Isadora.

"A água pode ser uma das forças mais poderosas sobre a terra", disse Violet quando as crianças ouviram os primeiros sons dos corvos de C.S.C. chegando para o seu pouso vespertino, "mas a poesia pode bem ser a mais confusa. Nós conversamos, e conversamos, e ainda não sabemos onde os Quagmire estão escondidos."

"Precisamos de outra dose de deus ex machina", disse Klaus. "Se alguma coisa não vier logo nos ajudar, não seremos capazes de salvar os nossos amigos, mesmo que consigamos escapar desta cela."

"Psiu!", uma voz inesperada veio da janela, assustando tanto as crianças que elas quase deixaram cair tudo, destruindo o amolecedor de argamassa. Os Baudelaire olharam para cima e viram os tênues contornos do rosto de alguém atrás das grades da janela. "Psiu! Baudelaires!", sussurrou a voz.

"Quem está aí?", sussurrou Violet em resposta. "Não podemos vê-lo."

"É Hector", sussurrou Hector. "Eu deveria estar na cidade baixa fazendo as tarefas matinais, mas em vez disso, vim até aqui às escondidas."

"Você pode nos tirar daqui?", sussurrou Klaus.

Durante alguns segundos, as crianças não ouviram nada além dos sons dos corvos de C.S.C. crocitando e chapinhando no Chafariz Corvídeo. Então Hector suspirou.

"Não", ele admitiu. "A oficial Luciana está com a única chave, e esta cadeia é feita de tijolos sólidos. Não acho que exista um modo de tirar vocês daí."

"Dala?", perguntou Sunny.

"Minha irmã quer dizer, Você contou ao Conselho dos Anciãos que nós estávamos com você na noite em que Jacques foi assassinado, portanto não poderíamos ter cometido o crime?"

Houve mais uma pausa. "Não", disse Hector. "Vocês sabem que o Conselho me deixa desassossegado demais para falar. Eu queria falar em defesa de vocês quando o detetive Dupin os acusou, mas bastou uma olhada para aqueles chapéus de corvo e não consegui mais abrir a boca. Mas pensei em uma coisa que posso fazer para ajudar." Klaus pôs no chão o jarro de água e apalpou a

argamassa da parede oposta. A invenção de Violet parecia estar funcionando muito bem, mas ainda não havia garantia de que aquilo os libertaria antes que a turba de cidadãos chegasse, à tarde. "E o que é?", perguntou ele a Hector.

"Vou deixar a casa móvel auto-sustentável a ar quente pronta para partir", disse ele. "Vou aguardar no celeiro a tarde inteira, e se vocês conseguirem escapar de algum modo, poderão ir embora flutuando comigo."

"Está bem", disse Violet, muito embora estivesse esperando uma ajuda um pouquinho maior de uma pessoa totalmente adulta. "Estamos tentando fugir desta cela neste momento, portanto é possível que consigamos."

"Bem, se vocês estão fugindo agora, é melhor eu ir andando", disse Hector. "Não quero me meter numa enrascada. Eu só queria dizer, caso vocês não consigam fugir e sejam queimados na fogueira, que foi um prazer conhecê-los. Ah, eu quase ia me esquecendo."

Os dedos de Hector surgiram através das grades e deixaram cair uma tirinha de papel enrolada para os Baudelaire. "É mais um dístico", disse ele. "Não faz sentido para mim, mas vocês podem achar útil. Adeus, crianças. Eu realmente espero ver vocês mais tarde."

"Adeus, Hector", disse Violet, soturna. "Eu também espero."

"Baibai", murmurou Sunny.

Hector aguardou um segundo pela despedida de Klaus, mas então foi embora sem mais uma palavra, e o eco de seus passos foi ficando mais distante até se confundir com os sons dos corvos que crocitavam e chapinhavam na água. Violet e Sunny se voltaram para olhar para o irmão, surpresas por ele não ter se despedido, muito embora a visita de Hector tivesse sido tamanho desapontamento que elas podiam entender que Klaus estivesse aborrecido demais para ser polido. Mas quando elas olharam para o Baudelaire do meio, ele não lhes pareceu aborrecido. Klaus estava olhando para o último dístico de Isadora e, à luz que ia ficando mais forte dentro da Cela de Luxo, suas irmãs puderam ver um amplo sorriso em seu rosto. Sorrir é algo que você faz quando está

entretido em alguma coisa, como ler um bom livro ou observar uma pessoa de quem você

não gosta derramar refrigerante de laranja pela roupa toda. Mas não havia livro nenhum na cadeia central, e os Baudelaire tinham tomado o cuidado de não derramar nem uma gota de água enquanto operavam o amolecedor de argamassa, portanto as irmãs Baudelaire sabiam que seu irmão estava sorrindo por outra razão. Ele sorria porque estava se fixando num pensamento, e quando Klaus lhes mostrou o poema que tinha nas mãos, Violet e Sunny tiveram uma idéia bem clara de qual era esse pensamento.



CAPÍTULO

Onze

Isto é o que o olho nas letras já vê: Zás! Seus amigos, e C.S.C.

"Mas não é uma maravilha?", disse Klaus com um sorriso, enquanto as irmãs liam o quarto dístico. "Não é absolutamente superlativo?" "Uibeom", disse Sunny, o que queria dizer "É mais confuso do que superlativo. Nós ainda não sabemos onde estão os Quagmire". "Sim, nós sabemos", disse Klaus, tirando os outros dísticos do bolso.

"Pensem nos quatro poemas em ordem, e vocês verão o que quero dizer."

Cá, por safiras, cativos estamos.

Hora após hora, em terror aguardamos.

Até de manhã, não vai dar pra falar;

Fechado e tristonho há de o bico ficar.

A que antes se lê contém uma pista,

Recurso inicial que o bandido despista.

Isto é o que o olho nas letras já vê:

Zás! Seus amigos, e C.S.C.

"Acho que você é muito melhor em analisar poemas do que eu", disse Violet, e Sunny concordou com a cabeça. "Este poema não deixa as coisas nem um pouco mais claras."

"Mas você foi a primeira a sugerir a solução", disse Klaus. "Quando nós recebemos o terceiro poema, você achou que 'inicial' se referia a 'iniciais', como C.S.C."

"Mas você disse que provavelmente significava 'primeiro'", disse Violet. "Os poemas são o primeiro jeito que os Quagmire acharam de se comunicar conosco do lugar onde estão escondidos."

"Eu estava errado", admitiu Klaus. "Nunca em minha vida fiquei tão feliz por

estar errado. Isadora queria dizer 'iniciais' o tempo todo. Eu não tinha percebido até ler a parte que diz 'Isto é o que o olho nas letras já vê'. Ela está ocultando o local dentro do poema, como a tia Josephine escondeu o lugar onde estava dentro do seu bilhete, está

lembrada?"

"É claro que estou lembrada", disse Violet, "mas ainda não entendi."

"'A que antes se lê contém uma pista'", recitou Klaus. "Nós pensamos que Isadora queria dizer a primeira linha do primeiro poema. Mas ela queria dizer a primeira letra: ela não podia nos contar diretamente onde ela e seu irmão estavam escondidos, pois alguma outra pessoa poderia tirar os poemas dos corvos antes de nós, portanto tinha de usar algum tipo de código. Se olharmos para a primeira letra de cada linha, poderemos ver o lugar onde estão os trigêmeos."

"'Cá, por safiras, cativos estamos'. E um C", disse Violet. "'Hora após hora, em terror aguardamos'. É um H."

"'Até de manhã, não vai dar pra falar'", disse Klaus. "É um A. 'Fechado e tristonho há de o bico ficar'. É um F."

"A que antes se lê, contém uma pista' — A", disse Violet, excitada. "'Recurso inicial que o bandido despista' — R."

"I! Z!", gritou Sunny triunfante, e os três Baudelaire exclamaram juntos a solução:

"CHAFARIZ!".

"O Chafariz Corvídeo!", disse Klaus. "Os Quagmire estão bem na frente desta janela."

"Mas como eles podem estar no chafariz?", perguntou Violet. "E como Isadora deu os poemas aos corvos de C.S.C.?"

"Vamos responder a essas perguntas", respondeu Klaus, "assim que sairmos da cadeia. É melhor voltar ao amolecedor de argamassa antes que o detetive Dupin volte."

"E volte junto com o povo de toda uma cidade querendo nos queimar na fogueira, graças à psicologia das turbas", disse Violet com um estremecimento. Sunny engatinhou para o pão e pôs a mãozinha contra a parede. "Papamole!", gritou ela, o que queria dizer algo como "A argamassa está quase completamente amolecida — falta só mais um tempinho!".

Violet tirou a fita do cabelo e depois amarrou de novo, o que era uma coisa que ela fazia quando precisava repensar, uma palavra que aqui significa "Pensar ainda mais intensamente sobre a terrível situação dos órfãos Baudelaire". "Não estou certa de que teremos nem mais um tempinho", disse ela olhando para a janela. "Vejam como o sol está

forte. A manhã já deve ter quase acabado."

"Então temos de nos apressar", disse Klaus.

"Não", corrigiu Violet. "Temos de repensar. E eu estive repensando este banco. Podemos usá-lo de um outro modo, além de uma rampa. Podemos usá-lo como aríete."

"Honz?", perguntou Sunny.

"Um aríete é um grande bloco de madeira ou metal usado para arrebentar portas ou paredes", explicou Violet. "Inventores militares usaram aríetes nos tempos medievais para invadir cidades muradas, e nós vamos usar um agora, para escapar da prisão." Violet ergueu o banco de modo a apoiá-lo no ombro. "O banco precisa ser apontado do modo mais uniforme possível", disse ela. "Sunny, suba nos ombros de Klaus. Se vocês dois juntos conseguirem segurar a outra ponta, acho que este aríete vai funcionar." Klaus e Sunny, depois de alguns esforços, colocaram-se na posição que Violet sugerira e um momento depois os irmãos estavam prontos para pôr em funcionamento a última invenção de Violet. As duas irmãs Baudelaire agarraram a madeira com firmeza, e Klaus agarrou Sunny com firmeza, para que ela não caísse no chão da Cela de Luxo quando eles estivessem batendo.

"Agora", disse Violet, "vamos recuar o máximo que conseguirmos, e quando eu disser três, vamos correr para a parede. Apontem o aríete para o ponto onde o amolecedor de argamassa estava trabalhando. Prontos? Um, dois, três!" Pam! Os Baudelaire correram para a frente e golpearam a parede com o banco o mais forte que puderam. O aríete fez um barulho tão alto que eles tiveram a sensação

de que a cadeia inteira ia desmoronar, mas conseguiram deixar apenas uma pequena marca em alguns dos tijolos, como se a parede tivesse sido levemente machucada. "De novo!", comandou Violet. "Um, dois, três!"

Pam! Do lado de fora, as crianças puderam ouvir alguns corvos se agitando freneticamente, assustados com o barulho. Mais alguns tijolos foram machucados, e um deles tinha uma grande rachadura no meio. "Está funcionando!", gritou Klaus. "O aríete está funcionando!"

"Um, dois, mingal", gritou Sunny, e as crianças golpearam de novo a parede com o aríete.

"Ai!", gritou Klaus, e cambaleou um pouco, quase deixando cair a irmãzinha. "Um tijolo caiu no meu pé!”

"Viva!", gritou Violet. "Quero dizer, sinto muito pelo seu pé, Klaus, mas se tijolos estão caindo, isto significa que a parede está decididamente enfraquecendo. Vamos pôr o aríete no chão e dar uma olhada melhor."

"Não precisamos dar uma olhada melhor", disse Klaus. "Saberemos que está

funcionando quando enxergarmos o Chafariz Corvídeo. Um, dois, três!" Pam! Os Baudelaire ouviram o barulho de mais pedaços de tijolo caindo no chão imundo da Cela de Luxo. Mas eles também ouviram um outro barulho — um barulho familiar. Começou com um leve ruflar e depois foi crescendo até soar como um milhão de páginas sendo folheadas. Era o som dos corvos de C.S.C., voando em círculos antes de partir para o seu pouso vespertino, e isto significava que o tempo das crianças estava se esgotando.

"Hurol!", gritou Sunny desesperadamente, e então, o mais alto que pôde, "Um!

Dois! Minga!"

À contagem de "Minga!", o que, é claro, queria dizer alguma coisa na linha de

"Três!", e as crianças correram para a parede da Cela de Luxo e golpearam os tijolos com o seu aríete produzindo o mais potente Pam! até então, um barulho que foi acompanhado por um estalo enorme quando a invenção se partiu em duas. Violet cambaleou numa direção, e Klaus e Sunny cambalearam noutra quando as metades separadas os fizeram perder o equilíbrio, e uma enorme

nuvem de poeira ergueu-se do ponto em que o aríete atingira a parede.

Uma enorme nuvem de poeira não é uma coisa bonita de ver. Pouquíssimos pintores fizeram retratos de enormes nuvens de poeira, ou as incluíram em suas paisagens e naturezas-mortas. Diretores de filmes raramente escolhem enormes nuvens de poeira para representar os papéis principais em comédias românticas e, até onde minha pesquisa demonstrou, uma enorme nuvem de poeira nunca chegou a nada melhor que vigésimo quinto lugar em um concurso de beleza. Apesar disso, quando os órfãos Baudelaire saíram cambaleando pela sala, deixando cair as metades do aríete e ouvindo os sons dos corvos que voavam em círculos do lado de fora, eles olharam para a enorme nuvem de poeira como se ela fosse uma coisa de grande beleza, porque aquela enorme nuvem de poeira em particular era feita de pedaços de tijolos e argamassa e outros materiais de construção necessários para construir uma parede, e os Baudelaire sabiam que a estavam vendo porque a invenção de Violet tinha funcionado. Enquanto a enorme nuvem de poeira se assentava no chão da cela, tornando-o ainda mais imundo, as crianças olharam em volta sorrindo grandes sorrisos empoeirados, pois vislumbraram uma linda visão adicional — um grande buraco escancarado na parede da Cela de Luxo, perfeito para uma fuga rápida.

"Nós conseguimos!", disse Violet, e saiu para o pátio com um passo através do buraco na cela. Ela olhou para o céu bem a tempo de ver os últimos corvos partindo para a cidade baixa. "Nós escapamos!"

Klaus, ainda segurando Sunny nos ombros, fez uma pausa para limpar a poeira dos óculos antes de sair da cela, passar por Violet e seguir andando até o Chafariz Corvídeo. "Ainda não saímos da sinuca", disse ele, uma expressão que aqui significa

"Ainda dá para vislumbrar um bocado de problemas no horizonte". Ele olhou para o céu e apontou para o borrão distante dos corvos que se afastavam. "Os corvos estão indo para a cidade baixa, para o seu pouso da tarde. Os cidadãos devem chegar a qualquer minuto agora."

"Mas como vamos tirar os Quagmire de lá a qualquer minuto agora?", perguntou Violet.

"Uóc!", gritou Sunny de cima dos ombros de Klaus. Ela queria dizer alguma coisa tipo "O chafariz parece ser extremamente sólido", e seus irmãos acenaram

as cabeças em desapontado assentimento. O Chafariz Corvídeo parecia ser tão inexpugnável — uma palavra que aqui significa "impossível de invadir para salvar trigêmeos raptados" —

quanto era feio. O corvo de metal ficava cuspindo água por cima de si mesmo como se a idéia dos Baudelaire de salvar os Quagmire lhe desse engulhos.

"Duncan e Isadora devem estar presos dentro do chafariz", disse Klaus. "Talvez haja um mecanismo em algum lugar para abrir uma entrada secreta."

"Mas nós limpamos cada centímetro deste chafariz quando fizemos as nossas tarefas da tarde", disse Violet. "Teríamos notado um mecanismo secreto enquanto esfregávamos todas essas penas entalhadas."

"Jidu!", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Com certeza Isadora nos deu alguma indicação de como salvá-la!".

Klaus pôs a irmã bebê no chão e tirou as quatro tirinhas de papel do bolso. "Está

na hora de repensar mais uma vez", disse ele, espalhando os dísticos no chão. "Temos de examinar estes poemas o mais atentamente possível. Eles devem conter uma outra pista, sobre como entrar no chafariz."

Cá, por safiras, cativos estamos.

Hora após hora, em terror aguardamos.

Até de manhã, não vai dar pra falar;

Fechado e tristonho há de o bico ficar.

A que antes se lê, contém uma pista,

Recurso inicial que o bandido despista.

Isto é o que o olho nas letras já vê:

Zás! Seus amigos, e CS. C.

"'Fechado e tristonho há de o bico ficar!", exclamou Violet. "Nós pulamos para a conclusão precipitada de que ela estava falando dos corvos de C.S.C., mas talvez

ela queira dizer o Chafariz Corvídeo. A água sai do bico do corvo, portanto deve haver um buraco lá."

"É melhor a gente subir lá para ver", disse Klaus. "Aqui, Sunny, suba de novo nos meus ombros, e depois eu vou subir nos ombros de Violet. Vamos ter de ficar bem altos para chegar até lá em cima."

Violet assentiu e se ajoelhou na base do chafariz. Klaus pôs Sunny de volta nos ombros, depois subiu nos ombros da irmã mais velha, e depois, cuidadosamente, muito cuidadosamente, Violet pôs-se em pé, e assim todos os três Baudelaire ficaram equilibrados um por cima do outro como uma trupe de acrobatas que as crianças tinham visto uma vez, quando seus pais as levaram ao circo. A grande diferença, no entanto, é

que os acrobatas ficam ensaiando seguidamente o seu número, em salas com redes de segurança e uma porção de almofadas para que eles não se machuquem quando cometerem um erro, mas os órfãos Baudelaire não tiveram tempo para ensaiar, nem para achar almofadas para espalhar pelas ruas de C.S.C. Como resultado, o número de equilíbrio dos Baudelaire ficou meio cambaleante. Violet cambaleava por estar sustentando ambos os irmãos, e Klaus cambaleava porque estava em pé nos ombros da sua irmã cambaleante, e a pobre Sunny cambaleava tanto que mal conseguia ficar sentada nos ombros de Klaus e espiar dentro do bico do gargarejante corvo metálico. Violet ficou olhando para a rua, para ver se não vinha chegando nenhum cidadão, e Klaus ficou olhando para o chão, onde os poemas de Isadora ainda estavam espalhados.

"O que você está vendo, Sunny?", perguntou Violet, que avistara algumas figuras distantes caminhando depressa na direção do chafariz.

"Chize!", Sunny gritou para baixo.

"Klaus, o bico não é grande o bastante para deixar entrar no Chafariz", disse Violet, desesperada. As ruas da cidade pareciam sacudir-se para cima e para baixo enquanto ela cambaleava cada vez mais. "O que vamos fazer?"

“’Isto é o que o olho nas letras já vê'", murmurou Klaus consigo mesmo, como freqüentemente fazia quando pensava muito sobre alguma coisa que estava lendo. Precisou usar toda a sua capacidade de concentração para ler os dísticos que Isadora lhes mandara ao mesmo tempo em que oscilava para a frente e para trás. "E um jeito estranho de colocar as coisas. Por que ela não escreveu 'Nessas

letras espero que você

veja', ou 'Nessas letras você poderá ver?”

"Sabicho!", gritou Sunny. Em cima dos seus dois irmãos cambaleantes, Sunny estava balançando de um lado para outro como uma flor ao vento. Ela tentou se agarrar ao Chafariz Corvídeo, mas a água que esguichava do bico do corvo deixava o metal escorregadio demais.

Violet tentou se firmar o melhor que pôde, mas a visão das duas figuras usando chapéus de corvo que acabavam de dobrar uma esquina próxima não a ajudava a se equilibrar. "Klaus", disse ela, "não é que eu queira apressá-lo, mas por favor repense o mais depressa possível. Os cidadãos estão se aproximando, e eu não tenho certeza de quanto tempo mais vou poder agüentar."

"'Isto é o que o olho nas letras já vê'", murmurou Klaus novamente, fechando os olhos para não ter de ver o mundo oscilar em volta dele.

"Tuc!", gritou Sunny, mas ninguém a ouviu por causa do berro de Violet quando suas pernas cederam, uma expressão que aqui significa que ela desabou no chão, esfolando o joelho e derrubando Klaus no processo. Os óculos de Klaus caíram e ele desmoronou no chão do pátio com os cotovelos na frente, o que é um modo doloroso de desmoronar, e quando ele rolou no chão os seus cotovelos sofreram graves arranhões. Mas Klaus estava muito mais preocupado com as suas mãos, que não estavam mais segurando os pés da sua irmã bebê. "Sunny!", chamou ele, apertando os olhos sem óculos. "Sunny, onde está você?"

"Heni!", gritou Sunny, mas foi ainda mais difícil do que de costume entender o que ela queria dizer. A mais jovem dos Baudelaire conseguira se agarrar ao bico do corvo com os dentes, mas como o chafariz continuava cuspindo água, sua boca começou a escorregar na lisa superfície de metal. "Heni!", ela gritou de novo quando um dos seus dentes de cima começou a escorregar. Sunny foi deslizando cada vez mais para baixo, se debatendo desesperadamente para encontrar algo em que se agarrar, mas a única coisa esculpida na cabeça era o olho fixo e inerte do corvo, que era chato e não oferecia nenhuma espécie de ponto de apoio dental. Ela foi escorregando mais e mais, e Sunny fechou os olhos para não se ver caindo.

"Heni!", ela gritou uma última vez, rangendo os dentes contra o olho da estátua, tal era a sua frustração; e, quando Sunny mordeu o olho, ele foi posto para baixo.

Pôr alguém "para baixo" é uma expressão usada, às vezes, para significar que se deixou alguém se sentindo triste e macambúzio, mas neste caso ela se aplica a um botão secreto, escondido numa estátua de corvo, que foi posto para baixo, e que, no entanto, está se sentindo muito bem, obrigado. O botão, ao ser posto para baixo, produziu um forte estalo e o bico do Chafariz Corvídeo se escancarou todo, o máximo que era possível, cada uma das partes virando lentamente para baixo, e levando Sunny junto. Klaus encontrou os óculos e os colocou bem a tempo de ver a irmãzinha cair sã e salva nos braços estendidos de Violet. Os três Baudelaire se entreolharam aliviados, e depois olharam para o bico escancarado do corvo. Através da água que jorrava, os três irmãos viram dois pares de mãos aparecendo no bico quando duas pessoas o galgaram para fora do Chafariz Corvídeo. As duas pessoas estavam usado suéteres de lã grossa, tão escuros e pesados por causa da água que ambas mais pareciam monstros disformes. As duas figuras encharcadas saíram cautelosamente do corvo e desceram para o chão, e os Baudelaire correram para apertá-los nos braços.

Não preciso contar a vocês como as crianças se encheram de alegria ao ver



Duncan e Isadora Quagmire tremendo no pátio, e não preciso contar a vocês como os Quagmire ficaram gratos por se ver fora do confinamento no Chafariz

Corvídeo. Não preciso contar a vocês como os cinco jovens ficaram felizes e aliviados porque desta vez estavam reunidos por fim, e não preciso contar a vocês todas as coisas jubilosas que os trigêmeos disseram enquanto batalhavam para tirar os pesados suéteres e torcê-los. Mas há coisas que eu preciso contar a vocês, e uma dessas coisas é a figura distante do detetive Dupin, segurando uma tocha e se encaminhando diretamente para os órfãos Baudelaire.

Se você chegou até aqui na história, precisa parar agora. Se você der um passo atrás e olhar para o livro que está lendo, verá como falta pouco para acabar esta desventurada história, mas se você pudesse saber quanto pesar e infortúnio estão contidos nestas últimas poucas páginas, daria mais um passo atrás, e depois mais um, e continuaria dando passos atrás até A Cidade Sinistra dos Corvos ficar tão pequena e distante quanto a figura do detetive Dupin se aproximando enquanto os órfãos Baudelaire abraçavam seus amigos, cheios de alívio e júbilo. Os órfãos Baudelaire, lamento dizer, não podiam parar agora, e para mim não há como viajar para trás no tempo e avisar os Baudelaire de que o alívio e o júbilo que estavam vivenciando junto ao Chafariz Corvídeo eram os últimos instantes de alívio e júbilo que iriam vivenciar por um longo, longo tempo. Mas eu posso avisar vocês. Vocês, diferentemente dos órfãos Baudelaire e dos trigêmeos Quagmire, e de mim e da minha falecida Beatrice, podem parar esta história fatídica neste exato momento, e olhar, em vez disso, o que acontece no final de O menorzinho dos elfos.

"Não podemos ficar aqui", alertou Violet. "Não é que eu queira interromper esta reunião, mas já estamos no começo da tarde e o detetive Dupin vem vindo por esta rua." As cinco crianças olharam na direção que Violet estava apontando e puderam ver a manchinha turquesa da japona de Dupin e o pequenino ponto de luz de sua tocha enquanto ele ia chegando mais perto do pátio.

"Você acha que ele está nos vendo?", perguntou Klaus.

"Não sei", disse Violet, "mas não vamos ficar para conferir. A turba de C.S.C. só

pode ficar pior quando as pessoas descobrirem que fugimos da cadeia."

"O detetive Dupin é o último disfarce do conde Olaf", explicou Klaus para os Quagmire, "e..."

"Já sabemos tudo sobre o detetive Dupin", disse Duncan rapidamente, "e sabemos o que aconteceu com vocês."

"Nós ouvimos tudo o que aconteceu ontem, de dentro do chafariz", disse Isadora.

"Quando ouvimos vocês limpando o chafariz, tentamos fazer o maior barulho que éramos capazes de fazer, mas vocês não podiam nos escutar por causa do ruído daquela água toda."

Duncan espremeu uma poça inteira de água dos pontos de tricô encharcados da manga esquerda do seu suéter. Ele então enfiou a mão por baixo da camisa e tirou de lá

um caderno verde. "Tentamos manter os nossos cadernos tão secos quanto possível", explicou ele. "Afinal, temos informações cruciais aqui."

"Temos todas as informações sobre C.S.C.", disse Isadora, pegando o seu caderno, que era preto como piche. "O verdadeiro C.S.C., quero dizer, não a cidade de Cultores Solidários de Corvídeos."

Duncan abriu o seu caderno e soprou em algumas das páginas ensopadas. "E

nós sabemos a história completa do pobre Jac..."

Duncan foi interrompido por um grito atrás dele, e as cinco crianças se voltaram para ver dois membros do Conselho dos Anciãos olhando fixamente para o buraco na cadeia central. Rapidamente, os Baudelaire e os Quagmire se agacharam atrás do Chafariz Corvídeo para não ser vistos.

Um dos Anciãos gritou de novo e tirou o chapéu de corvo para enxugar a testa com um lenço de papel. "Eles fugiram!", gritou ele. "A Regra nº 1 742 reza claramente que ninguém está autorizado a fugir da cadeia. Como eles se atrevem a desobedecer esta regra!"

"E o que devíamos esperar de uma assassina e seus dois cúmplices", disse o outro Ancião. "E vejam — eles danificaram o Chafariz Corvídeo. O bico está todo escancarado. O nosso lindo chafariz está arruinado!"

"Aqueles três órfãos são os piores criminosos da história", disse o primeiro.

"Olhem, lá vem o detetive Dupin descendo aquela rua. Vamos contar a ele o que aconteceu. Talvez ele consiga descobrir aonde eles foram."

"Vá você contar a Dupin", disse o segundo Ancião, "e eu vou ligar para O

Pundonor Diário. Quem sabe eles publicam o meu nome no jornal." Os dois membros do Conselho saíram apressados para espalhar as novas, e as crianças suspiraram de alívio. "Peto", disse Sunny.

"Perto demais", replicou Klaus. "Logo este distrito inteiro vai se encher de cidadãos à nossa caça."

"Bem, ninguém está caçando a nós", disse Duncan. "Isadora e eu vamos andando na frente, para que vocês não sejam reconhecidos."

"Mas aonde podemos ir?", perguntou Isadora. "Esta cidade sinistra fica no meio de coisa nenhuma."

"Eu ajudei Hector a terminar a sua casa móvel auto-sustentável a ar quente", disse Violet, "e ele prometeu que a deixaria aguardando por nós. Tudo o que temos de fazer é chegar até os subúrbios da cidade, e poderemos escapar."

"E viver para sempre flutuando no ar?", disse Klaus com uma careta.

"Talvez não seja para sempre", retrucou Violet.

"Scylla!", disse Sunny, o que queria dizer "E ou casa móvel auto-sustentável a ar quente, ou ser queimados na fogueira!".

"Já que você coloca as coisas nestes termos", disse Klaus, "estou convencido." Todos concordaram, e Violet olhou em volta do pátio para ver se mais alguém tinha chegado. "Em um lugar tão plano como este", disse ela, "dá para ver as pessoas chegando desde muito longe, e nós vamos tirar vantagem disto. Vamos caminhar por qualquer rua vazia que pudermos encontrar, e se virmos alguém chegando, dobramos uma esquina. Não conseguiremos chegar lá em vôo de corvo, mas acabaremos conseguindo chegar à Árvore do Nunca Mais."

"Por falar em corvos", disse Klaus aos dois trigêmeos, "como vocês conseguiram entregar aqueles poemas via corvo? E como sabiam que íamos recebê-los?"

"Vamos andando", respondeu Isadora. "Vou contar a história inteira enquanto caminhamos."

As crianças foram andando. Com os trigêmeos Quagmire à frente, o grupo de jovens perscrutou uma rua após a outra até encontrar uma onde não havia sinal de ninguém se aproximando, e eles saíram apressados do pátio.

"Olaf nos levou clandestinamente naquele item do Leilão In com a ajuda de Esmé

Squalor", começou Duncan, referindo-se à última vez em que ele e a irmã tinham sido vistos pelos Baudelaire. "E ele nos escondeu por algum tempo no quarto da torre da sua casa horrorosa."

Violet estremeceu. "Eu não pensava naquele quarto há um bom tempo", disse ela.

"É difícil acreditar que chegamos a morar com um homem tão odioso." Klaus apontou para a figura distante que caminhava na direção deles, e as três crianças entraram em outra rua vazia. "Esta rua não leva à casa de Hector", disse ele,

"mas tentaremos voltar sobre os nossos passos. Prossiga, Duncan."

"Olaf ficou sabendo que vocês três iriam morar com Hector nos arredores desta cidade", continuou Duncan, "e ele e os seus parceiros construíram aquele chafariz pavoroso."

"Ele então nos colocou lá dentro", disse Isadora, "e mandou nos instalar no pátio da cidade alta, para que pudesse ficar de olho em nós enquanto tentava caçá-los. Nós sabíamos que vocês eram a nossa única chance de escapar." As crianças chegaram a uma esquina e pararam, enquanto Duncan espiava em volta para se certificar de que ninguém se aproximava. Ele fez sinal de que estava tudo bem e continuou a história. "Precisávamos mandar uma mensagem para vocês, mas tínhamos medo de que caísse nas mãos erradas. Isadora teve a idéia de escrever em dísticos, com a nossa localização oculta na primeira letra de cada verso."

"E Duncan bolou o jeito de fazer os corvos chegarem à casa de Hector", disse Isadora. "Ele tinha feito um pouco de pesquisa sobre os padrões de migração dos grandes pássaros pretos, portanto sabia que os corvos iriam se empoleirar todas as noites na Árvore do Nunca Mais — bem do lado da casa de Hector. Eu escrevia um dístico todas as manhãs, e nós dois o levávamos para cima através do bico do chafariz."

"Havia sempre um corvo empoleirado bem no topo do chafariz", disse Duncan,

“portanto nós enrolávamos a tirinha de papel em volta da perna dele. O papel estava todo molhado por causa do chafariz, e se colava com facilidade."

"Certíssimo estava Duncan, com sua pesquisa; À noite o papel caía, seco pela brisa”, recitou Isadora.

"Foi um plano arriscado", disse Violet.

"Não mais arriscado do que fugir da cadeia e pôr as suas vidas em perigo para nos salvar", disse Duncan, e lançou aos Baudelaire um olhar de gratidão. "Vocês salvaram as nossas vidas — mais uma vez."

"Não iríamos deixar vocês para trás", disse Klaus. "Nos recusamos a alimentar esse pensamento."

Isadora sorriu e acariciou a mão de Klaus. "Nesse meio-tempo", disse ela,

"enquanto tentávamos contatar vocês, Olaf engendrou um plano para roubar a sua fortuna

— e se livrar de um velho inimigo ao mesmo tempo."

"Você quer dizer Jacques", disse Violet. "Quando o vimos com o Conselho dos Anciãos, ele estava tentando nos contar alguma coisa. Por que ele tem a mesma tatuagem que Olaf? Quem é ele?"

"Seu nome completo", disse Duncan folheando o seu caderno, "é Jacques Snicket."

"Soa familiar", disse Violet.

"Não me surpreende", disse Duncan. "Jacques Snicket é irmão de um homem que..."

"Lá estão eles!", gritou uma voz, e num instante as crianças se deram conta de que tinham se descuidado de olhar atrás delas, bem como na frente delas e atrás de cada esquina. Uns dois quarteirões atrás deles estava o sr. Lesko à frente de um pequeno grupo de cidadãos carregando tochas, vindo diretamente para eles.

Estava entardecendo, e as tochas projetavam sombras longas e estreitas nas calçadas, como se a turba estivesse sendo liderada por serpentes negras rastejantes, em vez de um homem de calças axadrezadas. "Lá estão os órfãos!", bradou o sr. Lesko, triunfante. "Atrás deles, cidadãos!"

"Quem são aqueles outros dois?", perguntou um Ancião na multidão.

"Quem se importa?", disse a sra. Morrow, e acenou com a sua tocha.

"Provavelmente são mais cúmplices! Vamos queimá-los na fogueira também!"

"Por que não?", disse outro Ancião. "Nós já temos tochas e lenha, e não temos mais nada o que fazer agora."

O sr. Lesko parou em uma esquina e gritou para uma rua que as crianças não podiam ver. "Ei, todos vocês!", bradou ele. "Eles estão aqui!" As cinco crianças estavam olhando fixamente para o grupo de cidadãos, aterrorizadas demais para ir andando de novo. Sunny foi a primeira a se recuperar. "Lililc!", gritou ela, e começou a engatinhar pela rua o mais rápido que podia. Ela queria dizer alguma coisa tipo "Vamos embora! Não olhem para trás! Vamos tentar chegar até Hector e a sua casa móvel auto-sustentável a ar quente antes que a turba nos alcance e nos queime na fogueira!", mas seus companheiros não precisavam de nenhum encorajamento. Saíram correndo rua abaixo, sem prestar atenção nos passos e brados atrás deles, que pareciam estar ficando mais numerosos à medida que cada vez mais gente ouvia a notícia de que os prisioneiros de C.S.C. estavam fugindo. As crianças correram por becos estreitos e amplas artérias, atravessando parques e pontes, tudo recoberto de penas pretas. De vez em quando eles tinham de voltar sobre seus passos, uma expressão que aqui significa "fazer meia-volta e correr na direção oposta ao ver os cidadãos se aproximando", e muitas vezes tiveram de esquivar-se para vãos de portas ou agachar-se debaixo de arbustos enquanto cidadãos irados passavam correndo, como se as crianças estivessem brincando de esconde-esconde em vez de correr para salvar a própria vida. A tarde foi avançando, e as sombras nas ruas de C.S.C. iam ficando cada vez mais longas. As calçadas reverberavam com os sons dos gritos da turba, e as janelas dos edifícios refletiam as chamas das tochas que os cidadãos estavam carregando. Por fim, as cinco crianças chegaram aos limites da cidade e encararam a paisagem achatada e descalvada. Os Baudelaire procuraram desesperadamente por algum sinal do factótum e sua invenção, mas somente as silhuetas da casa de Hector, do celeiro e da Arvore do Nunca Mais estavam

visíveis no horizonte.

"Onde está Hector?", perguntou Isadora, frenética.

"Não sei", disse Violet. "Ele disse que estaria no celeiro, mas não estou vendo ninguém."

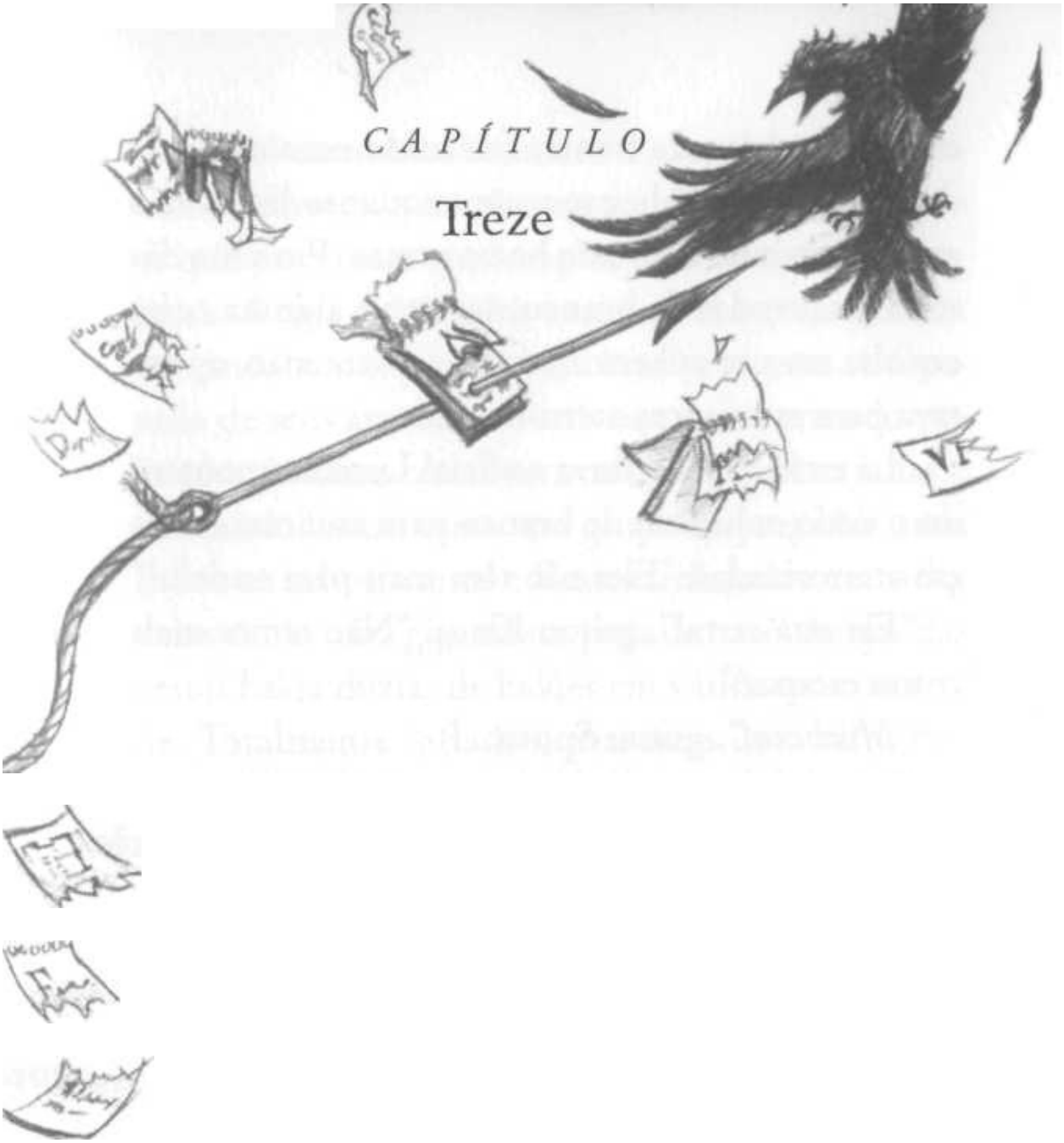
"Aonde podemos ir?", exclamou Duncan. "Não dá para se esconder em lugar nenhum por aqui. Os cidadãos vão nos localizar num segundo."

"Caímos numa armadilha", disse Klaus, a voz rouca de pânico.

"Vireo!", gritou Sunny, o que queria dizer "Vamos correr — ou, no meu caso, engatinhar — o mais depressa que pudermos!".

"Nunca vamos conseguir correr suficientemente depressa", disse Violet, apontando atrás deles. "Olhem."

Os jovens se voltaram e viram toda a cidade de Cultores Solidários de Corvídeos marchando unida em um enorme grupo. Eles tinham contornado a última esquina e estavam agora se encaminhando diretamente para as cinco crianças, suas passadas reboando alto como uma trovoada rolando na direção deles. Mas os jovens não tinham a sensação de que uma trovoada vinha rolando na direção deles. Enquanto centenas de ferozes e irados cidadãos se aproximavam, eles tinham a sensação de que uma batatona gigantesca vinha rolando na direção deles. A sensação era de uma batata que poderia esmagar todos os répteis da coleção do tio Monty em cinco segundos, ou que poderia absorver até a última gota d'água do Lago Lacrimoso num instante. A turba se aproximando dava a sensação de uma batata que deixaria todas as árvores da Floresta Finita parecidas com gravetos minúsculos, que deixaria a enorme lasanha servida na Escola Preparatória Prufrock parecida com um lanchinho leve, e deixaria o arranha-céu da Avenida Sombria 667 parecido com uma casa de bonecas feita para crianças anãs brincarem, uma batata que, de tão tremendamente grande, poderia ganhar todas as medalhas de primeiro lugar em todos os concursos de safras tuberosas em feiras de todos os estados e todos os países do mundo inteiro de agora até o fim dos tempos. A marcha da turba portadora de tochas, ansiosa por capturar Violet e Klaus e Sunny e Duncan e Isadora e queimar cada um deles na fogueira, dava a sensação de ser a maior batata que os órfãos Baudelaire e os trigêmeos Quagmire já tinham encontrado.



CAPÍTULO
Treze

Os Baudelaire olharam para os Quagmire, e os Quagmire olharam para os Baudelaire, e então todas as cinco crianças olharam para a turba. Todos os membros do Conselho dos Anciãos vinham andando juntos, os chapéus de corvo bamboleando em uníssono. A sra. Morrow liderava uma cantilena de "Queimem os órfãos! Queimem os órfãos!" à qual a família Verhoogen aderira entusiasticamente, e os olhos do sr. Lesko brilhavam tão forte quanto a sua tocha. A única pessoa que faltava na turba era o detetive Dupin, que as crianças

esperariam estar liderando a multidão. Em vez disso, a oficial Luciana marchava na frente, fechando uma carranca debaixo do visor do capacete enquanto liderava o avanço em suas lustrosas botas pretas. Em uma das mãos enluvadas de branco, segurava alguma coisa envolta em um cobertor, e com a outra mão, apontava para as crianças aterrorizadas.

"Lá estão eles!", gritou a oficial Luciana apontando o dedo enluvado de branco para as cinco crianças aterrorizadas. "Eles não têm mais para onde ir!"

"Ela está certa!", gritou Klaus. "Não temos mais como escapar!"

"Machina!", gritou Sunny.

"Não há nem sinal de deus ex machina, Sunny", disse Violet, os olhos se enchendo de lágrimas. "Não consigo pensar em ajuda nenhuma que possa chegar inesperadamente."

"Machina!", insistiu Sunny, e apontou para o céu. As crianças tiraram os olhos da turba que se aproximava e olharam para cima, e lá estava o mais grandioso exemplo de deus ex machina que já tinham visto. Flutuando logo acima das cabeças das crianças estava a visão superlativa da casa móvel auto-sustentável a ar quente. Embora a invenção tivesse sido consideravelmente maravilhosa de olhar no ateliê de Hector, ela era verdadeiramente estupenda agora que estava de fato sendo posta para funcionar, e até

mesmo os cidadãos irados de C.S.C. pararam de perseguir as crianças por um momento, para que pudessem contemplar aquela visão assombrosa. A casa móvel auto-sustentável a ar quente era enorme, como se um chalé inteiro tivesse se separado de seus arredores e estivesse agora errando pelo céu. As doze cestas estavam todas conectadas e flutuando juntas como um grupo de jangadas, com todos os tubos, canos e fios entrelaçados em volta delas como uma gigantesca peça de tricô. Acima das cestas havia dúzias de balões em vários tons de verde. Totalmente inflados, pareciam uma safra flutuante de maçãs frescas e maduras rebrilhando à última luz do entardecer. Os dispositivos mecânicos trabalhavam a toda força, com luzes piscando, engrenagens girando, sinos repicando, torneiras pingando, polias zumbindo e uma centena de outras engenhocas todas funcionando ao mesmo tempo, porém, miraculosamente, a casa móvel auto-sustentável a ar quente inteira era tão silenciosa quanto uma nuvem. Enquanto a invenção descia para a terra, o único som que se pôde ouvir foi o grito triunfante

de Hector.

"Aqui estou eu!", bradou o factótum da cesta de controle. "E aqui está ela, como um raio em dia de céu claro! Violet, os seus aperfeiçoamentos estão funcionando perfeitamente. Venham a bordo, e escaparemos deste lugar deplorável." Ele acionou um interruptor amarelo-vivo, e uma longa escada de corda começou a se desenrolar para baixo até o lugar onde estavam as crianças. "Como a minha invenção é auto-sustentável", explicou ele, "não foi projetada para voltar ao chão, portanto vocês terão de subir por esta escada."

Duncan agarrou a ponta da escada e segurou para que Isadora subisse. "Eu sou Duncan Quagmire", disse ele depressa, "e esta é a minha irmã Isadora."

"Sim, os Baudelaire me contaram tudo sobre vocês", disse Hector. "Estou contente por vocês virem junto. Como todos os dispositivos mecânicos, a casa móvel auto-sustentável a ar quente, na verdade, precisa de várias pessoas para mantê-la em funcionamento."

"Aha!", exclamou o sr. Lesko quando Isadora marinhou rapidamente escada acima, com Duncan logo atrás. A turba tinha parado de olhar para o deus ex machina e marchava agora novamente na direção das crianças. "Eu sabia que aquilo era um dispositivo mecânico! Todos aqueles botões e engrenagens não me enganam!"

"Caramba, Hector!", disse um Ancião. "A Regra nº 67 reza claramente que nenhum cidadão está autorizado a construir ou usar dispositivos mecânicos."

"Vamos queimá-lo na fogueira também!", gritou a sra. Morrow. "Alguém vá buscar mais lenha!"

Hector respirou fundo e depois gritou para a multidão lá embaixo, sem um pingo de desassossego na voz. "Ninguém vai ser queimado na fogueira", disse ele com firmeza assim que Isadora chegou ao fim da escada e juntou-se a Hector na cesta de controle.

"Queimar pessoas na fogueira é uma coisa repulsiva para fazer!"

"Repulsivo é o seu comportamento", retrucou um Ancião. "As crianças assassinaram o conde Olaf, e você construiu um dispositivo mecânico. Todos vocês quebraram regras muito importantes!"

"Não quero viver em um lugar com tantas regras", replicou Hector em voz calma,

"e com tantos corvos. Estou flutuando para longe daqui, e estou levando estas cinco crianças comigo. Os Baudelaire e os Quagmire passaram por coisas terríveis desde que os pais deles morreram. A cidade de Cultores Solidários de Corvídeos deveria estar cuidando deles, em vez de acusá-los de coisas e caçá-los pelas ruas."

"Mas quem vai fazer as nossas tarefas domésticas?", perguntou um Ancião. "O

Caramanchão do Lanche ainda está cheio de pratos sujos de sundaes com cobertura de chocolate."

"Vocês deviam fazer as suas próprias tarefas domésticas", disse o factótum, debruçando-se para erguer Duncan a bordo de sua invenção, "ou então se revezar para fazê-las de acordo com uma escalação justa. O aforismo é que 'É preciso uma cidade para educar uma criança', e não 'três crianças precisam fazer a limpeza de uma cidade inteira'. Baudelaires, subam a bordo. Vamos deixar essa gente horrível para trás." Os Baudelaire sorriram um para o outro e começaram a marinhar pela escada de corda. Violet foi primeiro, as mãos agarrando a corda áspera o mais firme que podia, e Klaus e Sunny seguiram logo atrás. Hector girou um botão e a casa móvel subiu mais alto bem no momento em que a turba chegou à extremidade da escada. "Eles estão rugindo!", bradou uma Anciã, o chapéu de corvo bamboleando de frustração. Ela pulou para tentar agarrar a ponta da escada, mas Hector tinha manobrado sua invenção levando-a alto demais para ela alcançar. "Os violadores de regras estão fugindo! Oficial Luciana, faça alguma coisa!"

"Vou fazer alguma coisa, pode deixar", disse a oficial Luciana com um grunhido, e jogou longe o cobertor que estava segurando. Do meio da escada, os três Baudelaire olharam para baixo e viram nas mãos de Luciana um objeto grande, de aparência sinistra, com um gatilho vermelho vivo e quatro farpas compridas e afiadas. "Você não é o único que possui um dispositivo mecânico!", gritou ela para Hector. "Isto é um lançador de arpões que o meu namorado me comprou. Ele dispara quatro arpões de ponta farpada, que são lanças compridas perfeitas para estourar balões."

"Oh, não!", disse Hector, olhando para as crianças que marinhavam escada

acima.

"Eleve a casa móvel auto-sustentável a ar quente, Hector!", gritou Violet. "Vamos continuar subindo!"

"Nossa chefe de polícia está usando um dispositivo mecânico?", perguntou atônita a sra. Morrow. "Isto significa que ela também está quebrando a Regra nº 67."

"Os guardiães da lei estão autorizados a quebrar regras", disse Luciana, apontando o lançador de arpões na direção de Hector. "Além do que, isto é uma emergência. Precisamos fazer aqueles assassinos descerem de lá." Elementos da turba se entreolharam confusos, mas Luciana simplesmente deu-lhes um sorriso de batom e apertou o gatilho do lançador de arpões com um forte dic! seguido por um silvo estridente quando um dos arpões farpados saiu voando do lançador diretamente para a invenção de Hector. O factótum conseguiu manobrar a casa móvel auto-sustentável a ar quente para não ser atingida pelo arpão, mas ele acertou um tanque de metal no lado de uma das cestas, abrindo um grande buraco.

"Droga!", disse Hector quando um líquido arroxeado começou a jorrar do buraco.

"E o meu suprimento de suco de framboesa! Baudelaires, depressa! Se ela causar algum estrago sério, estamos todos perdidos!"

"Estamos indo o mais depressa que podemos!", gritou Klaus, mas depois que Hector fez subir mais a sua invenção, a escada de corda começou a balançar tanto que os Baudelaire não estavam conseguindo se mover nem um pouco depressa. Um clic! e um silvo estridente. Mais um arpão saiu voando pelo ar e acertou a cesta número seis, e uma nuvem de pó marrom desceu esvoaçando para o chão, seguida por alguns tubos finos de metal. "Ela atingiu o nosso suprimento de farinha de trigo integral", gritou Hector, "e a nossa caixa de pilhas de reserva!"

"Vou acertar um balão com este aqui!", bradou a oficial Luciana. "E aí vocês vão despencar no chão, onde poderemos queimá-los na fogueira!"

"Oficial Luciana", disse alguém do Conselho dos Anciãos no meio da multidão,

"eu não acho que você deva quebrar as regras a fim de capturar pessoas que quebraram as regras. Isto não faz sentido."

"Ouçam, ouçam!", gritou um cidadão do lado oposto da multidão. "Por que você

não põe de lado esse lançador de arpões e nós não vamos até a Prefeitura para fazer uma reunião do Conselho?"

"Não é legal", bradou uma voz, "fazer reuniões!" Ouviu-se um ruído surdo, como se mais uma grande batata tivesse chegado, e a multidão dividiu-se para deixar passar o detetive Dupin, que atravessou a turba montado em uma motocicleta pintada de turquesa, para combinar com a japona. Embaixo dos óculos de sol havia um sorriso de triunfo, e seu peito nu estava estufado de orgulho.

"O detetive Dupin também está usando um dispositivo mecânico?", perguntou um Ancião. "Não podemos queimar todo mundo na fogueira!"

"Dupin não é um cidadão", ressaltou um outro membro do Conselho, "portanto não está quebrando a Regra nº 67."

"Mas ele está pilotando no meio de uma multidão de pessoas", disse o sr. Lesko,

"e não está usando capacete. Certamente está demonstrando não ter muito juízo." O detetive Dupin ignorou o sermão do sr. Lesko sobre segurança em motocicletas e parou ao lado da oficial Luciana. "É legal chegar atrasado", disse ele, e estalou os dedos. "Eu estava comprando O Pundonor Diário de hoje."

"Você não devia estar comprando jornais", disse um Ancião, sacudindo o seu chapéu de corvo em desaprovação. "Você devia estar capturando criminosos."

"Ouçam, ouçam!", disseram várias vozes concordando, mas a multidão parecia estar começando a ficar indecisa. Manter a ferocidade a tarde inteira é um trabalho duro e, à medida que a situação ia ficando mais complicada, os cidadãos de C.S.C. pareciam estar ficando um pouco menos sedentos de sangue. Alguns cidadãos até abaixaram as suas tochas, que estavam pesando muito de ficar segurando no alto esse tempo todo. Mas o detetive Dupin ignorou essa mudança na psicologia da turba de C.S.C.

"Me deixe em paz, seu idiota de chapéu de corvo", disse ele ao Ancião, e estalou

os dedos. "É legal disparar arpões, oficial Luciana."

"Com certeza", disse Luciana, e olhou para o céu a fim de mirar novamente o seu lançador de arpões. Mas a casa móvel auto-sustentável a ar quente não estava mais solitária no céu. Com toda aquela comoção, ninguém tinha reparado que a tarde se findara e os corvos de C.S.C. haviam deixado seus poleiros na cidade baixa para voar em círculos antes de migrar para a Árvore do Nunca Mais e passar a noite como de costume. Agora os corvos estavam chegando, milhares e milhares deles, e em questão de segundos o céu do anoitecer estava coberto de pássaros pretos e crocitantes. A oficial Luciana não conseguia ver Hector e sua invenção. Hector não conseguia ver os Baudelaire. E os Baudelaire não conseguiam ver nada. A escada de corda estava bem no caminho dos corvos migrantes, e as três crianças estavam absolutamente cercadas pelos pássaros de C.S.C. As asas dos corvos ruflavam contra as crianças, as suas penas ficavam emaranhadas na escada, e tudo o que os três irmãos podiam fazer era se agarrar com toda a força para salvar as suas vidas.

"Baudelaires!", gritou Hector. "Agarrem-se com toda a força para salvar as suas vidas! Vou voar ainda mais alto, acima dos corvos!"

"Não!", gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa tipo "Não estou muito certa se este é o plano mais inteligente — não sobreviveremos a uma queda de tamanha altura!", mas Hector não pôde ouvi-la por cima de mais um elide mais um silvo estridente do lançador de arpões de Luciana. Os Baudelaire sentiram a escada de corda dar um tranco brusco em suas mãos e depois começar a girar vertiginosamente no ar repleto de corvos. Na cesta de controle, os trigêmeos Quagmire olharam para baixo e, através dos corvos migrantes, vislumbraram péssimas notícias.

"O arpão atingiu a escada!", gritou Isadora para os seus desesperados amigos.

"A corda está se desfazendo!"

Era verdade. Quando os corvos começaram a pousar na Árvore do Nunca Mais, os Baudelaire puderam ver mais claramente, e eles olharam para a escada horrorizados. O arpão estava espetado em uma das grossas cordas da escada, a qual estava lentamente se desenrolando em volta da farpa. Aquilo lembrou Violet da vez em que, quando era muito mais jovem, pedira à mãe que trançasse os seus cabelos para que ela ficasse parecida com uma inventora famosa que vira

em uma revista. Mas a despeito dos melhores esforços de sua mãe, as tranças não mantinham a forma e se desenrolavam quase no mesmo momento em que ela lhes amarrava as pontas com fitas. Os cabelos de Violet, lentamente, se destorciam para fora da trança, exatamente como as fibras da corda estavam se destorcendo para fora da escada.

"Subam mais depressa!", gritou Duncan. "Subam mais depressa!"

"Não", Violet disse baixinho, e depois repetiu para que os seus irmãos pudessem ouvir. Cada vez mais, os corvos tomavam seus lugares na árvore, e Klaus e Sunny puderam ver a expressão amarga de Violet olhando para eles lá de cima, desesperada.

"Não." A Baudelaire mais velha deu mais uma olhada para a corda que continuava se destrancando e viu que seria impossível eles conseguirem subir até a cesta da casa móvel auto-sustentável a ar quente de Hector. Era tão impossível quanto a mãe dela um dia voltar a trançar os seus cabelos. "Não podemos fazer isso", disse ela. "Se insistirmos em tentar subir, acabaremos caindo e morrendo. Temos de descer."

"Mas...", disse Klaus.

"Não", disse Violet, e uma lágrima rolou pelo seu rosto. "Não podemos fazer isso, Klaus."

"Ióil!", disse Sunny.

"Não", disse Violet outra vez, e olhou os irmãos nos olhos. Os três Baudelaire compartilharam um momento de frustração e desespero por não poder acompanhar seus amigos, e então, sem mais uma palavra, começaram a descer pela escada que se desfazia, através do bando de corvos ainda migrando para a Arvore do Nunca Mais. Quando os Baudelaire desceram nove degraus, a corda se destrancou completamente e derrubou as crianças na paisagem achatada, infelizes porém incólumes.

"Hector, manobre a sua invenção de volta para baixo!", gritou Isadora. Sua voz soava um pouco fraca de tão longe. "Duncan e eu podemos nos pendurar do lado de fora da cesta e formar uma escada humana! Ainda dá tempo de salvá-los!"

"Não posso", disse Hector com tristeza, olhando para os Baudelaire, que estavam

lá embaixo se levantando do chão e se desembaraçando da escada caída, enquanto o detetive Dupin começava a se aproximar deles em passos largos dos seus sapatos de plástico. "A casa não foi projetada para voltar ao chão."

"Tem de haver um jeito!", exclamou Duncan, mas a casa móvel auto-sustentável a ar quente apenas seguiu flutuando para mais longe.

"Podemos tentar trepar na Árvore do Nunca Mais", disse Klaus, "e pular dos galhos mais altos para a cesta de controle."

Violet sacudiu a cabeça. "A árvore já está meio coberta de corvos", disse ela, "e a invenção de Hector está voando alto demais." Ela ergueu a cabeça para o céu e pôs as mãos em concha na boca, para que a sua voz pudesse viajar toda aquela distância para cima, até os seus amigos. "Não podemos chegar até vocês agora!", gritou ela.

"Tentaremos alcançar vocês mais tarde!"

A voz de Isadora chegou a eles tão fraca que os Baudelaire mal puderam ouvi-la por cima do crocitar dos corvos, que ainda estavam se acomodando na Árvore do Nunca Mais. "Como vocês vão poder nos alcançar mais tarde", gritou ela, "no meio do ar?"

"Não sei!", admitiu Violet. "Mas vamos achar um jeito. Eu prometo!"

"Nesse meio-tempo", gritou Duncan de volta, "fiquem com isto!" Os Baudelaire puderam ver o trigêmeo segurando o seu caderno verde, e Isadora segurando o dela, por cima da borda da cesta. "São todas as informações que temos sobre o plano malévolo do conde Olaf, e o segredo de C.S.C., e o assassinato de Jacques Snicket!" Sua voz estava tão trêmula quanto fraca, e os três irmãos perceberam que seu amigo estava chorando.

"É o mínimo que podemos fazer!", gritou ele.

"Fiquem com os nossos cadernos, Baudelaires!", gritou Isadora, "e talvez algum dia nos vejamos de novo!”

Os trigêmeos Quagmire deixaram cair seus cadernos para fora da casa móvel auto-sustentável a ar quente e gritaram "Adeus!" aos Baudelaire, mas sua despedida foi abafada pelo som de mais um dic! e mais um silvo estridente

quando a oficial Luciana disparou o último arpão. Depois de tanto praticar, lamento dizer, a pontaria dela melhorou, e o arpão atingiu exatamente o que Luciana esperava que ele atingisse. A lança afiada deslizou pelo ar e atingiu não um, mas os dois cadernos dos Quagmire. Houve um barulho alto de papel rasgando e depois o ar se encheu de folhas de caderno jogadas de um lado para outro ao vento farfalhante produzido pelos corvos em vôo. Os Quagmire berraram de frustração e gritaram uma última coisa para os amigos, mas a invenção de Hector estava voando alto demais para os Baudelaire ouvirem. "... voluntário..." foi o que as crianças ouviram fracamente, e depois o balão auto-sustentável a ar quente flutuou para tão alto que os órfãos não puderam ouvir mais nada.

"Tesper!", gritou Sunny, o que queria dizer "Vamos tentar juntar o maior número de folhas dos cadernos que pudermos!".

"Se 'Tesper' significa 'Tudo está perdido', então aquele bebê não é tão bobo, afinal", disse o detetive Dupin, que tinha alcançado os Baudelaire. Ele abriu a japona, expondo mais o seu peito pálido e peludo, e tirou um jornal enrolado de um bolso interno, olhando para as crianças como se fossem três insetos que ele estava prestes a esmagar.

"Achei que vocês iam querer ver O Pundonor Diário', disse ele, e desenrolou o jornal para mostrar a manchete. "ÓRFÃOS BAUDELAIRE À SOLTA!", dizia lá, usando uma expressão que aqui significa "fora da prisão". Debaixo da manchete havia três desenhos, reproduzindo o rosto de cada um dos irmãos.

O detetive Dupin tirou os óculos de sol para poder ler o jornal à luz que se esvaía.

"As autoridades estão tentando capturar Verônica, Klyde e Susie Baudelaire", leu ele em voz alta, "que escaparam da cadeia central de Cultores Solidários de Corvídeos, onde estavam presos pelo assassinato do conde Ornar." Ele deu um sorriso sórdido para as crianças e jogou O Pundonor Diário no chão. "Alguns dos nomes estão errados, é claro", disse ele, "mas todo mundo pode se enganar. Amanhã, naturalmente, haverá outra edição especial, e vou me certificar de que O Pundonor Diário publicará todos os detalhes corretos na matéria sobre a captura superlegal dos notórios Baudelaire pelo detetive Dupin."

Dupin se inclinou para as crianças, chegando tão perto que elas puderam sentir o

cheiro do sanduíche de salada de ovo que ele aparentemente comera no almoço. "É

claro", disse ele em uma voz baixa que só podia ser ouvida pelos irmãos, "que um Baudelaire irá escapar no último minuto, e viver comigo até que a fortuna seja minha. A pergunta é: Qual Baudelaire há de ser? Vocês ainda não me informaram da sua decisão."

"Não vamos dar atenção a essa idéia, Olaf", disse Violet, amarga.

"Oh, não!", exclamou um Ancião, apontando para o horizonte achatado. À luz do ocaso, os Baudelaire viram uma pequena silhueta delgada projetando-se do chão enquanto as folhas dos cadernos dos Quagmire esvoaçavam. Era o último arpão disparado por Luciana, e ele acertara alguma coisa a mais depois de destruir os cadernos. Lá, trespassado pelo arpão cravado na terra, estava um dos corvos de C.S.C., com a boca aberta de dor.

"Você feriu um corvo!", disse a sra. Morrow horrorizada, apontando para a oficial Luciana. "É a Regra nº 1! A mais importante de todas as regras!"

"Ora, é só um pássaro idiota", disse o detetive

Dupin, voltando-se para encarar os chocados cidadãos.

"Um pássaro idiota?", repetiu um Ancião, o chapéu de corvo tremendo de raiva,

"um pássaro idiota?, detetive Dupin, esta é a cidade de Cultores Solidários de Corvídeos, e..."

"Um minuto!", interrompeu uma voz da multidão. "Olhem todos! Ele só tem uma sobrancelha!"

O detetive Dupin, que tinha tirado os óculos de sol para ler o jornal, enfiou a mão no bolso da japona e os colocou de volta. "Uma porção de gente tem só uma sobrancelha", disse ele, mas a multidão não deu atenção, pois a psicologia das turbas começou a dominar outra vez.

"Vamos fazê-lo tirar os sapatos", exclamou o sr. Lesko, e uma Anciã se ajoelhou para agarrar um dos pés de Dupin. "Se ele tiver uma tatuagem, vamos queimá-lo na fogueira!"

"Ouçam, ouçam!", concordou um grupo de cidadãos.

"Agora, esperem um minuto!", disse a oficial Luciana, pondo no chão o lançador de arpões e olhando preocupada para Dupin.

"E vamos queimar a oficial Luciana também!", disse a sra. Morrow. "Ela feriu um corvo!"

"Não vamos desperdiçar todas estas tochas!", gritou um Ancião.

"Ouçam, ouçam!"

O detetive Dupin abriu a boca para falar, e as crianças viram que ele estava pensando furiosamente em alguma coisa para dizer que enganasse os cidadãos de C.S.C. Mas ele então simplesmente fechou a boca e, com um movimento brusco do pé, chutou a Anciã que estava segurando o seu sapato. A turba abafou um grito escandalizado quando o chapéu de corvo da Anciã caiu enquanto ela rolava pelo chão, ainda agarrada ao sapato de plástico de Dupin.

"É a tatuagem!", gritou um dos Verhoogen, apontando para o olho no tornozelo esquerdo do detetive Dupin — ou melhor, do conde Olaf. Com um urro, Olaf correu de volta para a sua motocicleta e, com outro urro, deu partida no motor. "Pule na garupa, Esmé!", gritou ele para a oficial Luciana. A chefe tirou o seu capacete de motociclista com um sorriso, e os Baudelaire viram que se tratava realmente de Esmé Squalor.

"É Esmé Squalor!", gritou um Ancião. "Ela era a sexta consultora financeira mais bem-sucedida da cidade, mas agora trabalha com o conde Olaf!"

"Ouvi dizer que eles dois estão namorando!", disse a sra. Morrow horrorizada.

"Nós estamos namorando!", exclamou Esmé, triunfante. Ela subiu na motocicleta de Olaf e jogou o capacete no chão, mostrando que não dava mais importância à

segurança em motocicletas do que ao bem-estar dos corvos.

"Até mais ver, Baudelaires!", bradou o conde Olaf, chispando pelo meio da multidão irada. "Vou encontrar vocês de novo, se as autoridades não os encontrarem primeiro!"

Esmé soltou uma gargalhada que mais parecia um cacarejo enquanto a motocicleta disparava rugindo pela paisagem achatada a mais do dobro da velocidade máxima permitida, e em momentos a motocicleta se transformou em um pontinho tão minúsculo no horizonte quanto a casa móvel auto-sustentável a ar quente no céu. A turba ficou olhando desapontada na direção dos dois vilões.

"Nunca vamos alcançá-los", disse um Ancião fechando a cara. "Não sem dispositivos mecânicos."

"Isso não tem importância", retrucou um outro Ancião. "Temos coisas mais importantes para nos preocupar. Depressa, todo mundo! Levem esse corvo urgentemente para o veterinário de C.S.C.!"

Os Baudelaire se entreolharam atônitos enquanto os cidadãos de C.S.C. liberavam com todo o cuidado o corvo do arpão e começavam a levá-lo de volta à cidade.

"O que faremos?", perguntou Violet. Ela estava falando com os irmãos, mas um membro do Conselho dos Anciãos ouviu e voltou-se para responder-lhe. "Vocês tratem de não sair daqui", disse ele. "O conde Olaf e aquela namorada desonesta dele podem ter escapado, mas vocês três ainda são criminosos. Vamos queimá-los na fogueira assim que este corvo tiver recebido os cuidados médicos necessários."

O Ancião saiu correndo atrás da turba que levava o corvo ferido e, em poucos segundos, as crianças se viram sozinhas na paisagem achatada, tendo apenas as folhas espalhadas dos cadernos dos Quagmire por companhia. "Vamos juntar essas folhas", disse Klaus, curvando-se para recolher uma toda rasgada. "São a nossa única esperança de descobrir o segredo de C.S.C."

"E de derrotar o conde Olaf", concordou Violet indo até o lugar onde estava um pequeno maço de folhas que tinham permanecido juntas.

"Delinqüe!", disse Sunny, apanhando uma que parecia conter um mapa rabiscado. Ela queria dizer "E de provar que não somos assassinos!" e as crianças pararam para dar uma olhada n'O Pundonor Diário que ainda estava jogado no chão. As suas próprias caras olhavam para eles abaixo da manchete "ÓRFÃOS BAUDELAIRE À

SOLTA!", mas as crianças não se sentiam à solta. Os Baudelaire se sentiam

constrangidos e muito pequeninos, sozinhos em pé no meio dos arredores descalvados de C.S.C., correndo atrás das poucas folhas dos cadernos dos Quagmire que não tinham desaparecido para sempre. Violet conseguiu agarrar três folhas, Klaus conseguiu agarrar sete, e Sunny conseguiu agarrar nove, mas muitas das páginas recuperadas estavam rasgadas, ou em branco, ou todas amarrotadas pelo vento.

"Vamos estudá-las depois", disse Violet, juntando as folhas e amarrando-as em um maço com a sua fita de cabelo. "Nesse meio-tempo, temos de sair daqui antes que a turba volte."

"Mas para onde iremos?", perguntou Klaus.

"Burb", disse Sunny, o que queria dizer "Para qualquer lugar, desde que seja fora desta cidade".

"Quem irá tomar conta de nós?", disse Klaus, o olhar perdido no horizonte.

"Ninguém", disse Violet. "Teremos de tomar conta de nós mesmos. Teremos de ser auto-sustentáveis."

"Como a casa móvel auto-sustentável a ar quente", disse Klaus, "que pode viajar e sobreviver sozinha."

"Como eu", disse Sunny e, de repente, pôs-se em pé. Violet e Klaus soltaram um gritinho abafado de surpresa quando a sua irmã bebê deu os seus primeiros passos cambaleantes, e depois foram andar bem perto ao lado dela, prontos para segurá-la se caísse.

Mas ela não caiu. Sunny deu mais alguns passos auto-sustentados, e então os três Baudelaire ficaram em pé juntos, lançando longas sombras na direção do horizonte à

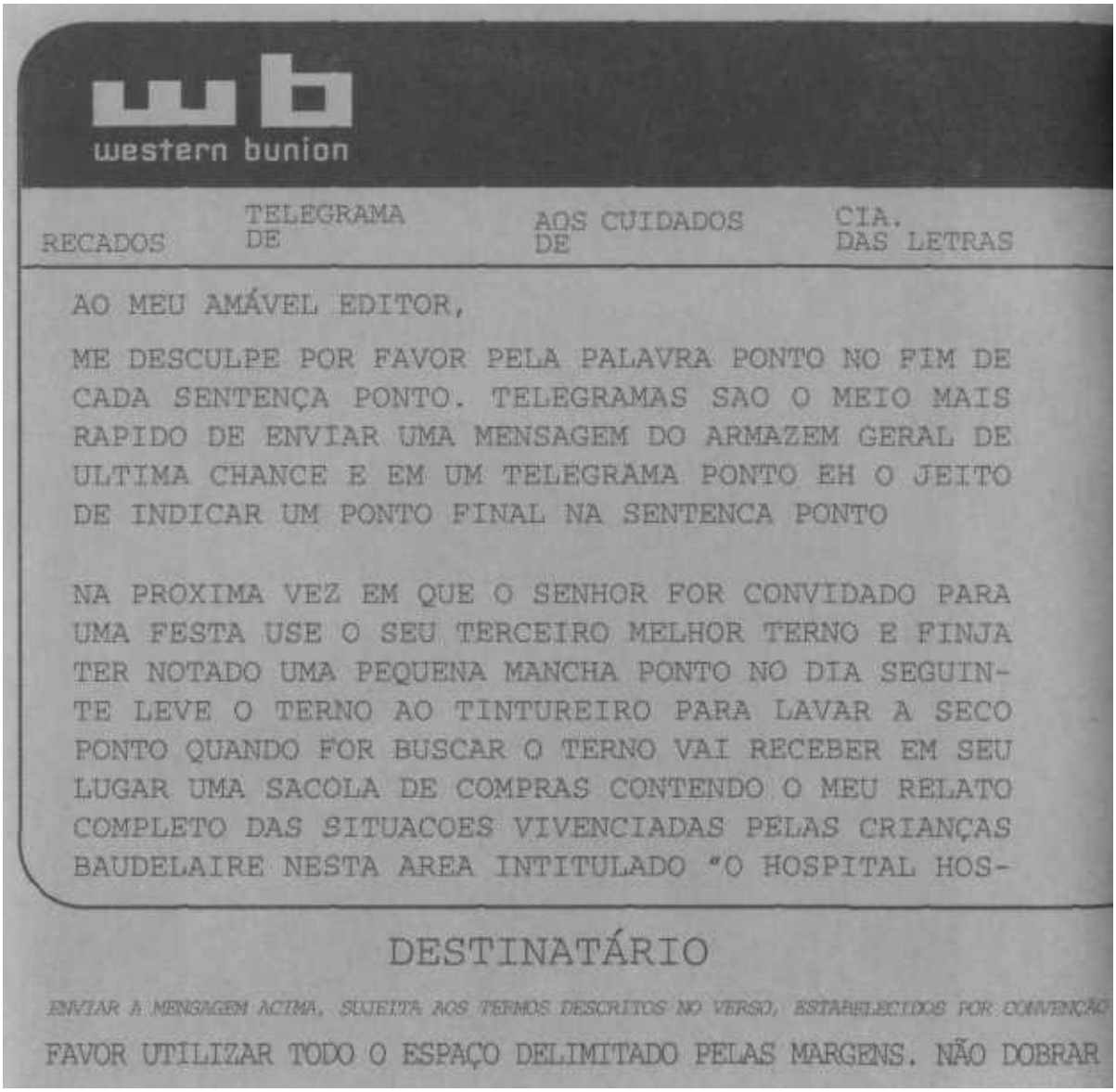
luz moribunda do ocaso. Eles olharam para cima e viram um pontinho minúsculo no céu, muito, muito longe, onde os trigêmeos Quagmire passariam a viver em segurança com Hector. Eles olharam ao longe na paisagem, na direção em que o conde Olaf desaparecera em sua motocicleta com Esmé Squalor, para se encontrar com seus parceiros e maquinar um novo plano ignóbil. Eles olharam para trás, para a Árvore do Nunca Mais, onde os corvos de C.S.C. crocitavam juntos se acomodando para o seu pouso noturno, e depois eles

olharam para o mundo, onde as famílias por toda parte iriam logo estar lendo tudo sobre os três irmãos na edição especial d'O Pundonor Diário. Aos Baudelaire, parecia que todas as criaturas do mundo estavam sendo cuidadas por outras

— todas as criaturas, menos eles mesmos.

Mas as crianças, naturalmente, iriam cuidar umas das outras, como já vinham fazendo desde aquele dia terrível na praia. Violet, Klaus e Sunny se entreolharam e respiraram fundo, reunindo toda a sua coragem para enfrentar os raios em dia de céu claro que, segundo eles — e lamento dizer que estavam certos —, os aguardavam no futuro, e então os auto-sustentáveis órfãos Baudelaire deram os primeiros passos na direção das últimas luzes remanescentes do sol poente.


CHANCONETA DIARIO
ULTIMA
CHANCE



western bunion

RECADOS | TELEGRAMA DE | AOS CUIDADOS DE | CIA. DAS LETRAS

AO MEU AMÁVEL EDITOR,

ME DESCULPE POR FAVOR PELA PALAVRA PONTO NO FIM DE CADA SENTENÇA PONTO. TELEGRAMAS SAO O MEIO MAIS RAPIDO DE ENVIAR UMA MENSAGEM DO ARMAZEM GERAL DE ULTIMA CHANCE E EM UM TELEGRAMA PONTO EH O JEITO DE INDICAR UM PONTO FINAL NA SENTENCA PONTO

NA PROXIMA VEZ EM QUE O SENHOR FOR CONVIDADO PARA UMA FESTA USE O SEU TERCEIRO MELHOR TERNO E FINJA TER NOTADO UMA PEQUENA MANCHA PONTO NO DIA SEGUINTE LEVE O TERNO AO TINTUREIRO PARA LAVAR A SECO PONTO QUANDO FOR BUSCAR O TERNO VAI RECEBER EM SEU LUGAR UMA SACOLA DE COMPRAS CONTENDO O MEU RELATO COMPLETO DAS SITUACOES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS BAUDELAIRE NESTA AREA INTITULADO "O HOSPITAL HOS-

DESTINATÁRIO

ENVIAR A MENSAGEM ACIMA, SUJEITA AOS TERMOS DESCRITOS NO VERSO, ESTABELECIDOS POR CONVENÇÃO

FAVOR UTILIZAR TODO O ESPAÇO DELIMITADO PELAS MARGENS. NÃO DOBRAR

AO MEU AMÁVEL EDITOR,

ME DESCULPE POR FAVOR PELA PALAVRA PONTO NO FIM DE CADA SENTENÇA PONTO. TELEGRAMAS SÃO O MEIO MAIS RÁPIDO DE ENVIAR UMA MENSAGEM DO ARMAZÉM GERAL DE

ULTIMA CHANCE E EM UM TELEGRAMA PONTO EH O JEITO DE INDICAR UM PONTO FINAL NA

SENTENÇA PONTO

NA PRÓXIMA VEZ EM QUE O SENHOR FOR CONVIDADO PARA UMA FESTA USE O SEU TERCEIRO

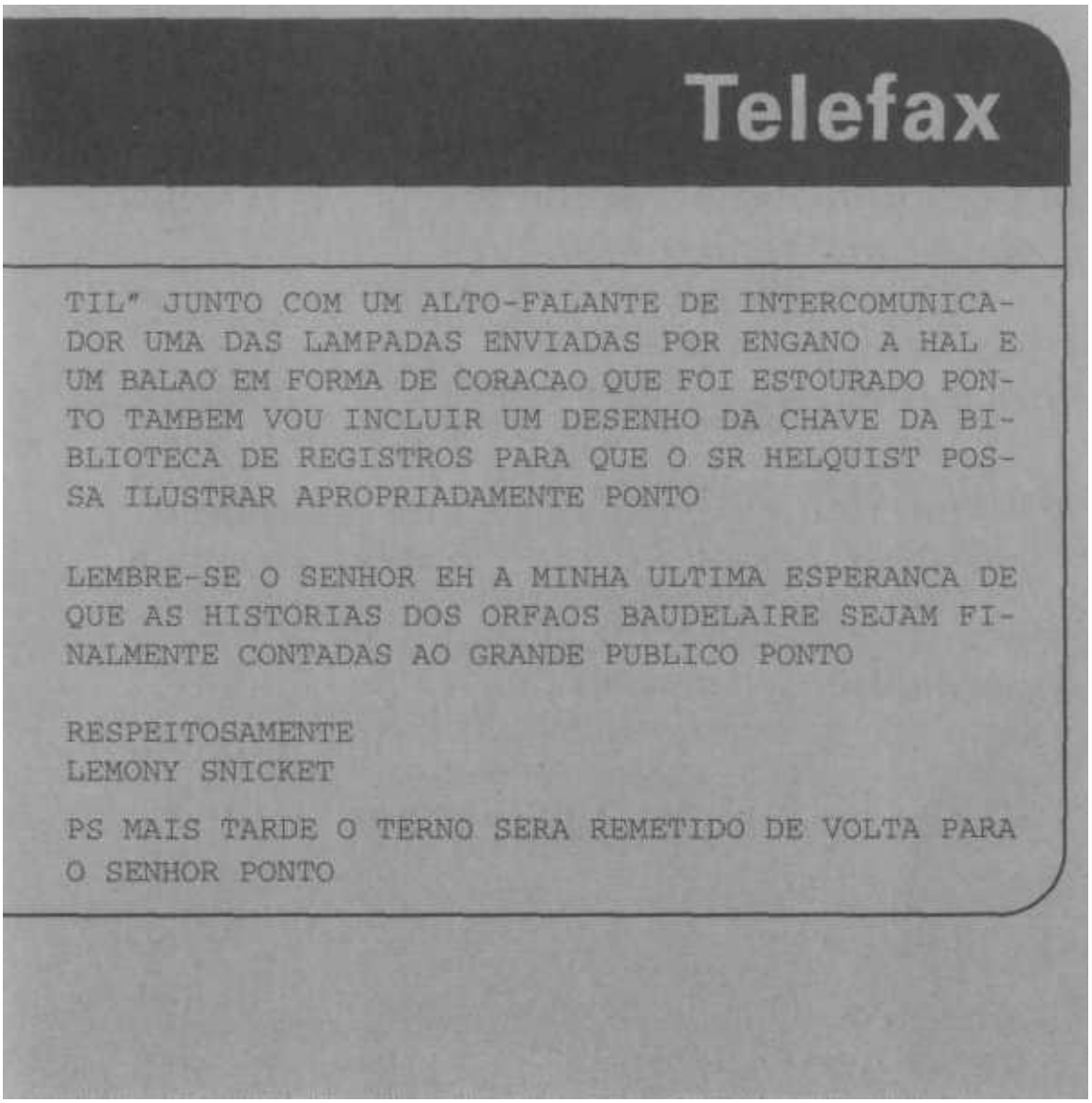
MELHOR TERNO E FINJA TER NOTADO UMA PEQUENA MANCHA PONTO NO DIA SEGUINTE LEVE O

TERNO AO TINTUREIRO PARA LAVAR A SECO PONTO QUANDO FOR BUSCAR O TERNO VAI

RECEBER EM SEU LUGAR UMA SACOLA DE COMPRAS CONTENDO O MEU RELATO COMPLETO DAS

SITUAÇÕES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS BAUDELAIRE NESTA ÁREA INTITULADO “O HOSPITAL

HOSTIL”



Telefax

TIL" JUNTO COM UM ALTO-FALANTE DE INTERCOMUNICA-
DOR UMA DAS LAMPADAS ENVIADAS POR ENGANO A HAL E
UM BALAO EM FORMA DE CORACAO QUE FOI ESTOURADO PON-
TO TAMBEM VOU INCLUIR UM DESENHO DA CHAVE DA BI-
BLIOTECA DE REGISTROS PARA QUE O SR HELQUIST POS-
SA ILUSTRAR APROPRIADAMENTE PONTO

LEMBRE-SE O SENHOR EH A MINHA ULTIMA ESPERANCA DE
QUE AS HISTORIAS DOS ORFAOS BAUDELAIRE SEJAM FI-
NALMENTE CONTADAS AO GRANDE PUBLICO PONTO

RESPEITOSAMENTE
LEMONY SNICKET

PS MAIS TARDE O TERNO SERA REMETIDO DE VOLTA PARA
O SENHOR PONTO

JUNTO COM UM ALTO-FALANTE DE INTERCOMUNICADOR UMA DAS LAMPADAS ENVIADAS POR

ENGANO A HAL E UM BALÃO EM FORMA DE CORAÇÃO QUE FOI ESTOURADO PONTO TAMBÉM VOU

INCLUIR UM DESENHO DA CHAVE DA BIBLIOTECA DE REGISTROS PARA QUE O SR HELQUIST

POSSA ILUSTRAR APROPRIADAMENTE PONTO.

LEMBRE-SE O SENHOR EH A MINHA ULTIMA ESPERANÇA DE QUE AS HISTORIAS DOS ÓRFÃOS

BAUDELAIRE SEJAM FINALMENTE CONTADAS AO GRANDE PUBLICO PONTO

RESPEITOSAMENTE

LEMONY SNICKET

OS MAIS TARDE O TERNO SERÁ REMETIDO DE VOLTA PARA O SENHOR PONTO

